

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Lucimar Alberti**

**DISCURSOS SOBRE SAÚDE NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA  
(1968-1974)**

Porto Alegre  
2017

**Lucimar Alberti**

**DISCURSOS SOBRE SAÚDE NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA  
(1968-1974)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador; Prof. Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre  
2017

### CIP - Catalogação na Publicação

Alberti, Lucimar

Discursos sobre saúde nas páginas da Revista Veja  
(1968 - 1974) / Lucimar Alberti. -- 2017.  
102 f.

Orientador: Luís Henrique Sacchi dos Santos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Discurso. 2. Saúde. 3. Revista Veja. 4. Mídia.  
5. Ditadura Militar. I. Santos, Luís Henrique Sacchi  
dos, orient. II. Título.

**Lucimar Alberti**

**DISCURSOS SOBRE SAÚDE NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA  
(1968-1974)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 31 de jan. 2017.

---

Dr. Luís Henrique Sacchi dos Santos - Orientador

---

Dra. Marisa Vorraber Costa – PPGEDU/UFRGS

---

Dra. Circe Maria Jandrey – UFRGS

---

Dra. Saraí Patrícia Schmidt - FEEVALE

## **Agradecimentos**

Não existe trabalho que seja feito totalmente sozinho, sem a ajuda de outras pessoas, e este não poderia ser diferente. Ao longo do caminho percorrido, foram muitas as pessoas que, de uma maneira ou outra, contribuíram para a realização desta dissertação. Fosse através de alguma sugestão de leitura, ou por alguma contribuição quanto ao estilo ou caminho a seguir. O fato é que muitas pessoas, de formas diferentes, contribuíram para a realização deste trabalho. A partir disso, gostaria de agradecer, a cada uma, pela ajuda e colaboração. Sem vocês, nada disso seria possível.

A todos os professores do PPGEdU/UFRGS, com os quais pude aprender muito, em todos os momentos de convívio.

Ao meu orientador, Professor Luís Henrique Sachhi dos Santos, pelo apoio, orientação e, principalmente, por acreditar no meu trabalho.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa, que deram contribuições generosas para a realização deste trabalho.

À minha esposa, Roberta, por entender meus momentos de solidão, sendo meu suporte nas horas de dificuldade.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.

Fernando Sabino. Encontro Marcado. Editora Record, 2005.

## RESUMO

Em “Discursos sobre saúde nas páginas da Revista Veja (1968 – 1974)” trato dos discursos sobre saúde, publicados num veículo de comunicação, que estava surgindo no Brasil, no final da década de 1960, neste caso, a Revista Veja. Levando em consideração as poucas produções acerca da saúde no Brasil, durante o período selecionado, a presente dissertação tem como objetivo verificar e caracterizar os discursos sobre saúde, existentes nessa década e veiculados na Revista, principalmente na seção intitulada “Medicina”. Para tanto, utilizo-me, neste trabalho, de alguns pressupostos próprios dos Estudos Culturais, como a compreensão de que as revistas educam as pessoas, através de suas reportagens, oferecendo não apenas informações, mas também maneiras de compreender o mundo. Além disso, faço uso do conceito de discurso para mapear o que se pensava e o que se falava, mesmo que em linhas gerais, a respeito da saúde, no Brasil e no mundo. Procuro também demonstrar como as reportagens da Revista Veja, e os discursos que articulavam, mantinham forte relação com o momento histórico do período analisado.

**Palavras-Chave:** Discurso; Saúde; Revista Veja; Mídia; Ditadura Militar.

## ABSTRACT

In "Discourses on Health in the pages of Veja Magazine (1968 - 1974)" I deal with health discourses, published in a vehicle of communication that was emerging in Brazil in the late of 1960s, in this case, Veja Magazine. Taking into account the few health productions in Brazil during the selected period, this dissertation aims to verify and characterize the discourses on health existing in the period and linked in the Magazine, mainly in the section entitled "Medicine". For this, I use in this academic work some assumptions specific to Cultural Studies, such as the understanding that magazines educate people through their reports, offering not only information but also ways to understand the world. In addition, I use the concept of discourse to map what was thought and what was said, even broadly, about health in Brazil and in the world. I also try to demonstrate how Veja Magazine's reports and the discourses that articulated maintained a strong relationship with the historical moment of the analyzed period.

Keywords: Discourse; Health; Veja Magazine; Media; Military Dictatorship.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b>	Palavras-Chave listadas das reportagens.....	56
<b>Quadro 2:</b>	Relação entre Palavras-Chave e Categorias.....	57
<b>Quadro 3:</b>	Número de ocorrência das categorias por ano.....	86

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS.....	14
1.2 ASPECTOS TEÓRICOS INICIAIS.....	15
1.3 A REVISTA.....	17
<b>2 CONTEXTUALIZANDO O PERÍODO</b> .....	21
2.1 O BREVE SÉCULO XX.....	21
2.2 O BRASIL NO SÉCULO XX.....	24
2.3 UMA BREVE HISTÓRIA DA SAÚDE NO BRASIL DO SÉCULO XX.....	30
2.4 A IMPRENSA NO BRASIL.....	35
<b>3 OS ESTUDOS CULTURAIS: UMA MANEIRA DE OLHAR</b> .....	39
3.1 ESTUDOS CULTURAIS: POSSIBILIDADES.....	39
3.2 SAÚDE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO.....	42
3.3 AS REVISTAS ENQUANTO ESPAÇOS EDUCATIVOS.....	46
<b>4 CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE</b> .....	53
4.1 DELIMITANDO O PERÍODO E RECORTANDO O ACERVO .....	53
4.2 IDENTIFICANDO RECORRÊNCIAS.....	55
4.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	58
<b>5 SAÚDE NAS PÁGINAS DE VEJA</b> .....	63
5.1 PROCEDIMENTOS.....	64
5.2 PESQUISAS E DOENÇAS.....	71
5.3 PREVENÇÃO.....	77
5.4 ARTICULANDO DISCURSOS.....	83
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	89
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	94
7.1 REPORTAGENS ANALISADAS NA DISSERTAÇÃO .....	99
<b>APÊNDICE</b> .....	101

## **Apresentação**

Após mais de dois anos como aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS (PPGEdu/UFRGS), algumas posições e estilos foram sendo assimilados e, nesse processo, passei a entender a importância de me posicionar enquanto autor. Eu, que agora escrevo para você que faz a leitura, preciso, fundamentalmente, comunicar algo. Comunicação essa que é intencional e não pode ser desconectada do momento no qual escrevo ou, ainda, desconsiderar quem sou. Portanto, é conveniente que, desde agora, deixe claro que sou professor e, como tal, atuo na Educação Básica, em dois municípios do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Como professor, ensino História, disciplina na qual sou Licenciado pela ULBRA, desde 2006. E vem daí parte da minha identificação com a Nova História Cultural e também com os Estudos Culturais.

Enquanto professor, ocupo parte importante dos meus dias, pensando nos processos educativos, tanto no que diz respeito à minha prática de sala de aula, quanto na educação que ocorre, através dos diversos artefatos culturais. Faço isso por entender que ambos são importantes e ambos se atravessam em momentos diferentes. Porém, é importante deixar claro que, nesta dissertação, a ênfase está nos processos educativos, que ocorrem através do acesso aos diferentes meios de comunicação, mais especificamente, à Revista Veja.

Quando do meu ingresso no PPPGEdu/UFRGS, não tinha muita certeza sobre o tema que gostaria de desenvolver. Apesar de já possuir certa familiaridade com os Estudos Culturais (EC), devido a uma Especialização, cursada nesse campo, no período em que fui aluno da ULBRA, desconhecia grande parte das discussões que, na atualidade, estão presentes no campo dos EC. Apesar de, na época, já pensar sobre as implicações de determinados artefatos, na constituição dos papéis sociais atribuídos e exercidos pelas pessoas, em determinados contextos sociais e históricos, ainda não possuía clareza da relevância desses artefatos na produção de determinadas formas de estar no mundo.

Assim, levando em consideração minha formação acadêmica e experiência profissional, bem como a partir das conversas que tivemos ao longo das aulas e orientações, surgiu a possibilidade de se pensar uma pesquisa que tratasse de verificar o que se refletia sobre saúde, entre as décadas de 1960 e 1970, tentando, assim, preencher um espaço em branco, deixado pela historiografia, acerca do tema.

Dessa forma, a fim de tornar esse processo mais organizado e, buscando expor as ideias que foram surgindo, apresento, nas páginas que seguem, o resultado da minha pesquisa.

O texto está dividido - para além desta *Apresentação* - em cinco partes que recebem, respectivamente, os seguintes nomes: *1)Introdução; 2)Contextualizando o Período; 3)Estudos Culturais: uma maneira de olhar; 4)Construindo uma metodologia de análise; 5)Saúde nas páginas de Veja* e, por fim, *6) Considerações Finais*.

Na *Introdução*, apresento, em linhas gerais, as concepções teóricas que embasam esta pesquisa, bem como meus objetivos, o problema de pesquisa e minhas justificativas para a realização desta dissertação. Além disso, aproveito este espaço para apresentar a Revista Veja, principalmente, no que diz respeito ao seu público leitor.

No segundo capítulo, intitulado *Contextualizando o período*, busco tecer uma linha de condução, ao longo do século XX, que demonstre, mesmo que em linhas gerais, a construção do mundo que encontramos no período analisado. Para tanto, inicio com a Primeira Guerra Mundial, no âmbito global, tomando-a, em termos históricos, como um marco frequentemente utilizado para explicar as transformações que se operaram, no começo do século, e sigo em direção ao cenário brasileiro, nos anos de 1960. Busco aqui construir uma narrativa que vá do macro ao micro, ou, em outras palavras, do global ao local, entendendo este último como o contexto brasileiro.

Nesse processo, apresento as transformações ocorridas com o Brasil no período, como as mudanças dos serviços de saúde, ao longo do tempo. Além disso, procuro construir uma rede, através da qual possa demonstrar as condições de ocorrência e existência dos discursos sobre os quais tratarei, ao longo dessa dissertação. Retomo, assim, algumas das transformações que ocorreram no Brasil, na década de 1960, dando ênfase ao surgimento das revistas semanais, mais especificamente, o lançamento da Revista Veja, em 1968.

Talvez cause certa estranheza a leitura desse capítulo, pois optei por utilizar uma redação mais linear, que parte de um ponto, cronologicamente mais distante no tempo, em direção aos anos de 1960. Nesse percurso, utilizo referências mais gerais, que podem ser entendidas como uma História mais política. No entanto, escolhi esse formato, buscando evidenciar as estruturas gerais que possibilitaram o surgimento e a circulação dos discursos que busco analisar.

No terceiro capítulo, ou *Estudos Culturais: uma maneira de olhar*, procuro mostrar como os Estudos Culturais podem oferecer um espaço privilegiado para análises dos discursos sobre saúde, articulando algumas ideias e conceitos, que considero relevantes para pensar esse tipo de temática. Aqui realizo, também, uma breve apresentação de alguns trabalhos que tratam, ou de assuntos próximos, ou que utilizem o mesmo tipo de material para análise. Minha intenção aqui é demonstrar como a articulação de conceitos, como Discurso,

Pedagogias Culturais, Biopedagogias e Modos de Endereçamento podem contribuir para a elaboração de uma rede conceitual, através da qual se possa pensar as questões de saúde, que estavam em evidência, na Revista Veja, durante o período selecionado.

No quarto capítulo, intitulado *Construindo o Objeto de Pesquisa*, considerei oportuno explicitar os passos que segui para chegar neste recorte temático e, principalmente, temporal. A escrita, neste capítulo, busca demonstrar minhas escolhas metodológicas, os passos e critérios que utilizei para selecionar o material, bem como as recorrências que identifiquei para construir as categorias, através das quais analiso a Revista Veja. É importante destacar que, neste capítulo, também abordo os procedimentos de análise, que orientam minha maneira de tratar o acervo.

Por fim, no quinto capítulo, ou, *Saúde nas páginas de Veja*, busco demonstrar como, no período escolhido, a Revista trazia uma série de aspectos variados sobre Saúde, os quais podem ser úteis para se entender a constituição desse tipo de discurso no Brasil, ao longo dos anos, seja na direção de melhor configurar e conhecer o período, seja na direção de oferecer subsídios, para que se possa problematizar as possíveis origens de algumas recorrências sobre o tema. Este trabalho não pretende ser definitivo, no que diz respeito às temáticas que trata. Ao contrário disso, acredito ser essa uma aproximação necessária, a fim de ampliarmos nossa compreensão sobre o período e suas questões fundamentais.

A fim de organizar melhor o trabalho, decidi utilizar a referência da revista apenas com seu nome e sua data de publicação, quando estiver tratando do nome da reportagem. Enquanto que, nas ocasiões em que citar algum fragmento de reportagem, irei acrescentar a página aos dados já indicados. Assim, quando estiver falando apenas do título da reportagem, usarei, por exemplo, (VEJA, 19/08/1968), enquanto que, nas vezes em que utilizar uma citação direta da revista, o formato utilizado será (VEJA, 19/08/1968, p.47).

## 1 - INTRODUÇÃO

No texto que segue, apresento minha pesquisa, a qual é requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PPGEDU/UFRGS). Pesquisa essa que se insere no âmbito do Projeto Guarda-Chuva “Educação, Saúde e Ciências: dispositivo de medicalização e produção contemporânea dos corpos”, desenvolvido pelo meu orientador. Nessa direção, o presente estudo pretende se deter num determinado período da história brasileira, cujos levantamentos desse projeto guarda-chuva apontam como menos discutido, no que concerne à relação entre educação e saúde – tal como buscarei aprofundar no que segue.

Uma pesquisa parte, geralmente, de um problema ou de algo menos conhecido pelo pesquisador para algo que, com o tempo, ele conhecerá melhor. Trata-se, neste caso, de um processo, de uma caminhada que se inicia com a elaboração de uma hipótese ou ideia e que vai se articulando, ao longo do tempo, em torno de outras reflexões. Enquanto processo, possui avanços e retrocessos e, como tal, necessita de leitura, reflexões, conversas com colegas e professores, e, novamente, releituras, reescritas, novas compreensões, novas conversas e, assim, a dissertação vai se constituindo. Em outras palavras, a pesquisa vai acontecendo em meio a um sem número de questões e problemas que vamos tentando resolver. Logo, por se tratar de pesquisa, nada do que se encontra aqui é definitivo.

Considero importante esclarecer, antes que prossiga a leitura, que este trabalho atua nos limites de áreas diferentes. Isso ocorre, em grande parte, por se tratar de uma pesquisa posicionada no interior dos Estudos Culturais que, desde sua origem, mostrou-se um campo híbrido. Assim, este trabalho foi produzido, a partir da articulação de questões relacionadas à Educação, na forma como os Estudos Culturais a entendem, da mesma maneira como utiliza referências e pressupostos da História, cruzando ambas na análise de uma revista semanal, compreendendo-a como um artefato capaz de atuar na educação das pessoas. Além de utilizar argumentos e pressupostos dos Estudos Culturais e da História, procura analisar como a Saúde foi tratada em um meio de comunicação de grande circulação nacional. Assim, ao articular áreas distintas na construção de seu referencial teórico, é possível que o leitor sinta falta de mais História, ou de mais Educação, ou de mais discussões acerca da mídia e seus usos, bem como um maior aprofundamento das questões sobre Saúde no período. No entanto, é importante deixar claro que esta dissertação busca exatamente isso: posicionar-se entre as fronteiras dos saberes, correndo, assim, os riscos próprios desse posicionamento.

## 1.1- JUSTIFICATIVAS E OBJETIVOS

Existe uma longa tradição de estudos, na área da saúde, que tratam do movimento higienista do início do século XX, bem como uma diversificada produção, que aborda os últimos anos do século XX e o início do século XXI. No entanto, essa grande quantidade de trabalhos não significa que todos os espaços e temas tenham sido abordados. Trabalhos como o de Stephanou (1999), tratando do Rio Grande do Sul, Rocha (2003), falando de São Paulo, e Abreu (2010), analisando um processo similar no Estado de Minas Gerais, são exemplos das produções realizadas sobre o início do século XX. A partir de uma ênfase diferente, mas ainda tratando das questões relacionadas à Saúde e à Educação, porém em momentos distintos, trabalhos como o de Santos (2002), Ripoll (2001) e Pruinelli (2008), por exemplo, abordam temáticas e problemas em saúde mais específicos do final do século XX e início do século XXI.

O que é necessário deixar evidente desde aqui - e os próximos capítulos mostrarão isso – é que existe um hiato na produção acadêmica sobre saúde, no período que vai entre os anos de 1960 e final dos anos de 1970. Este “espaço” deixado pela historiografia não é total. No entanto, os poucos trabalhos que existem relatam, geralmente, aspectos mais ligados às transformações de ordem política e administrativa. Nessa perspectiva, trabalhos como os de Lima e Pinto (2003), que tratam da saúde pública brasileira, durante a Ditadura Militar brasileira, e de Bertolli Filho (2011), sobre as condições de saúde no Brasil, durante os anos de 1960, são exemplares desse tipo de análise. Assim, a presente pesquisa busca se inserir nesse espaço, ainda pouco ocupado, pretendendo contribuir no processo de mapeamento das questões fundamentais, que eram reverberadas por *Veja*, em suas páginas, durante o período de 1968 e 1974.

Esse mapeamento não pretende ser uma produção definitiva, e nem poderia, visto tratar-se de um certo tipo de olhar lançado sobre o período em questão, sobre um artefato cultural específico, por isso, mutável e dinâmico. O que busco aqui é produzir uma leitura acerca do período selecionado, verificando as questões fundamentais que a *Revista Veja* fazia circular, em suas páginas, no que diz respeito à saúde. Entendo que, ao utilizar a *Revista Veja*, estou limitando meu olhar a um nicho muito específico, no caso, as reportagens desta revista. Porém, compreendo que, ao elencar *Veja* como acervo documental, abro espaço para deixar fluir questões centrais para uma sociedade, que vivia um acelerado processo de transformação, marcado por mudanças políticas, sociais e culturais.

Como objetivo principal, a pesquisa pretende contribuir para a historiografia do campo da educação em saúde, elegendo um período pouco estudado, no que se refere aos modos como as temáticas de saúde foram veiculadas no país, a partir da análise de uma revista de grande circulação nacional. Em termos de questão de pesquisa, tal objetivo poderia ser apresentado da seguinte maneira: Quais eram os discursos sobre saúde ou educação em saúde presentes nas páginas da Revista Veja, entre os anos de 1968 e 1974? Com os seguintes objetivos específicos: Quais eram os principais temas, os principais problemas, bem como as possíveis soluções apontadas naquela época? Que instituições e atores estavam falando – o que, desde que lugar, para quem? – sobre saúde ou educação em saúde naqueles primeiros anos da Revista? Em que medida se pode tomar esse período da Veja como um possível “retrato” daquilo que se passava e gestava em termos de saúde e educação em saúde no Brasil?

## 1.2- ASPECTOS TEÓRICOS INICIAIS

A elaboração desta dissertação parte de alguns pressupostos, que orientaram minha pesquisa e minha escrita, os quais pretendo deixar claro, desde o início. Por se tratar de um texto introdutório, apresento assim os pressupostos, num total de três, na seguinte lista: a) as revistas articulam discursos distintos, que acabam atuando enquanto pedagogias culturais e, nesse processo, acabam educando seus leitores; b) a história pode ser escrita, a partir da identificação de sinais espalhados em diversos artefatos; c) os discursos são historicamente constituídos, vinculados em diversos artefatos culturais, e acabam nos formando também enquanto cidadãos.

A partir das considerações de Gerzson (2007), entendo que as revistas atuam como artefatos educativos, na medida em que estão implicadas com determinados discursos que pretendem disseminar e fazer vigorar, em seu conjunto, pedagogias culturais. E, além disso, por ser um produto de uma determinada época, compreendo que as revistas, assim como a música, a literatura, a ciência, enfim, tudo que é produzido por uma determinada sociedade, trazem, em si, as visões de mundo e interpretações dessa mesma sociedade. Assim, neste trabalho, procuro a articulação de conceitos diferentes, que permitem pensar as questões de saúde veiculadas em Veja, tomando essas enquanto discursos. E, por isso, alinhados com um determinado contexto histórico.

Esse contexto, ao qual me refiro aqui, diz respeito aos elementos, próprios do seu tempo, que constituem o cenário sobre o qual esses discursos podem se articular e circular.



Esse cenário pode ser reconstituído, a partir dos indícios ou sinais que encontramos nesses artefatos que analisamos. Neste caso, me aproprio das contribuições de Ginzburg (1989), acerca do paradigma indiciário.

Para o autor, “por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente, no âmbito das ciências humanas, um modelo epistemológico (caso prefira, um paradigma) ao qual até agora não se prestou suficiente atenção” (GINZBURG, 1989, p.143). Esse paradigma possui suas origens em épocas mais antigas, sendo a prática de observar pistas um traço da humanidade, desde os tempos em que o ser humano dependia da caça. De acordo com Ginzburg, esse paradigma, possível de ser identificado na ação de personagens como Sherlock Holmes, está associado, por exemplo, à ação dos médicos. Pensando na prática histórica, o paradigma indiciário pode ser definido como uma “proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 1989, p.149).

Mesmo sendo um trabalho realizado no interior de um Programa de Pós-Graduação em Educação, atuo a partir de uma perspectiva histórica e, neste caso, sou devedor, sem significar que sou um praticante do chamado paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Ao afirmar isso, indico a direção através da qual o método histórico precisa aqui ser entendido. Mesmo que, em alguns momentos, se pense na Grande História, de aspectos mais políticos, busco, aqui, construir uma narrativa histórica, a partir da identificação das “pistas, indícios e sinais” que os documentos oferecem. Não significa dizer que se trate de uma pesquisa histórica, mas que essa dissertação consiste numa articulação entre Educação, História e Saúde. E, por isso, pode ser vista a partir de qualquer uma dessas áreas. E, talvez por isso, ela, vez por outra, pareça estar atuando no limite de áreas como a História e a Educação.

Outro conceito importante para este trabalho é o conceito de discurso, adaptado por Rose (2001), a partir das contribuições de Michel Foucault. Assim, compreendo discurso, tomando a definição de Rose (2001), como as manifestações, escritas ou visuais, que atuam em nossa conformação. Ou seja, são posições que acabam nos demonstrando como agir em determinadas situações, atuando, assim, em nossa educação. Entendo que os discursos agem, ensinando certas maneiras de entender, pensar e agir, a partir de posições predeterminadas. Trata-se de pensar os discursos como enunciados que nos indicam uma direção, a qual passa a nos guiar, oferecendo uma maneira de olhar o mundo.

Esses discursos, por sua vez, são colocados em circulação, através de uma grande variedade de artefatos culturais, os quais estão disponíveis para nosso consumo. Nesse caso, trata-se de entender a música, os livros, filmes e mais uma variedade de outras produções,

contemporâneas ou mesmo originadas no passado, como o acervo que me proponho a analisar, enquanto artefatos culturais. E, assim, dotadas de discursos próprios do seu tempo.

Esses discursos divulgados numa revista como *Veja*, através das suas reportagens, precisam ser articulados, a partir de notícias que façam sentido ao seu público leitor. Devido a isso, cabe à revista “imaginar” seu público. Em outras palavras, consiste em pensar, a partir das publicações da própria revista, como esse veículo de comunicação imagina seu leitor. Em outras palavras, na perspectiva que atuo, considero importante levar em conta, a partir das matérias e assuntos destacados por esse meio de comunicação, essa imagem constituída pela revista, no que se refere ao seu consumidor. Para tanto, utilizo as considerações de Ellsworth (2001), acerca dos modos de endereçamento. A autora, tratando dos motivos do sucesso ou não de um filme, comenta que o fracasso de uma produção cinematográfica pode ser decorrente de um problema de conexão entre o público e sua audiência. Assim, para a autora, a ligação entre o que um veículo de comunicação manifesta em suas notícias precisa estar sintonizada com aquilo que o leitor procura ou que está em condições de aceitar naquele momento.

### 1.3- A REVISTA

Dessa forma, analiso, neste trabalho, os discursos sobre saúde presentes nas páginas da Revista *Veja*, entre os anos de 1968 e 1974. Optei pela Revista *Veja*, por motivos variados. Primeiramente, trata-se de uma revista que, atualmente, aparece como a mais vendida no Brasil, em seu segmento. Em segundo lugar, seu acervo encontra-se, em sua totalidade, disponível para consulta na Internet, o que facilita o acesso ao material. Por fim, a revista possui uma postura liberal, como fica evidente em seu editorial comemorativo aos dez anos de publicação, o qual, ao reafirmar os valores da Revista, informa:

nos consideramos liberais. Muito se tem discutido, com variados graus de sofisticação, sobre se estas velhas e tradicionais definições ainda são válidas. Para nós são. E ser liberal, para nós, é querer o progresso com ordem, a mudança pela evolução, e a manutenção da liberdade e da iniciativa individuais como pedra angular do funcionamento da sociedade. Acreditamos, assim, no capitalismo democrático e estamos convencidos de que a livre iniciativa é o meio mais eficiente para se promover o progresso social. Isto porque consideramos a livre iniciativa o único sistema compatível ao mesmo tempo com uma sociedade pluralista, com as liberdades fundamentais do indivíduo, com a eficiência, com o dinamismo, com a inovação. E o lucro não é apenas legítimo: é essencial como motivador, aferidor de eficiência e fonte de recursos para os investimentos inadiáveis de amanhã. (VEJA, 1978, p.18).

Outro elemento a ser considerado é, conforme Sobral (2013), a capacidade de “persuasão quase imbatível” da Revista. Para o autor, mais que informar, a Revista Veja acaba por pautar o jornalismo brasileiro, na medida em que apresenta algumas notícias antes que seus concorrentes. De maneira mais clara, “ela [a revista] é capaz de construir narrativas sobre o Brasil que são apropriadas por todo o complexo midiático do país [...] Veja pauta e norteia os noticiários dos demais veículos de comunicação nacionais” (SOBRAL, 2013, p.14). Para Ripoll (2001), a Revista Veja seria um “veículo em si”, uma vez que assume como seu o compromisso de informar todos os pontos possíveis de uma mesma notícia. Para a autora

o ‘tomar para si a tarefa’ é uma característica marcante dessa publicação em especial, mas que se estende a muitas outras do mesmo gênero: Veja toma para si o dever de informar com imparcialidade, todas as nuances dos fatos – tramóias, conchavos, fofocas, bastidores, declarações exclusivas, etc. (RIPOLL, 2001, p. 71).

Consultando o sítio da revista (<http://veja.abril.com.br/>), foi possível encontrar algumas informações que ajudam a compreender, desde a perspectiva da própria revista, até a sua importância no mercado editorial brasileiro. A revista coloca em circulação 1.013.466 exemplares semanalmente, e desses, 900.165 são assinantes, enquanto que os demais, 112.302, são vendidos avulsos. Além disso, em maio de 2015, o sítio da revista indicava um total de 81 milhões de visualizações, em sua página na Internet. Ela ocupa hoje o primeiro lugar em vendas no Brasil, e, se comparada a outras revistas do tipo fora do país, permanece atrás apenas da americana *Times*, com mais de três milhões de exemplares vendidos semanalmente. No Brasil, revistas similares à Veja, tais como a IstoÉ, têm tiragem semanal girando em torno de 354.064.

Em relação aos seus leitores, 53% é composto de mulheres, enquanto que a versão digital da revista é acessada, preferencialmente, pelo público masculino, o qual representa 66% do fluxo de visitas do sítio. Ainda sobre a versão digital, 77% por cento dos seus leitores é formado por membros das classes A e B. Outra informação interessante diz respeito aos resultados da exposição de marcas, nas páginas da Veja. De acordo com seu material de divulgação, 38% dos leitores procura algum tipo de informação sobre as marcas que expõem seus anúncios nas páginas da revista. Enquanto que 52% por cento das marcas mais vendidas fazem uso da revista para divulgar seus produtos, 50% dos leitores já consideraram comprar um produto, após ver seu anúncio na Revista, e 33% dos leitores já compraram algum item por tê-lo visto nas páginas da Veja.

No espaço intitulado “Carta do Editor”, que se encontra na abertura do mídia kit da Revista, é possível perceber o posicionamento adotado pela publicação. De acordo com o texto,

desde a sua primeira edição, em setembro de 1968, VEJA está empenhada em apresentar semanalmente não apenas um grande leque de informações confiáveis, mas também o contexto e a análise que permitem colocar os fatos em perspectiva e entendê-los melhor.

O sucesso de VEJA depende – acima de tudo – do fato de ela ser útil aos seus leitores. (VEJA, 2015).

Pelo que foi apresentado até o momento, nota-se que um grande número de pessoas (mais de um milhão, apenas em assinantes e compras nas bancas, sem considerar as pessoas que leem em lugares públicos, como bibliotecas, escolas ou nas filas de espera) entra em contato com essa Revista e seus posicionamentos. Assim como demonstrado anteriormente, nenhuma outra revista no país alcança tantos leitores. Acredito que esse seja um argumento importante para justificar a escolha da Veja, enquanto material de análise, tanto pela sua longa trajetória quanto pelo seu amplo alcance. Sobral (2013), ao justificar sua escolha pela utilização da Revista, para empreender uma análise sobre as pedagogias postas em circulação, através do fotojornalismo de Veja, argumenta que

uma revista com este poder de penetração e circulação transcende o papel informativo e se torna um agente importante no cenário econômico, político e cultural do país. O que é publicado na revista acaba se tornando um discurso autorizado, como se fosse envolvido por uma “aura” de veracidade. (SOBRAL, 2013, p. 13).

Dessa maneira, um veículo de comunicação que atua “pautando” outros meios de comunicação, e que possui uma tiragem tão expressiva, tal como demonstrada anteriormente, deve atuar, de maneira similar, pautando concepções sobre saúde e, conseqüentemente, indicando formas de agir e de estar no mundo, no que se refere a este tema.

Nas incursões que empreendi até o momento, não encontrei análises que discutissem a articulação entre saúde e educação, ou mesmo que tratassem dos discursos sobre saúde nos meios de comunicação, no período que elegi para desenvolver este trabalho. Nos trabalhos analisados, como parte da revisão que empreendi, acerca do tema de pesquisa, e que serão apresentados a seguir, percebe-se que o uso das revistas, enquanto fontes de pesquisa, frequentemente se centra em períodos mais próximos do presente. Assim, ao utilizar o acervo da Revista Veja, num recorte de 6 anos, entre 1968, ano de seu lançamento, e 1974, pretende-se verificar como se articulavam os discursos sobre saúde, num tempo histórico diferente

daquele que habitualmente aparece nas pesquisas sobre o tema, como indicam os trabalhos de Stephanou (1999), Rocha (2003) e Abreu (2010), referentes ao início do século XX.

O que se falava sobre saúde na passagem de 1960 para aos anos 1970? Quais eram os discursos postos em movimento nesse período? É possível caracterizar discursos sobre saúde numa revista como a *Veja*, no período de tempo citado? A que tipo de conhecimento ou projeto de país podemos relacionar esses discursos? Ou mesmo, é possível verificar um projeto de país articulado nas páginas da revista ou seria necessário um corpo documental mais amplo para tal observação? E quanto à *Revista Veja*, ela é potente enquanto acervo para realizar uma análise desse tipo? Enfim, são questões desse tipo que pretendo verificar nessa pesquisa, a fim de fazer com que apareça, em meio à contextualização do período, os discursos sobre saúde presentes nas páginas da *Revista Veja*.

## **2 – CONTEXTUALIZANDO O PERÍODO**

Cada momento histórico produz uma determinada forma de organização da sociedade e, além disso, cria também maneiras, através das quais coloca em circulação suas concepções a seu próprio respeito. Esse processo ocorre, em grande parte, através dos discursos que existem no interior dessas sociedades. Assim, para compreendermos uma determinada sociedade e, principalmente, seus discursos sobre si mesma, torna-se necessário atentarmos para as condições de emergência desses discursos. Em outras palavras, trata-se de conhecer os condicionantes históricos, que possibilitaram que esses discursos fossem produzidos e postos em circulação.

Nesta direção, o presente capítulo, inserido no conjunto que agora se apresenta, pretende construir a trajetória histórica da sociedade brasileira, ao longo do século XX, com ênfase no período entre o início do referido século e o período selecionado para este estudo. Para tanto, inicio a construção deste capítulo apresentando, em linhas gerais, os eventos fundamentais que delinearam o século XX para, em seguida, mostrar como esses mesmos eventos repercutiram no Brasil e foram contribuindo para a construção do país que conhecemos hoje. Junto a isso, na medida em que avançamos com um relato acerca da História do Brasil, no século XX, vou encaminhando essa reconstrução para a própria História da saúde no Brasil, como também para uma breve história das revistas de consumo, em terras brasileiras.

### **2.1- O BREVE SÉCULO XX**

O século XX inaugurou uma era de rápidas e profundas transformações. As maneiras de ser e estar no mundo passaram por um longo e contínuo processo de mudança que, para os habitantes do nascente século XX, era impossível imaginar que ponto alcançaria. É correto pensar que nós mesmos não sabemos até onde iremos, até que ponto os constantes rearranjos econômicos, políticos, culturais e científicos poderão nos conduzir. No entanto, a ruptura oferecida pelo século XX é algo a ser considerado. Antes do século XX houve conflitos, envolvendo países em diferentes partes do mundo, assim como também houve crises econômicas, motivadas pela crise de um ou outro produto. Porém, é no século XX que tais eventos serão adjetivados como “Grandes”, não exatamente como um elogio a esse século, mas por representarem eventos de magnitudes muito maiores que aqueles que o precederam.

Nesse sentido, a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) ficou marcada na lembrança dos seus sobreviventes, e nas páginas da História, como a “Grande Guerra”. Não apenas pelo número de países envolvidos, mas, principalmente, pelo número de mortos em seus quatro anos de duração. Nunca antes um conflito armado, envolvendo nações diferentes, havia deixado tantas vítimas. Para Hobsbawn (2011, p.32) “1914 inaugura a era do massacre”. Além disso, como esse mesmo autor destaca, mesmo que o capitalismo tenha sido pródigo em produzir diferentes crises econômicas, e que essas insistam em se repetir, nada foi tão drástico como a “Grande Depressão”, decorrente da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. Isso, em grande parte, devido aos elevados índices de desemprego, apresentados logo após 1929. Como marcou Hobsbawn (2011, p.97), “não houvera nada semelhante a essa catástrofe econômica na vida dos trabalhadores até onde qualquer um pudesse lembrar”.

Além disso, mesmo antes do final da Primeira Guerra e da Crise de 1929, a Revolução Russa, em 1917, formaria, com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (daquele momento em diante URSS), o primeiro país socialista da História, com profundas implicações para o cenário mundial. Em outras palavras, essa Revolução colocou em ação um novo personagem no tabuleiro diplomático mundial, o qual, como pudemos notar, ao longo do século XX, teve grande importância, principalmente, no período pós Segunda Guerra Mundial, rivalizando com os Estados Unidos da América, numa disputa que, em alguns momentos, quase chegou às vias de fato.

Não importa, aqui, nos ocuparmos dos processos que levaram a esses três eventos, mesmo que eles estejam, de uma maneira ou outra, interligados. Antes disso, cabe pensar o que eles representaram para as décadas seguintes. A Primeira Guerra Mundial deixaria marcas profundas nas relações diplomáticas europeias, bem como mudaria drasticamente o rearranjo das forças mundiais. A Crise de 1929, por sua vez, levaria ao isolamento entre as nações e um estado de crise econômica e social que, aliada à ameaça comunista proveniente da URSS, permitiria que regimes totalitários assumissem o controle de diversos países europeus: Hitler, na Alemanha, e Mussolini, na Itália. Esse processo, associado aos revanchismos provenientes da Primeira Guerra Mundial, e ao antisemitismo do período, levaria à Segunda Guerra Mundial, ao Holocausto, e à corrida pelo uso da energia nuclear como arma de guerra.

Nessa direção, como destaca Hobsbawn, se estabelece uma profunda ruptura com o mundo que até então se conhecia. Se a Primeira Guerra Mundial daria início ao século XX, como argumenta Hobsbawn (2011), em “A Era dos Extremos”, seria a Segunda Guerra Mundial que iria acabar de vez com as ilusões de um futuro melhor para todos. Os campos de concentração, a perseguição aos indesejáveis, ou inimigos dos regimes totalitários, e os

demais horrores produzidos ao longo da Segunda Guerra Mundial, colocaram por terra a imagem que a humanidade tinha sobre si mesma. Desfeita essa autoimagem, não havia mais certezas acerca do que era o ser humano, ou mesmo, o que era essa tal civilização. O objetivo a ser alcançado pelas nações, principalmente as europeias, após a Segunda Guerra Mundial, era muito claro: retornar ao estado anterior ao início da Guerra.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as certezas que existiam no mundo haviam desaparecido, restando apenas as incertezas de um mundo bipolarizado entre americanos capitalistas e soviéticos comunistas, e suas respectivas áreas de influência. A chamada Guerra Fria antagonizou os dois países e suas respectivas áreas de influência, dando ao mundo o pano de fundo de uma série de disputas que se materializariam, nas diversas esferas da vida cotidiana. Nos cinemas (VALIM, 2006), nas histórias em quadrinhos (PEDROSO, 2014), nos esportes, em todos os lugares, era possível enxergar a ameaça comunista. Ou ainda, esses mesmos espaços eram lugares onde o inimigo deveria ser vencido. Travava-se de um conflito ideológico, sem o confronto direto entre os envolvidos, nos quais a espionagem e a contraespionagem tinham papel fundamental. Talvez, também, por isso o personagem James Bond tenha feito tanto sucesso na literatura e no cinema, durante o século XX. Por outro lado, apesar das tensões que existiam entre americanos e soviéticos, a década de 1950 iniciou um período de crescimento econômico que “pareceu quase mundial e independente dos regimes econômicos” (HOBSBAWN, 2011, p.255) antagonistas.

Essa onda de crescimento continuaria ao longo dos anos de 1960, os quais ficariam conhecidos como a “Era de Ouro”. Nesse período, a economia alcançaria níveis muito elevados em relação aos precedentes, com o Produto Interno Bruto Mundial chegando a uma média de crescimento de 4,9 por cento ao ano, diferindo bastante do crescimento registrado no período anterior, entre os anos de 1896 e 1951, que havia sido de 2,9 por cento (TRINTIN e ROSSONI, 1999). Houve, portanto, após a Segunda Guerra Mundial, um desenvolvimento econômico sem precedentes, na história do capitalismo mundial, que teria desdobramentos em várias partes do mundo.

Esse desenvolvimento, que já havia iniciado nos anos de 1950, continuaria ao longo dos anos de 1960, entrando numa curva descendente nos anos de 1970. Para aqueles que viveram aqueles dias “era claro que jamais houvera algo assim” (HOBSBAWN, 2011, p. 257). De acordo com Melo e Novais, tratavam-se dos “trinta anos gloriosos (1945-1974)” (MELO; NOVAIS, 2002, p.646). O pleno emprego era quase uma realidade para países como o Japão e a Itália que, na década de 1960, contavam com menos de um por cento e meio de desempregados. Uma década antes o número de desempregados na Itália era de oito por cento



(HOBSBAWN, 2011). Havia, no mundo, um perceptível processo de crescimento que, de uma maneira ou outra, atingiria os diferentes lugares.

Mesmo no âmbito cultural havia transformações em curso, ao longo dos anos de 1960, as quais eram ainda, de certa maneira, resultantes tanto dos questionamentos surgidos a partir da Segunda Guerra Mundial, quanto dos avanços científicos decorrentes dela. Em relação ao primeiro, cabe citar os movimentos de contestação, que passaram a ocorrer em várias partes do mundo, como o Maio de 68, “movimento que acontece em Varsóvia, Berkeley ou Paris” (MATOS, 1989, p.22), que pode ser definido como uma “rebelião estudantil [que] toma a forma de uma renovação cultural [...] [que] faz renascer o desejo de ‘revolução sexual’” (MATOS, 1989, p.30). Já tratando dos avanços científicos, os antibióticos e anticoncepcionais mudariam a maneira das pessoas lidarem com seus corpos. O primeiro, curando doenças que atingiam a população, e o segundo, permitindo um maior controle sobre o corpo feminino. Para Hobsbawn

a revolução sexual no ocidente, nas décadas de 1960 e 1970, se tornou possível em função dos antibióticos - desconhecidos antes da Segunda Guerra Mundial - que pareceram eliminar os grandes riscos da promiscuidade, tornando as doenças venéreas facilmente curáveis, e da pílula anticoncepcional, cuja disponibilidade se ampliou na década de 1960. (HOBSBAWN, 2011, p.265).

Nos espaços de tempo que apresentei até o momento, busquei marcar o contexto mundial que foi se formando, ao longo do século XX, como as transformações provenientes do período posterior à Segunda Guerra Mundial, as alterações no jogo político envolvendo, principalmente, os Estados Unidos da América e a URSS, e também a recuperação econômica, que marcaria esse período. Na seção seguinte, irei apresentar o contexto histórico brasileiro, do início do século XX até as décadas de 1960 e 1970, período no qual se concentra este estudo.

## 2.2- O BRASIL NO SÉCULO XX

Os primeiros anos do século XX encontraram um Brasil essencialmente agrícola. Mais de dois terços da sua população trabalhava na agricultura, enquanto que os demais se dividiam como trabalhadores da indústria, ainda incipiente, e de “serviços” ou “atividades urbanas de baixa produtividade, como os serviços domésticos remunerados” (FAUSTO, 2002, p. 159). O grande incentivo ao fluxo de imigrantes europeus, que vieram ao Brasil, entre os anos de 1887 e 1930, tinha como objetivo inicial suprir uma demanda por mão de obra nas lavouras de café,

que era o principal produto de exportação brasileiro, ao longo dos primeiros trinta anos do século XX.

Esses imigrantes, em sua maioria italianos, portugueses, espanhóis e, em menor número, japoneses, judeus, sírios e alemães (esses últimos, principalmente, na região sul do Brasil), vieram gradativamente a ocupar espaço, tanto nas lavouras como nas cidades. O movimento migratório brasileiro oscilou, desde o seu início até os anos de 1930, em grande parte, devido à Primeira Guerra Mundial. De fato, a imigração afetou profundamente a cara do país, principalmente, se considerarmos que muitos imigrantes se fixaram nas cidades; não apenas os portugueses, que representavam a maioria nessa situação, mas mesmo os demais grupos étnicos acabaram, em alguma medida, deslocando-se para os centros urbanos, passando a ocupar os postos de trabalhos de uma indústria que, timidamente, seguia um processo de expansão, iniciado no século XIX. Dentro desse processo, “todas as cidades cresceram [...] a razão principal desse salto se encontra no afluxo de imigrantes espontâneos e de outros que trataram de sair das atividades agrícolas” (FAUSTO, 2002, p.160).

Ao mesmo tempo em que as cidades cresciam, como consequência desse contingente de imigrantes que vinham para o Brasil, os problemas decorrentes desse aumento populacional acompanhavam seu crescimento. De acordo com Diniz e Cunha (2013), finalizada a Primeira Guerra Mundial, a gripe espanhola apresentava-se agora como a grande adversária a ser combatida. Para os autores,

parecia aqueles filmes de faroeste, quando dois mocinhos duelam no meio da cidade e não aparece ninguém nas ruas, com medo dos tiros. Assim estava o Rio de Janeiro e muitas regiões portuárias do Brasil. Vias desertas, repartições públicas vazias, temporadas de teatro e ópera canceladas, escolas e comércio fechados. Só no Rio morreram mais de 17 mil pessoas em dois meses. Não havia lugar no cemitério para tantos corpos. Presidiários trabalhavam como coveiros e os bondes faziam o transporte dos mortos. Apesar do clima fúnebre, o maxixe “Gripe Espanhola”, de Caninha, fez bastante sucesso na popular festa da Penha:  
A espanhola está aí! / A coisa não está para brincadeira / Quem tiver medo de morrer não venha / Mais à Penha. (DINIZ; CUNHA, 2013, p.32).

A década de 1930 traria ao Brasil algumas transformações significativas, a começar pela chamada Revolução de 30, que colocaria Getúlio Vargas no comando da nação. Apoiado numa classe trabalhadora (HOBBSAWN, 2011), principalmente a urbana, ele permaneceria à frente do governo brasileiro entre os anos de 1930 e 1945, época da instalação do Governo Provisório e do Estado Novo e, mais tarde, entre os anos de 1951 e 1954. Nesse período, Getúlio Vargas instituiu uma nova Constituição, deu força de lei aos direitos trabalhistas, conquistados através das greves ocorridas, durante a Primeira República, e tratou de articular

um jogo político que buscava contentar diferentes grupos. Perdendo o apoio dos militares, que serviam como sua sustentação, acabou cometendo suicídio.

As manobras políticas de Vargas, buscando conciliar os diferentes interesses dos grupos sociais urbanos, acabaram deixando como legado o populismo, que seria explorado pelos seus herdeiros políticos, mas que também seria, em certa medida, responsável pelo movimento militar de 1964 (GOMES, 1998). Logo a seguir, Juscelino Kubitschek, ou JK, chegaria ao poder em 1956, permanecendo presidente até 1961. Nesse período, ele colocou em execução seu Plano de Metas e concretizou a construção de Brasília. Assim, pode-se dizer que ambos, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, contribuíram, cada um a seu modo, para gerar um clima de otimismo na população. Ao mesmo tempo, esse último fez com que a dívida externa brasileira aumentasse devido aos empréstimos estrangeiros para a construção da nova Capital Federal (FAUSTO, 2002).

Juscelino foi sucedido por Jânio Quadros e João Goulart, respectivamente Presidente e Vice. Eleitos por partidos diferentes, algo permitido pela legislação da época, Jânio Quadros conseguiu, em poucos meses de governo, despertar a fúria e desconfiança de diversos setores da sociedade brasileira, principalmente, após conceder a Ernesto Che Guevara, Ministro da Economia de Cuba e um dos líderes da Revolução Cubana, a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul. Esse ato acabou desagradando o Exército e uma parcela significativa da população brasileira. Sentindo-se amarrado pela Constituição de 1946, e sem espaço para governar à sua maneira, Jânio faz uma manobra que se mostraria desastrosa. Ao assinar sua renúncia, em 25 de agosto de 1961, imaginava que o povo ficaria a seu lado, pedindo sua permanência, e que o Congresso não aceitaria sua renúncia, pois, se isso acontecesse, ele teria força necessária para realizar as alterações que imaginava que deveria fazer. No entanto, como demonstrou a história, seus cálculos não foram precisos.

A renúncia de Jânio trouxe o problema da sucessão que, de acordo com a legislação da época, assegurava ao Vice assumir a presidência. No entanto, como Goulart estava viajando, os militares tentaram impedir sua posse. Tal ação trouxe à tona o movimento da Legalidade, liderado por Leonel Brizola e apoiado pelo Terceiro Exército<sup>1</sup>. Inicialmente, a posse de João Goulart foi assegurada, porém, o episódio demonstrava que as coisas não estavam bem na democracia brasileira.

Nos anos seguintes, principalmente em 1963, o que se viu foi o acirramento dos ânimos e o aumento das tensões políticas, envolvendo o reformismo de Goulart e o

---

<sup>1</sup> Terceiro Exército é a denominação utilizada para referir-se ao Comando Militar do Exército, que responde pelo território do Rio Grande do Sul.

antirreformismo (NAPOLITANO, 2013). Para Napolitano (2013), o movimento de 1964 colocou, do mesmo lado, grupos distintos que temiam um inimigo comum: a ameaça comunista. Na mesma direção, Reis (2000) afirma que uma grande variedade de profissionais se posicionou a favor do movimento liderado pelos grupos militares, entre os quais “pequenos proprietários, profissionais liberais, homens de terno-e-gravata, empregados de colarinho branco, oficiais das forças armadas, professores e estudantes, jornalistas, trabalhadores autônomos” (REIS, 2000, p.27). Isso demonstrou que o Golpe Militar de 1964 não foi uma iniciativa exclusivamente militar, mas o resultado de uma articulação, envolvendo diferentes segmentos sociais. De acordo com Laurenza (2012), “a maioria dos grandes jornais do país apoiou, ao menos no início, o golpe militar de 1964” (LAURENZA, 2012, p.124). A respeito do apoio da imprensa ao Golpe Militar, reproduzo aqui, trecho do editorial do jornal *O Globo*, do dia seguinte ao Golpe:

Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes a seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições. Como dizíamos no editorial de anteontem, a legalidade não poderia ser a garantia da subversão, a escora dos agitadores, o anteparo da desordem. Em nome da legalidade, não seria legítimo admitir o assassinio das instituições, como se vinha fazendo, ante a Nação horrorizada. (*O Globo*, 02/04/1964, apud ORTIZ, 2014, p.76).

Dessa maneira, contando com o apoio de vários setores da sociedade, e mesmo de parte da imprensa, em primeiro de abril de 1964, alegando tentar proteger o Brasil do caos social e de um suposto golpe comunista, o Exército depôs o presidente João Goulart, assumindo o governo e decretando Estado de Sítio, por trinta dias. Iniciava-se um período de vinte anos, em que o Brasil seria governado por militares, que se alternavam no controle do país, e se utilizavam de Atos Institucionais, para fazer valer sua vontade política.

No campo da economia, os primeiros movimentos do novo governo indicavam um alinhamento com o capital estrangeiro, principalmente, com os Estados Unidos da América (EUA). Existia a convicção, por parte dos membros do governo militar, da necessidade de modernizar o Brasil, bem como sua economia. Assim, buscava-se “facilitar a vida dos investidores e grandes corporações nacionais e multinacionais” (NAPOLITANO, 2013, p.75). De acordo com Ponte (2007), “o que se observou foi um intenso processo de concentração de riqueza expresso pela formação de grandes conglomerados nacionais, pela crescente presença de multinacionais na economia” (PONTE, 2007, p. 184). Segundo Napolitano (2013), o

governo buscou controlar a inflação e os gastos públicos, implementando uma nova forma de calcular os reajustes salariais, que levava em conta a variação da inflação, mas que, no final das contas, sempre resultava em perdas para os trabalhadores. Outra medida adotada, no início do Regime Militar, dizia respeito a uma maior flexibilização das relações de trabalho, com o fim da estabilidade e a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o FGTS (NAPOLITANO, 2013).

Mesmo que, inicialmente, essas medidas não tenham resolvido totalmente os problemas da economia brasileira, foi durante o Regime Militar que surgiu a expressão “milagre econômico”. Esse “milagre” veio a ser sentido como um crescimento sem precedentes na História do país. Convém considerar que esse desempenho, assim como o otimismo dos tempos de JK, estava inserido num contexto mais amplo, pertencente aos “Anos Dourados” do pós-Guerra, já mencionado anteriormente. Assim, temos, no Brasil, uma situação contrastante: em termos políticos, a instabilidade política das décadas de 1950 e início de 1960, que levou à ocorrência de um golpe militar, como salvação de uma pátria ameaçada pelo comunismo, que espreitaria nas sombras; por outro lado, apesar dos gastos excessivos com a construção de Brasília e o aumento da dívida externa, a economia brasileira inseria-se no contexto mundial de crescimento. Durante o próprio mandato de JK, por exemplo, já havia se iniciado o processo de aceleração da economia, através da vinda de fábricas de automóveis para o país.

Em face destes acontecimentos, o período de tempo, entre os anos de 1950 e 1980, se constituiu em uma época em que o brasileiro tinha a sensação de que faltavam apenas alguns passos para a formação de uma grande nação (MELLO; NOVAIS, 1998). A indústria diversificada produzia uma série de novos equipamentos e utensílios domésticos que, aos poucos, foram entrando na vida da população, em grande parte devido à oferta de crédito. Além disso, a mídia mostrava constantemente as grandes ações produzidas pelo governo militar, que acabava por alimentar esse sentimento ufanista. Ainda, de acordo com Napolitano

é inegável que, para a imensa maioria da população pouco envolvida com a ideologia revolucionária da esquerda e sem uma opinião política muito clara e coerente, o Brasil vivia tempos gloriosos no começo dos anos 1970: pleno emprego, consumo farto com créditos a perder de vista, frenesi na Bolsa de Valores, tricampeão do mundo de futebol. Grandes obras “faraônicas” eram veiculadas pela mídia e pela propaganda oficial como exemplos de que o gigante havia despertado, como a Ponte Rio Niterói, a Usina de Itaipu e a Rodovia Transamazônica. Para os mais pobres, a fartura, ainda que concentrada, fazia sobrar algumas migalhas. Era a materialização do projeto Brasil Grande Potência, o auge da utopia autoritária da ditadura, que não deixou de seduzir grande parte da população e da mídia. (Napolitano, 2013, p.167).

O Regime Militar buscava, assim, a estimulação do sentimento ufanista junto à população. A criação de slogans, como “Brasil: ame-o ou deixe-o” que, amparado num crescimento econômico considerável, e com conquistas na área do esporte, eram utilizados para demonstrar que “o presidente comandava o Brasil que ‘ninguém segurava’ e ‘ia para frente’” (DINIZ; CUNHA, 2013, p.73). No entanto, mesmo isso não era o suficiente para acalmar os ânimos das ruas. Buscando frear os movimentos que contestavam a legitimidade do Regime Militar, Costa e Silva promulga o Ato Institucional número 5, acentuando, ainda mais, o caráter repressor do Regime Militar, que já havia cassado direitos políticos e civis, além de censurar artistas em diversas ocasiões. Tudo isso levou a um acirramento nas manifestações, principalmente, na medida em que “alguns estudantes, operários, militares, camponeses e intelectuais ligados a diversos grupos de esquerda passaram a enfrentar o governo de armas nas mãos partindo para a guerrilha rural e urbana” (DINIZ; CUNHA, 2013, 74).

Do ponto de vista demográfico, o período entre os anos de 1950 e 1970 também trouxe transformações consideráveis para o perfil da população brasileira. De acordo com Fausto (2002), metade dos jovens, com quinze anos de idade, era analfabeta, na década de 1950, passando para 30%, em 1970. Enquanto isso, a expectativa de vida do brasileiro, entre as décadas de 1960 e 1970, era de, aproximadamente, cinquenta e cinco anos de idade. Outro dado importante do período diz respeito à distribuição da população brasileira entre o campo e a cidade. De acordo com dados apresentados por Melo e Novais (1998), na década de 1950, oito milhões de pessoas, ou o equivalente a 24% da população do campo, migraram para o espaço urbano. Enquanto que na década de 1960 esses indicadores foram de quatorze milhões, ou 36% e, na década de 1970, dezessete milhões, ou 36% (MELO; NOVAIS, 1998)<sup>2</sup>. Alterava-se, assim, a distribuição da população brasileira entre a população urbana e a população rural e, também, como decorrência disso, transformavam-se os enredos e os cenários das telenovelas produzidas na época. Uma vez que a maior parte de sua população passava a viver nos centros urbanos, as novelas, agora, apresentavam seus enredos nos cenários urbanos das grandes cidades brasileiras. Esse processo migratório explica-se também pela necessidade de mão de obra para as indústrias, que aumentavam sua demanda, pois, como dito anteriormente, faltariam alguns poucos passos rumo a tão sonhada modernidade.

As novelas produzidas, principalmente, a partir do fim dos anos de 1960, pela Rede Globo, constituíram parte importante nesse processo de incentivo ao consumo, pois passariam

---

<sup>2</sup> Apesar dos percentuais indicados serem os mesmos, indicam totais populacionais distintos, visto que se referem a momentos históricos diferentes e, por isso, a números diferentes.

a mostrar cenários urbanos, a partir dos quais, utilizando uma linguagem mais coloquial, vivenciavam-se dramas contemporâneos. Para Esther Hamburger, a novela “mimetiza e constantemente renova as imagens do cotidiano de um Brasil que se ‘moderniza’” (HAMBURGER, 1998, p. 467). As novelas também foram importantes para colocar em circulação mudanças culturais do período. O vestuário, por exemplo, passaria por profundas transformações, nos anos de 1960, tendo o terno e a gravata perdido espaço, passando a ser usados somente em lugares mais restritos. Ao mesmo tempo, as mulheres iriam incorporar peças de roupas que até então eram consideradas masculinas, como a calça comprida (MELO; NOVAIS, 1998).

### 2.3 - UMA BREVE HISTÓRIA DA SAÚDE NO BRASIL DO SÉCULO XX

O século XX trouxe, a contar do final dos anos de 1920, uma revolução na historiografia, a partir das publicações de Lucien Febvre e March Bloch, e do lançamento da Revista dos Annales. O movimento iniciado pelos dois levaria a uma expansão no campo da História, que ampliou, assim, seus objetos e métodos, naquilo que foi chamado de “Revolução Francesa da Historiografia”<sup>3</sup> (BURKE, 1997). A partir desse processo, praticamente tudo se transformou em objeto de pesquisa para a História, inclusive as formas de organização e oferta da saúde, bem como os saberes que tratam do conhecimento médico, seus procedimentos de cura, e também as maneiras de prevenir doenças.

Desde o final do século XIX, e no início do século XX, podemos identificar, de acordo com Gunn e Correia (2001), um entrelaçamento entre as preocupações com a organização da cidade e a saúde de sua população. Entendia-se que a saúde das pessoas que habitavam o lugar passava, entre outras coisas, pela organização e higiene do espaço onde essa população morava, bem como a eliminação de possíveis causadores de doenças. Para Gunn e Correia,

a sujeira das ruas e casas revelava a falta de higiene do habitante da cidade – sobretudo do pobre – com conseqüências julgadas graves sobre sua saúde, sua produtividade, seu estado moral, sobre os gastos públicos com hospitais e segurança e sobre os rendimentos das empresas. Operando-se um clássico deslizamento da saúde à moral, a falta de higiene e de saúde também eram associadas a desregramentos e a comportamentos desviantes. O saneamento da cidade e das moradias era entendido como essencial à difusão de novos hábitos de higiene pessoal, portanto, tratava-se de uma empresa única de salubridade que percorria o meio urbano e os indivíduos. A saúde e a circulação se articulam como questões básicas na problematização da cidade; como pontos cruciais ao bom funcionamento

---

<sup>3</sup> Para uma melhor compreensão sobre esse tema, sugiro a leitura do livro “A revolução francesa da historiografia - A Escola dos Annales”, de Peter Burke.

do “organismo urbano” e dos organismos de seus habitantes. (Grunn; Correia; 2001, p.240).

É nessa direção que se inserem as transformações pelas quais algumas cidades, como o Rio de Janeiro - talvez o caso mais emblemático, no Brasil, do início do século XX - passaram, num movimento de reforma, que pretendia assegurar o “bom funcionamento” da cidade, eliminando as possíveis causas das doenças. A campanha de vacinação contra a varíola, iniciada por Oswaldo Cruz, associada às inquietações decorrentes da expulsão dos moradores do centro da cidade, que acabaram se abrigoando nas áreas de periferia, levou à ocorrência da Revolta da Vacina<sup>4</sup>, que marcaria profundamente a História da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal. De acordo com Cardoso (2013), “a imunização compulsória de varíola deu origem a uma das primeiras grandes rebeliões urbanas da história do Brasil, a Revolta da Vacina, de 1904, violentamente reprimida, como de praxe” (CARDOSO, 2013, p. 80).

Os apontamentos trazidos por Gunn e Correia (2001) mostram o tipo de preocupação que existia, no início do século XX, no Brasil. Pensava-se, de forma associada, na saúde, a partir da transformação do espaço urbano, evitando-se, assim, a proliferação de doenças, através da ocorrência de condições inadequadas de higiene. No entanto, mesmo as transformações no espaço urbano não seriam ainda suficientes, para melhorar a condição geral de saúde da população. Era necessário fazer chegar até as casas das famílias hábitos que assegurassem – ou ao menos atenuassem – a situação de ocorrência dessas doenças.

A solução buscada para isso foi através da educação, mais especificamente, por meio de uma educação de caráter higienista. Esse projeto, que caracteriza o modelo de educação do início do século XX, concentrava-se em ensinar às crianças hábitos de higiene, atacando, assim, em duas frentes. Por um lado, preparavam essas crianças, em idade escolar, a praticarem hábitos de cuidado com sua higiene e prevenção de doenças, ao mesmo tempo em que, por outro lado, se esperava que essas mesmas crianças levassem, para o interior das suas casas, esses ensinamentos, que seriam, assim, transmitidos aos seus pais (ROCHA, 2003).

Do ponto de vista das medidas oficiais, o Estado brasileiro do início do século XX era marcado pela presença de um projeto descentralizador, no qual a saúde era uma obrigação dos estados, enquanto a União se concentrava na Capital Federal e nos portos (CARDOSO, 2013). A inexistência de um ministério específico, para tratar dos assuntos relativos à saúde da

---

<sup>4</sup> A Revolta da Vacina foi um movimento popular ocorrido em 1904, na cidade do Rio de Janeiro, quando a população mais pobre da cidade reagiu, de forma violenta, à tentativa de vacinação obrigatória, imposta pelo Governo Federal.



população, demonstra, por si só, a compreensão de que o dever de tratar a saúde deveria recair sobre as federações.

A fundação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), em 1919, deve ser entendida como uma exceção a essa ideia. Ato esse que representou a primeira medida de caráter nacional, realizada no Brasil, sem, no entanto, ainda se pensar na criação de um ministério específico para tratar dos problemas da saúde. Esse modelo, pautado na descentralização, passaria a ser desmontado, a partir das mudanças políticas do período. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, o Brasil passou por um processo de centralização, que transformou essa situação. Com o início do governo Vargas, em 1930, ocorreu um choque entre a descentralização do federalismo dos primeiros anos da república e o projeto centralizador, instituído pelo golpe de 1930.

Um dos sinais dessa transformação se faria presente, através da criação, em 1930, do Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde, o qual abrigava os departamentos destinados a atender as demandas das duas áreas. De acordo com Lima e Pinto (2003), o ministério teria “uma diretoria e quatro departamentos (Departamento Nacional de Ensino, Departamento Nacional de Saúde Pública, Departamento Nacional de Medicina Experimental e Departamento Nacional de Assistência Pública)” (LIMA; PINTO, 2003, p.1044). A criação do Ministério responsável pela Educação, e também pela Saúde, demonstrou duas coisas: a centralização e a visão de saúde que havia na época. Primeiramente, com esse evento, a saúde passava a ser uma ocupação do Estado brasileiro, no início dos anos trinta, o que demonstra a vitória da tendência centralizadora do movimento de 1930, encabeçado por Vargas. E, por outro lado, demonstra a visão, ainda forte no período, e retratada em análises como a de Rocha (2003) e Abreu (2010), que entendia a saúde enquanto uma questão de educação. Assim, acreditava-se que a maneira indicada de combater possíveis doenças, provenientes da pouca higiene, seria melhorando o nível geral de instrução da população e ensinando novos hábitos de prevenção.

Esse movimento de depositar na educação formal a função de melhorar a condição geral da saúde da população, papel importante nesse período, foi desempenhado pela Fundação Rockfeller. Fundada no início do século XX, nos Estados Unidos da América, a Fundação participou de forma essencial, atuando na cooperação internacional. De acordo com Faria e Costa (2006), fundações como a Rockfeller “pautaram-se por um estilo de atuação voltada, em grande medida, para a doação, sem fins lucrativos, em atividades científicas, em universidades e institutos de pesquisa” (FARIA; COSTA, 2006, p.160). Além disso,

concentraram-se, no período anterior à Segunda Guerra Mundial, nas áreas “de saúde pública, medicina e educação” (FARIA; COSTA, 2006, p.160).

A presença da Fundação Rockefeller no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo, pode ser percebida no trabalho desenvolvido por Rocha (2003), o qual identifica a ação da Fundação Rockefeller, no processo de planejamento e subsídio na formação dos médicos e professores das escolas paulistas, através da fundação do *Instituto de Higiene*, em 1918. De acordo com Rocha (2003), o Instituto foi fundamental na elaboração da política sanitária, que marcaria as ações de combate às doenças, através da articulação entre saúde e educação.

Se a criação de um ministério específico para a educação e a saúde, em 1930, indicava a vontade do governo brasileiro em passar a ter mais controle sobre essas áreas, a separação entre as duas áreas, com a criação do Ministério da Saúde, em 1953, demonstra, por outro lado, que passa a existir uma percepção da necessidade de uma postura mais atuante sobre a saúde das pessoas. De acordo com Lima e Pinto (2003), a criação do Ministério da Saúde seria o resultado da “ampliação da responsabilidade do governo na defesa e proteção da saúde da população, respaldada pelo ideário da Organização Mundial de Saúde” (LIMA; PINTO, 2003, p. 1038). E, também, ainda como uma consequência das discussões iniciadas ainda na década de 1920, a respeito da centralização versus descentralização que, como já demonstrado, foi vencida pela primeira.

Um ponto importante da trajetória dos cuidados da saúde, em se tratando de Brasil, foram as atividades desenvolvidas pelos cirurgiões brasileiros, ainda na década de 1950. De acordo com Costa (1998), em se tratando de cirurgias no Brasil, já nos anos de 1950, “o progresso era rápido e a atividade intensa, mas tornava-se cada vez mais evidente que a cirurgia cardíaca fechada havia atingido seu ponto limite” (COSTA, 1998, p. 7). Desse período destacam-se, no Brasil, Euryclides Zerbini e Hugo João Felipozzi (COSTA, 1998). Alguns anos mais tarde, em 1967, o médico sul-africano, Christian Barnard realiza o primeiro transplante cardíaco do mundo (BRAILE; GODOI, 2012), técnica que seria reproduzida no Brasil, por Euryclides Zerbini, em 1968 (BRAILE; GODOI, 2012), e que teria “grande impacto na época, sendo motivo de destaque, tanto nos meios científicos, quanto na imprensa leiga, com vários jornais e revistas ocupando quase todo o espaço com o assunto” (BRAILE; GODOI, 2012, p.132-133).

Conforme Genovez e Vilarino (2015), em “cada época e governo, os modelos eram alterados ou adaptados, mas permanecia o ideal de se espelhar nos países industrializados e desenvolvidos, aqueles considerados civilizados e modernos” (GENOVEZ; VILARINO, 2015, p.131). Dessa maneira, os serviços de saúde, bem como seu planejamento, durante os

anos de Ditadura Militar no Brasil, acabaram por seguir as orientações próprias do modelo econômico adotado pelos militares. Temos assim a concentração de capitais provenientes da indústria farmacêutica e também de equipamentos que, nesse momento histórico, serão percebidos no mundo e, dessa forma, também no Brasil (CARDOSO, 2013). Outra característica importante deste período é o aumento nos gastos com previdência. Para Menicucci (2003), esse aumento pode ser explicado “pelas práticas médicas com maior utilização de tecnologia, relacionadas ao consumo dos produtos da indústria de equipamentos e aparatos médicos, e à produção de medicamentos” (MENICUCCI, 2003, p. 70).

De acordo com Bertolli Filho (2011), a entrada de empresas estrangeiras, durante o período do governo militar, fez com que, durante os anos de 1965 e 1975, pelo menos 25 companhias brasileiras fossem compradas por grupos, com sede nos Estados Unidos e na Europa (BERTOLLI FILHO, 2011). Essa abertura ao capital estrangeiro viria a ser percebida também quando, em 1968, foi publicado o Plano Nacional de Saúde, que “previa a privatização dos serviços médicos e hospitalares” (CARDOSO, 2013, p.107), abrindo, assim, espaço para a iniciativa privada, principalmente, aquela representada pelo capital estrangeiro.

Paralelamente a isso se fará notar, desde o início dos governos militares, a diminuição do investimento nas chamadas ações “coletivas, isto é, destinadas a intervenções sobre a saúde das populações, como imunizações, combate a doenças contagiosas, iniciativas educativas” (CARDOSO, 2013, p.98). De acordo com Bertolli Filho (2011), o percentual do Produto Interno Bruto Brasileiro, que era direcionado para o Ministério da Saúde, foi diminuindo ao longo dos primeiros anos do governo militar. Para o autor, passou a ocorrer uma maior destinação de verbas para os “ministérios militares, dos Transportes e da Indústria e Comércio” (BERTOLLI FILHO, 2011, p.51). Ainda, conforme indicado pelo autor, o percentual destinado ao Ministério da Saúde passou de 4,57 por cento, em 1961, para 0,91 por cento, em 1974 (BERTOLLI FILHO, 2011, p.51). Observa-se, segundo Menicucci (2003), a “tendência de ampliação do gasto com assistência médica individual a cargo do INPS em relação ao gasto direto da União, Estados e Municípios com saúde e saneamento em proporção quase que inversa” (MENICUCCI, 2003, p.70).

Esse mesmo movimento, que pode ser descrito como uma expansão do setor privado de assistência à saúde, concomitante ao encolhimento desses mesmos serviços, por parte do poder público, também é apontado por Menicucci (2003). Para a autora,

as evidências apontam o crescimento do setor médico empresarial após a expansão da assistência médica previdenciária, com o privilegiamento da compra de serviços. Isso significa que, além de ser responsável pelo crescimento do setor privado, a

política definida vai condicionar a formação dos interesses dos atores privados prestadores de serviços de saúde, cujos objetivos, em grande parte, vão ser configurados a partir de sua inserção na política de saúde. Expressão disso é a constituição de novos atores coletivos, em decorrência das formas de intervenção governamental, que estimularam o surgimento de instituições, como a medicina de grupo, e de organizações para defesa dos interesses constituídos a partir da política de saúde. (MENICUCCI, 2003, p.78).

Essa mudança de orientação, de uma medicina preventiva para outra mais individual, torna-se mais evidente quando da criação do Instituto Nacional de Previdência Social, ou INPS, em 1966, que ficou como responsável por realizar os repasses das verbas públicas para os hospitais privados. Estes, por sua vez, firmaram convênios com empresas e trabalhadores, ficando responsáveis pelo atendimento da população. De acordo com Bertoli Filho (2011), a criação do INPS acabou

unificando todos os órgãos previdenciários que funcionavam desde 1930. Dirigido pelos técnicos e políticos vinculados ao novo regime, o INPS ficou subordinado ao Ministério do Trabalho, assumindo o patrimônio e os compromissos dos organismos que o antecederam. Estabeleceu-se assim, na esfera pública, um sistema dual de saúde: o INPS deveria tratar dos doentes individualmente, enquanto o ministério da saúde deveria, pelo menos em teoria, elaborar e executar programas sanitários e assistir a populações durante as epidemias. (Bertoli Filho, 2011, p.54).

Convém lembrar que esse processo, caracterizado por maiores investimentos, que se destinavam à chamada medicina preventiva ou previdenciária, estava em conformidade com a abertura ao capital estrangeiro e ao alinhamento da economia brasileira com a economia norte-americana, tal como já demonstrado anteriormente. Isso pode ser entendido como o Estado brasileiro fazendo seus maiores esforços, para assegurar a manutenção de um sistema beneficiário das empresas que estavam se instalando no Brasil. Paralelamente a isso, é importante destacar que o INPS, agora um órgão responsável pela centralização dos atendimentos médicos, acabou por “firmar convênios com 2300 dos 2800 hospitais instalados no país, utilizando o setor privado para atender à massa trabalhadora” (BERTOLI FILHO, 2011, p.54).

#### 2.4 - A IMPRENSA NO BRASIL

Os meios de comunicação aparecem como importantes fontes para a pesquisa em História, em grande parte, por acompanharem os diferentes acontecimentos da História do Brasil, desde o século XIX, quando da publicação dos primeiros impressos, em terras brasileiras (MOREL, 2012). Conforme as autoras Martins e Luca,

os impressos que por aqui circulam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras; a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. (Martins; Luca, 2012, p.7).

Nos primeiros anos do século XX, durante a Primeira República (1889 - 1930), nota-se uma considerável diversificação nos meios de comunicação. Temas variados passam a disputar espaço nas páginas que até pouco tempo destacavam, preferencialmente, notícias sobre acontecimentos políticos. Isso ocorreu, em grande parte, devido à urbanização que se acentuava, pois percebe-se o “ímpeto de se reportar novos focos de notícia, [...] as diferentes práticas culturais de uma sociedade em busca do progresso. Naquelas páginas estampou-se nossa *Belle Époque*” (ELEUTÉRIO, 2012, p.57).

Nos anos seguintes, será perceptível um constante aumento no número de veículos de comunicação. De acordo com Cohen (2012), aumentava a quantidade e também a variedade de impressos. Analisando um relatório produzido no período, a autora informa que “o relatório chama a atenção para o constante aumento do número de publicações entre 1912 e 1930, especialmente de revistas semanais e mensais” (COHEN, 2012, p.71). Essa maior diversificação representará também a diferenciação entre jornais e revistas. Enquanto os jornais serão diários, divulgando os acontecimentos do dia anterior, oferecendo ao leitor o relato direto do evento transcorrido, a revista trará

a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista os diferentes segmentos sociais: religiosas, esportivas, agrícolas, femininas, infantis, literárias ou acadêmicas, essas publicações atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de divulgação de valores, ideias e interesses. Nesse sentido, nem sempre é o caráter comercial que marca as iniciativas; ao contrário, havia toda uma linhagem de publicações destinadas à defesa de interesses específicos. (COHEN, 2012, p. 72).

Pensando no contexto do surgimento da Revista Veja, deve-se dizer que a Editora Abril, fundada por Victor Civita, lançou, a partir dos anos de 1950, uma série de publicações, que faria com que essa nova editora assumisse, em alguns anos, a liderança do setor. Após lançar Pato Donald, a Abril trouxe ao público brasileiro a Revista Contigo, em 1962, que trazia fotonovelas, um segmento já explorado por outros grupos na época. Em seguida, foi a vez da editora lançar Manequim, em 1959, que tratava sobre moda, e Quatro Rodas, em 1960, que tinha como temática assuntos variados sobre automóveis, de preços a testes de modelos e de destinos e rotas para viagens. Em 1961, foi lançada a revista Cláudia, destinada ao público

feminino. E, além dessas, o lançamento de uma série de revistas infantis, com os personagens da Disney, como Mickey e Zé Carioca que, a partir daquele momento, passariam a fazer companhia ao Pato Donald. Em breves linhas, foi dessa maneira que, gradativamente, a Abril veio a assumir a liderança do setor no Brasil.

O lançamento da Revista Veja, por essa editora, em 1968, foi antecedido por uma ampla campanha de marketing, que demonstrava a intenção da Editora em assumir o domínio do mercado de revistas brasileiras. Na ocasião, diferentes profissionais, atuantes no mercado editorial e jornalístico, foram convidados a atuar como jornalistas da revista, tendo tal chamamento recebido quase duas mil correspondências, objetivando um lugar na revista. Nesse processo, a Editora preparou os contratados para o estilo editorial, que se procurava para a revista. Como se não bastasse isso, a Editora promoveu uma série de visitas a outras editoras de revistas (de tipo semanal), nos Estados Unidos e na Europa, a fim de que seus novos contratados verificassem *in loco* como estava se fazendo algo semelhante ao pretendido por Veja, no restante do mundo. No entanto, apesar desses esforços, a revista não obteve o sucesso esperado, em seu início. Sua primeira edição alcançou uma tiragem de setecentos mil exemplares, que foi caindo nas edições posteriores a um número abaixo de cem mil, o que fez com que a Revista Veja, em seus primeiros seis anos, funcionasse no “vermelho” (CORRÊA, 2012).

Passado esse início incerto, a Revista Veja assumiu o posto de maior revista de informação do país. Ainda que o começo tenha sido titubeante, era muito claro o objetivo da Editora Abril, ao lançar a revista, em 1968, pois, já em seu primeiro editorial, a revista deixava evidente a missão a qual se propunha:

o Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o *extraordinário desenvolvimento* [grifo meu] dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. Este é o objetivo de Veja. (VEJA, 11/09/1968).

O lançamento da Revista Veja, naquele ano de 1968, tal como podemos notar nas palavras do seu primeiro editorial, mostra uma revista conectada a um período histórico no qual o Brasil, mesmo marcado pela repressão do Regime Militar, atravessava um período de grande desenvolvimento econômico. O já referido “milagre econômico” do Regime Militar e os “Anos Dourados” da economia mundial repercutem no editorial. Ele também deixa transparecer um projeto de integração do Brasil, unindo suas regiões e rompendo com os

“preconceitos” provenientes dos “regionalismos”. Há, assim, já em seu primeiro editorial, um compromisso com um projeto de país, que se imaginava a caminho de um futuro brilhante.

Veja repercute as discussões que existiam acerca da saúde no Brasil, por exemplo, durante a década de 1970, a discussão a respeito do Plano Nacional de Saúde, suas dificuldades de implementação e seu financiamento. De acordo com reportagem da Veja (11/02/70), o Plano Nacional de Saúde seria “caro demais, um verdadeiro luxo para um país subdesenvolvido” e, por isso, “economicamente inviável, e, diante disso, defendem a estatização da medicina, com todos os médicos sendo funcionários públicos” (VEJA, 11/02/70). Tal colocação evidencia, de certa maneira, um projeto de Saúde, apresentado nas páginas da Revista, segundo o qual os médicos precisavam ser pagos pelo poder público devido à inviabilidade de manter esse modelo de negócio.

Como demonstrarei no próximo capítulo, a Revista Veja pode ser considerada um veículo de comunicação produtivo, a fim de se analisar como a Saúde era pensada no período indicado. Além disso, tendo em vista tal cenário, a partir deste momento, trata-se de verificar se as demais edições da Revista Veja corroboram com essa posição político-editorial, assumida em seu lançamento, e quais são os discursos sobre Saúde, que se articularam em suas páginas, no período de análise proposto.

### **3 – OS ESTUDOS CULTURAIS: UMA MANEIRA DE OLHAR**

A busca por uma trama teórica, que possibilite a construção de uma maneira de olhar para fenômenos e eventos sociais, bem como para analisar determinados artefatos culturais, produzindo, com isso, uma análise pautada nos princípios dos Estudos Culturais (EC), acaba por ser um desafio. Isso devido às múltiplas possibilidades de construção e recorte dos objetos, num movimento característico dos EC, que permite a convergência de elementos, muitas vezes, distintos. Todo esse processo de escolha acaba trazendo uma série de incertezas, visto que o caminho seguido ainda não foi totalmente explorado. E essa talvez seja uma das alegrias de escolher – ou seria construir? – uma trilha possível, a partir dos EC: a viagem rumo ao desconhecido.

Assim, partindo do princípio de que estou realizando uma análise cultural, assumo os riscos de vincular, numa mesma dissertação, saberes de áreas distintas, tais como a História, os Estudos de Mídia, e os Estudos em Educação e Saúde. Sendo este o resultado de escolhas pessoais, representa a maneira através das quais me disponho a olhar para o objeto escolhido e também construído por mim. Outros autores fariam outros recortes. Da mesma forma, pesquisadores mais experientes seguiriam outros caminhos investigativos. Eu, no entanto, escolhi seguir por este e, nas próximas páginas, apresento e discuto os autores e pressupostos que assumi, para construir minha trama analítica.

Tomado como uma construção, o conjunto que apresento, neste capítulo, é uma tentativa de elaborar uma rede de conceitos e saberes que, dialogando entre si, permitam posicionar, contextualizar, pressionar, inquirir e, junto a isso, analisar meu objeto, bem como as articulações deste com outras áreas do conhecimento. Como já disse em outras ocasiões, trata-se de um tema pouco explorado e, dessa maneira, tornou-se necessário pensar um conjunto que ainda não tenha sido posto lado a lado.

#### **3.1 – ESTUDOS CULTURAIS: POSSIBILIDADES**

Os Estudos Culturais, desde o seu surgimento, no final das décadas de 1950 e início da década de 1960, até os dias de hoje, ofereceram novas possibilidades para se pensar o social. Dos chamados textos fundadores<sup>5</sup> até o presente, muitas foram as práticas que passaram a

---

<sup>5</sup> Entre as obras que se destacam no período e que são consideradas, se assim for possível afirmar, de fundadoras do movimento, estão os textos de Richard Hoggart (*The uses of literacy*, 1957), Raymond Williams (*Culture and Society*, 1958; e *The long revolution*, 1961), e E. P. Thompson (*The making of the english working class*, 1963).



integrar o rol de objetos de estudos acadêmicos vistos sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Uma breve pesquisa em sítios de busca ou em dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação – destaco aqui o PPGedu/UFRGS e o PPGedu/Ulbra, que já possuem tradição nesse tipo de estudos – evidencia a relevância que ganhou essa maneira de fazer ciência. Parte importante nessa transformação é decorrente das alterações que o mundo vinha passando quando do seu surgimento. Conforme Costa (2005), trata-se de um momento em que a cultura deixava de ser entendida apenas como as grandes peças literárias ou as grandes composições musicais. Para a autora, “cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados, e passa a contemplar, também, o gosto das multidões” (COSTA, 2005, p. 108).

Atuando na intersecção de áreas tradicionais de pesquisa, os Estudos Culturais oportunizam pensar, a partir de uma posição mais abrangente, no que diz respeito a metodologias de pesquisa. Trabalhando nas fronteiras entre uma área de conhecimento e outra, os adeptos dos Estudos Culturais agem através da produção de recortes, em áreas distintas, que acabam formando, nas palavras de Wortmann (2007), “um patchwork imperfeito, impuro e heterogêneo” (WORTMANN, 2007, p. 74). Esse “patchwork” torna-se objeto em suas pesquisas e, para serem compreendidas, precisam ser submetidas a um olhar que não cabe numa única área de conhecimento. Por isso, as análises desenvolvidas resultam em trabalhos interdisciplinares, marcados por empréstimos de áreas de conhecimento distintas que, atuando para além de seus espaços tradicionais, acabam produzindo análises híbridas. Para Wortmann (2007), são comuns, nos Estudos Culturais, análises que “se caracterizam por operarem na convergência de métodos e conceitos dos diferentes ramos das humanidades e das artes [...], tais análises ganham importância por darem visibilidade a aspectos e relações não referidas em análises tradicionais” (WORTMANN, 2007, p 74).

No Brasil, e em especial no Rio Grande do Sul, os Estudos Culturais ganharam espaço, em grande parte, devido aos já referidos Programas de Pós-Graduação, que possibilitaram pesquisas sob os mais diferentes temas e objetos. Nesses Programas, as pesquisas acabaram se concentrando em “questões implicadas com representação, identidade, diferença, alteridade, poder, política, cultura, pedagogias culturais, entre outras, bem como sobre os efeitos de tais questionamentos nos processos educativos examinados” (WORTMANN; COSTA; SILVEIRA, 2015, p.34). Como caracterizado anteriormente, tais pesquisas têm procurado atuar nas intersecções, buscando empreender análises que deem conta de práticas sociais ligadas ao cotidiano das pessoas e dos grupos, mostrando como se

estabelecem determinadas relações de poder, em diferentes espaços e com diferentes personagens.

Diversos estudos, realizados tanto no âmbito deste Programa como em outros, têm utilizado metodologias híbridas, ou seja, provenientes de áreas disciplinares distintas, num movimento característico dos Estudos Culturais, para dar conta de seus objetos. Essas pesquisas acabam tratando de temáticas múltiplas, que demonstram a pluralidade dos temas abordados, bem como das análises produzidas. Como exemplos de temáticas, podemos listar o gênero, em revistas de divulgação científica (AMARAL, 2013), a relação de pacientes terminais com a morte (CORDEIRO, 2013), a mídia, enquanto dispositivo de governo das pessoas (GERZON, 2007), a doação de órgãos na mídia (PRUINELLI, 2008), a genética, nos meios de comunicação (RIPOLL, 2001), as campanhas de prevenção à AIDS, nos meios televisivos (SANTOS, 2002) e o agronegócio, em revistas de circulação semanal (SOBRAL, 2013). Produzidas dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, essas pesquisas atuam com temáticas e metodologias, que não se encaixam no interior de apenas uma área de conhecimento e, por isso, demandam o uso de diferentes aportes teóricos numa mesma pesquisa.

Devido ao seu caráter interdisciplinar, os Estudos Culturais constituem um campo fértil para a produção de análises, que necessitam da articulação de conhecimentos, provenientes de disciplinas distintas. Ao atuar nestas regiões de articulação, tais estudos acabam contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas sobre temáticas que, costumeiramente, não seriam investigadas ou que encontrariam algumas limitações no interior dessas mesmas disciplinas. Dessa maneira, uma pesquisa sobre Educação, amparada nos pressupostos dos Estudos Culturais pode, por exemplo, analisar em que medida um determinado artefato cultural, seja ele uma revista, um filme, um programa de televisão, a dança ou qualquer outro fenômeno cultural, contribui no processo de educação<sup>6</sup> das pessoas. De forma similar, uma pesquisa inscrita nos Estudos Culturais pode, por exemplo, buscar compreender como a medicina, ou qualquer outro campo disciplinar, é constantemente recrutada para falar sobre as maneiras como devemos nos posicionar no mundo, cuidando daquilo que consumimos, orientando para a realização de exames constantes ou qualquer outro procedimento que pareça importante naquele momento. Não se trata aqui de superestimar uma forma de análise frente à outra, mas de destacar que um estudo realizado, a

---

<sup>6</sup> A Educação à qual me refiro aqui, e em toda dissertação, diz respeito aos processos que ocorrem nos mais variados espaços e artefatos midiáticos, não se limitando apenas aos espaços de educação formal, como a Escola ou a Universidade.

partir de um único campo disciplinar, enfrentaria algumas limitações que os Estudos Culturais, por atuar em áreas fronteiriças, talvez possam lançar novos olhares, ampliando resultados, através do uso de metodologias e conceituações distintas entre si e, quando bem amarradas, complementares.

Santos (2002), por exemplo, ao analisar os anúncios televisivos de prevenção da AIDS, utilizou saberes provenientes da biologia, de elementos da análise fílmica, bem como a análise de reportagens da Revista Veja, procurando demonstrar, a partir de tal articulação de “fontes”, como esse tema era abordado pela propaganda oficial. Cardoso (2014) tratou das possíveis interconexões entre arte e corpo, buscando demonstrar que este último vem sendo ressignificado, ao longo do tempo. Já Gonçalves (2014) apresentou “algumas problematizações a respeito da constituição de uma noção de ‘estilo de vida saudável’ pautada, principalmente, pela prática de atividades físicas” (GONÇALVES, 2014, p.61). Esses trabalhos podem demonstrar pouca coisa em comum, num primeiro olhar, mas eles convergem na direção de mostrar, de maneiras diferentes, questionamentos e preocupações sobre o corpo, suas transformações e, principalmente, as formas com que esse corpo vem sendo posto em evidência, seja nos meios de comunicação de ampla circulação, como as revistas e a televisão, seja em espaços mais restritos, como galerias de arte.

### 3.2 – SAÚDE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

No que tange à articulação entre saúde, história e educação, é oportuno destacar alguns trabalhos que contribuíram para o alargamento da compreensão de processos culturais, através da análise de fenômenos sociais, em momentos históricos anteriores ao nosso. Algumas pesquisas, não apenas no âmbito dos Estudos Culturais, mas, principalmente, na área da Educação, contribuíram para que fossem desvelados determinados processos, tais como as interconexões entre história e educação, história e saúde, e saúde e educação, as quais se mostraram interessantes e produtivas, no que diz respeito às produções acadêmicas. Os trabalhos de Stephanou (1999), Rocha (2003), Abreu (2010), bem como Nascimento (2005), são ilustrativos dessa tendência. Os três primeiros partem da História, para dar conta de questões relativas a um tipo de educação vinculada à saúde (Stephanou, Rocha, Abreu), enquanto que a última (Nascimento) demonstra as maneiras através das quais doenças, como a tuberculose e a AIDS, foram tratadas, em determinados contextos históricos (NASCIMENTO, 2005).

Como afirmei anteriormente, a saúde esteve associada aos espaços escolares, em vários momentos do século XX. A própria ideia de educação sanitária apareceu no início do século XX, no Brasil, e pode ser observada em algumas análises, acerca do período. Stephanou (1999), por exemplo, analisou como se organizou um discurso médico sobre a educação e um discurso educativo sobre a saúde em Porto Alegre, na primeira metade do século XX. Em outras palavras, analisando uma série de publicações do período (artigos, dissertações e teses escritas por médicos, artigos sobre saúde escritos por professores, relatórios de departamentos de saúde, artigos de jornais e material iconográfico sobre educação sanitária), a autora buscou verificar como surgiu e se manifestou um discurso médico e higienista na educação, no Brasil, e, mais especificamente, no Rio Grande do Sul, que visava constituir cidadãos preocupados com os cuidados com sua saúde.

Em seu trabalho, a partir da análise das fontes listadas, a autora buscou analisar o resultado produzido, a partir desse atravessamento do saber médico e do saber pedagógico. Para Stephanou (1999), a escola poderia contribuir para a prevenção de doenças causadas pela falta de higiene, na medida em que ensinasse hábitos de higiene às crianças. Em seu trabalho, ela demonstra como a escola seria o local onde se faria o “mapeamento” das crianças, futuros adultos, identificando, através da observação e registro, as possíveis doenças vindouras (STEPHANOU, 1999). No entanto, o processo não se encerraria na identificação dos problemas, mas avançaria, atuando numa possível solução para essas doenças. De acordo com a autora, a solução encontrada passaria por “automatizar as normas da vida, criando hábitos higiênicos” (STEPHANOU, 1999, p.144). Esses novos hábitos, apreendidos nas escolas, contribuiriam para que houvesse a prevenção de doenças causadas pela falta de higiene.

Esse movimento de procurar unir o saber médico e a escola pode ser observado em outras partes do Brasil, como demonstra o trabalho de Rocha (2003). Em comum àquele realizado por Stephanou está o fato de ambos analisarem como, no espaço escolar, se deu o atravessamento do saber médico, que buscava a prevenção de doenças, com o saber pedagógico, que procurava ensinar às crianças hábitos de higiene que atuassem na prevenção de doenças. Uma diferença fundamental entre essas duas publicações diz respeito ao local e ao período histórico. Enquanto Stephanou se ocupou da cidade de Porto Alegre, na década de 1940, Rocha tratou das escolas em São Paulo, entre 1918 e 1925. Ela analisou como o movimento higienista, no Estado de São Paulo, buscou, através de ações no interior da Escola, ao longo do período indicado, “modelar [...] a natureza infantil pela aquisição de hábitos que resguardassem a infância da debilidade e das moléstias” (ROCHA, 2003, p.40).

Em sua tese “A higienização dos costumes”, Rocha (2003) demonstra como “procurou-se aprender as representações que os médicos-higienistas e sanitaristas produziram de si mesmos e de suas práticas, da escola, de seus agentes e das práticas escolares” (ROCHA, 2003, 15). Tomando emprestadas as proposições de Chartier (1990), ela afirma que “as representações possibilitam analisar os conflitos [...], estiveram presentes no processo de instituição de novas concepções de saúde pública, que buscariam na educação escolar sua possibilidade de difusão e legitimação” (ROCHA, 2003, p. 15). Para o projeto higienista da época, parte dos problemas de saúde era proveniente da falta de educação da população. Assim, ensinar hábitos de higiene para as crianças, considerando que elas os levariam para suas casas, seria uma forma de popularizar tais hábitos.

Também Abreu (2010) observa algo similar acontecendo no Estado de Minas Gerais. O autor procura demonstrar como “desde os anos 1920, relatórios oficiais indicam que o governo estadual procurou intensificar a propaganda e educação higiênica por meio de palestras, distribuição de folhetos, artigos...” (ABREU, 2010, p. 204). Nesse trabalho, o autor demonstra também como esse processo seguiu, durante toda a primeira metade do século XX, no Estado de Minas Gerais.

Os trabalhos aqui citados acima apresentam análises sobre o movimento higienista, no início do século XX, em três lugares diferentes. Todos os autores se ocuparam em verificar como, em seus respectivos estados, articulou-se uma série de medidas pertencentes a uma política higienista, que, através da Escola, enquanto espaço formal de educação, visava construir sujeitos conscientes da necessidade de cuidados para com sua saúde. No entanto, nestes mesmos trabalhos, percebe-se que o período analisado se concentra nas primeiras décadas do século XX. Assim, na historiografia brasileira, dedicada a analisar a relação entre educação e saúde, as décadas posteriores ao período analisado são pouco exploradas, abrindo a possibilidade de se propor um estudo que verifique os discursos sobre Saúde e Educação, nos anos posteriores ao conjunto de análises aqui apresentado.

Em “A história das pestes do século XX”, Nascimento (2005) estabelece uma comparação entre duas pestes que marcaram o século XX: a tuberculose, no início do século; e a AIDS, a partir dos anos de 1980. A autora procura refletir sobre como as pessoas e instituições, assim como o poder público e privado, e também a ciência, reagiram em ambas as epidemias (NASCIMENTO, 2005). Ela indaga sobre as respostas que essas doenças produziram, em seus respectivos tempos. Para Nascimento (2005,) a comparação entre essas duas doenças, Tuberculose e AIDS, mostra-se como uma estratégia fértil para entender “como nossa sociedade se relaciona com doenças de grande impacto” (NASCIMENTO, 2005, p. 21).

Nascimento (2005) demonstra, através de artigos, boletins médicos, material iconográfico, reportagens da imprensa geral e de depoimentos orais, os efeitos dessas epidemias, quando das suas ocorrências. Convém considerar que seu trabalho se inscreve como uma produção da área da História Social, com ênfase nas representações e discursos produzidos sobre as duas doenças. De acordo com a autora, “sendo a doença uma realidade construída e o doente um personagem social [...] a doença funciona como significante social – é um suporte e uma das expressões da sociedade” (NASCIMENTO, 2005, p. 35). Assim, as maneiras como uma sociedade e um tempo histórico lidam com suas doenças e, conseqüentemente, com a saúde, é um demonstrativo da maneira como essa sociedade está organizada.

Os textos apresentados trazem em comum a preocupação em analisar como a saúde, ou mesmo a doença, envolvidos ou não com o processo de educação formal, foram alvos de pesquisas que demonstram, sob diferentes aspectos, a potencialidade de olhar para as sociedades, a partir da maneira como essas tratam de sua saúde. Como demonstrado, no início do século XX, esse processo esteve fortemente marcado pela ação do movimento higienista. Este, por sua vez, através da Escola, procurou atuar na construção de hábitos que possibilitariam a diminuição na ocorrência de determinadas doenças. Já próximo ao final do século XX, principalmente, quando observamos a maneira como a AIDS foi tratada (NASCIMENTO, 2003; SANTOS, 2002), percebemos que há uma transformação nas formas de olhar para as doenças. Ocorrem, também, mudanças nas maneiras de lidar com essas doenças, bem como as formas como elas repercutem nos meios de comunicação.

Temos, a partir dos textos apresentados, análises que tratam do início do século XX, com ênfase ao movimento higienista, e análises que tratam da saúde, a partir dos anos de 1980, mais especificamente, a AIDS, restando, dessa maneira, um hiato entre os dois períodos, que precisa ser analisado. Para tal, um estudo a respeito dos discursos sobre saúde, durante os anos de 1968 e 1974, pode contribuir para o mapeamento das discussões em torno da saúde no Brasil, bem como demonstrar as forças e projetos de país, em disputa na época. Como forma de delimitar a quantidade de material, optei por utilizar revistas de circulação semanal, neste caso, a Revista Veja, já apresentada no início desta dissertação. Assim, a partir dos pressupostos dos Estudos Culturais, entendo as revistas como espaços importantes para a divulgação de discursos, bem como instrumentos educativos de grande valor. Dessa forma, através das pesquisas que recrutei nas páginas anteriores, procurei demonstrar como os Estudos Culturais possibilitam tratar da Educação, através de uma perspectiva mais ampla, considerando os meios de comunicação, enquanto espaços educativos, quase tão importantes

quanto as escolas. Ao expressar isso, questiono-me: em que medida as revistas podem ser efetivamente educativas, no que se refere às questões de saúde ou Educação em saúde?

### 3.3 – AS REVISTAS ENQUANTO ESPAÇOS EDUCATIVOS

Ao falar sobre as revistas, pode-se imaginar um cenário em que, ao circular pelas ruas de alguma grande cidade, é bem possível encontrar alguma banca de revistas, apresentando uma grande variedade, que tratam de vários temas, de esportes à política, de variedades ao conhecimento científico. Enfim, é possível encontrar algum tipo de leitura para quase a totalidade dos gostos contemporâneos. Num primeiro olhar, as diversas capas, em sua maioria coloridas e com belas imagens – sejam corpos, máquinas, lugares, objetos, ou qualquer outra coisa que sirva como ilustração ao conteúdo da revista –, fazem parte de um cenário do nosso cotidiano. Ao pegar um exemplar qualquer, talvez nos chame a atenção alguma nova evidência arqueológica encontrada no Egito, uma novidade que acabe com a queda de cabelos ou uma denúncia de outro provável escândalo, envolvendo o poder público e a iniciativa privada.

Uma revista, ao mesmo tempo em que informa, atua como um veículo de comunicação, na medida em que traz informações, que serão consumidas por seus leitores. Expostas nos mais diversos lugares, elas alcançam os mais diversos públicos. Essas revistas estão nas bancas nas quais falava acima, em consultórios de espera e mesmo em bibliotecas públicas. Quem nunca folheou uma revista, enquanto aguardava seu horário, no consultório de um dentista? Tais revistas, sejam de notícias, variedades, automóveis, destinadas a um público específico ou de qualquer outro assunto, trazem, em si, discursos múltiplos e variados. Página por página, imagem a imagem, seus recursos discursivos encaminham nossa leitura e, pelo que apontam diferentes estudos (RIPOLL, 2001; PRUINELLI, 2008; STRIM, 2011; AMARAL, 2013; CORDEIRO, 2013; SOBRAL, 2013) já realizados, no âmbito da Linha de Estudos Culturais em Educação deste Programa, ou mesmo em outros, atuam na constituição de nossos próprios eus. Conforme apontam Costa e Andrade, “os artefatos midiáticos criam padrões, modelos desejáveis, que educam e produzem sujeitos constituídos segundo seus preceitos” (COSTA; ANDRADE, 2013, p. 09). Assim, na medida em que informam seus pontos de vista, essas mesmas revistas nos colocam em determinadas direções, que acabam por orientar nossas escolhas, as quais podem mudar, na medida em que somos mais afetados por um ou por outro dos “preceitos” em questão. E, por trazerem instruções diversas, as

revistas acabam se tornando lugares curiosos, a partir dos quais podemos pensar o social e o tempo em que vivemos.

Compartilho aqui da mesma posição defendida por Vera Regina Serezer Gerzson (2007), em sua tese “A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal - os discursos sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*”. Nela, a autora discutiu a ação dessas revistas e o seu papel, enquanto articuladoras de uma lógica neoliberal. Falando sobre o papel das mídias, a autora afirmava: “as revistas são artefatos compatíveis para a circulação de valores, comportamentos e modelos...” (GERZSON, 2007, p.58). E, além disso, “as revistas semanais, que se autodenominam informativas, noticiosas, são exemplares para afirmar a importância social, política e cultural de atentarmos para a mídia na constituição da contemporaneidade” (GERZSON, 2007, p.77-78).

Conforme argumentei anteriormente, as revistas já foram utilizadas por diversos pesquisadores, como corpo documental, para os mais diferentes tipos de objetos, analisando os mais diferentes tipos de construções discursivas. Muitos trabalhos poderiam ser listados por aqui, como exemplos de produções, onde as revistas tiveram participação importante, enquanto fontes de pesquisa. Strim (2011) observou como o gênero foi se revelando nas páginas da Revista *Cláudia*, e quais eram os mecanismos ou estratégias, que foram colocados em ação, para construir o feminino nas páginas dessa revista. Amaral (2013), ao seu turno, analisou os discursos sobre gênero presentes na revista *Mente&Cérebro*, discutindo como esses discursos foram divulgados como verdadeiros e, deste modo, instituíram verdades acerca dos papéis de gênero.

Os dois exemplos citados exemplificam em suas análises aquilo que Gerszon (2012) comenta em relação à ação das revistas, enquanto artefatos que educam. Para a autora, as revistas “são consideradas artefatos culturais que operam na conformação cultural onde circulam [...] constituindo sentidos e significados nas mensagens que divulgam” (GERZSON, 2012, p.46). Através de uma multiplicidade de posições, que acabam atuando em nossa educação, e também através de uma grande variedade de elementos, como o uso de textos e imagens – esta última analisada por Sobral (2013) – e tomando as posições defendidas por Gerzson (2012), as revistas constituem-se em importantes meios de divulgação de ideias e concepções sobre o mundo.

Por serem constituídas por informações e suportes variados, as revistas atuam enquanto dispositivos pedagógicos, os quais podem ser definidos como “qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (LARROSA, 1994, p.36).



A partir desses diferentes “lugares”, são pronunciados diferentes discursos que nos conduzem, construindo maneiras de estar no mundo ou mesmo reforçando determinadas posições.

Fischer (2001) apropria-se do conceito de dispositivo, desenvolvido por Foucault, aplicando-o à análise da televisão, enquanto dispositivo pedagógico que nos educa e instrui, através de uma série de técnicas próprias desse veículo de comunicação. Para a autora “torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia se constituem também como lugares de formação – ao lado da escola, da família, das instituições religiosas” (FISCHER, 2001, p.153). Mesmo que a ênfase da autora seja a televisão, muitas de suas considerações valem também para as revistas, que acabam atuando como locais de formação complementares àqueles mais tradicionais e citados anteriormente. O “aval de especialistas” (FISCHER, 2001), por exemplo, é observado também nas revistas que recrutam, constantemente, especialistas em suas áreas para opinar sobre os temas que tratam suas reportagens. Para a autora, “para realizarmos um trabalho pedagógico coerente com as exigências destes tempos, é necessário nos voltarmos justamente para o estudo da mídia [...] como lugar por excelência da produção de sentidos na sociedade” (FISCHER, 2001, p.157 - 158)

A mídia, através de seus artefatos, acaba nos conduzindo das mais variadas formas, uma vez que “os artefatos da Comunicação educam, regulam condutas, subjetivam” (COSTA; ANDRADE, 2013, p. 8), através de modelos veiculados nessas publicações. No entanto, não se trata de discutir até que ponto esses modelos são seguidos ou não por aqueles que consomem tais revistas, visto o espaço e o tempo disponíveis em uma dissertação. Trata-se, porém, de mapear esses modelos no período escolhido, mais especificamente, mapear a articulação de discursos sobre Saúde, presentes na Revista Veja, entre os anos de 1968 e 1974. Convém, então, considerar que, na medida em que os “artefatos” anunciam modelos de conduta quanto às maneiras de agir e estar no mundo, esses modelos acabam por constituir uma pedagogia, mais precisamente, uma pedagogia cultural. Por pedagogia cultural entendo uma série de enunciados que, articulados entre si, buscam nos conduzir, através de artefatos presentes no mundo (COSTA, ANDRADE, 2013). Essa pedagogia, presente nesses artefatos, e que os atravessa, “fabrica ativamente indivíduos, molda sujeitos, e se pode pensar a educação e a pedagogia como o processo histórico de transformação de cada um de nós naquilo que somos” (COSTA, ANDRADE, 2013, p. 2). Como referido acima, esses “artefatos” ou dispositivos podem ser dos mais variados tipos e atuam nas mais variadas direções, possivelmente, encontrados em jornais, revistas, filmes, animações, programas de televisão, peças publicitárias, programas de governo e tantos outros lugares.

Partindo do princípio de que todos esses artefatos culturais trazem em si pedagogias variadas, é importante apontar que, nos últimos anos, percebemos o surgimento de uma série de publicações que tratam de maneira específica sobre saúde, musculação e atividades físicas, em geral. Como podemos atestar, pesquisando nos sítios eletrônicos de algumas editoras, são muitas as revistas que tratam dos cuidados com o corpo<sup>7</sup>. De uma forma geral, a saúde tornou-se tema relevante para os meios de comunicação, seja através de revistas especializadas ou através de seções sobre saúde e medicina, em revistas semanais, como ocorre com a Revista Veja. Assim, se as revistas informam maneiras de ser e de estar no mundo, constituindo pedagogias culturais, elas também enunciam, em suas páginas, maneiras de permanecer saudável. Ou mesmo, maneiras de produzir um corpo saudável, alinhado com cuidados que busquem melhorar sua condição de saúde.

Nesse sentido, e, tomando as teorizações de Michel Foucault como ponto de partida, principalmente, aquelas apresentadas no último capítulo de sua História da Sexualidade (FOUCAULT, 2001), Valerie Harwood (2009) traz algumas reflexões acerca dos mecanismos que atuam na construção de sujeitos saudáveis, com ênfase naqueles que atuam próximo daquilo que se convencionou chamar de “*Obesity Epidemic*” (WRIGHT; HARWOOD, 2009). As proposições de Foucault, acerca do poder sobre a vida, ou biopoder, são articuladas pela autora, em sua tentativa de demonstrar que esse biopoder age através de uma série de pedagogias culturais, que atuam sobre nossos corpos (HARWOOD, 2009). Para a autora, trata-se de “sugerir algumas formas de avançar para interrogar as práticas pedagógicas e os efeitos do biopoder, e como em nossos contextos contemporâneos estas práticas trabalham para governar nossos corpos<sup>8</sup>” (HARWOOD, 2009, p. 15).

Tais pedagogias, ao tratarem da vida e do biológico, acabam configurando-se em biopedagogias (HARWOOD, 2009) ou em pedagogias que visam orientar nossas escolhas, enquanto espécie. Para a autora, muitas instruções se fazem presentes, nos mais diversos lugares, desde orientações acerca de como e o quanto se alimentar, até como se exercitar para assegurar uma vida saudável. Segundo Harwood, essa biopedagogia seria “uma pedagogia extensa [que] se destina a nós: a pedagogia da *bios*, ou o que pode ser denominada ‘biopedagogia’ [...] tem como premissa uma convergência entre *bios* e saúde, na qual há muito mais em jogo do que simplesmente ‘estar bem’<sup>9</sup>” (HARWOOD, 2009, p.15). Aqui, entendo e parto do princípio de que essas biopedagogias também atuam, através dos discursos

---

<sup>7</sup> É o caso, por exemplo, de revistas como “Saúde” e “Boa Forma”, da Editora Abril, que tratam de temáticas já demonstradas em seus títulos.

<sup>8</sup> Tradução minha.

<sup>9</sup> Tradução minha.

que são enunciados nos meios de comunicação. No caso específico desta pesquisa, naquilo que se diz sobre saúde, nos enunciados que estão presentes nas páginas da Revista Veja, no recorte entre os anos de 1968 e 1974.

Também inspirada pelas ideias de Foucault, Gillian Rose (2001) se apropria da concepção de discurso presente na obra do filósofo francês, propondo que existem duas metodologias possíveis, a partir da análise de discurso: Análise de Discurso I e Análise de Discurso II. A primeira se ocuparia dos discursos, enquanto manifestações que podem ser tanto visuais como verbais. Já a segunda análise daria mais atenção às instituições. Enquanto a Análise de Discurso I se ocuparia da produtividade desses discursos, a Análise de Discurso II estaria “preocupada com questões do poder, regimes da verdade, instituições e tecnologias<sup>10</sup>” (ROSE, 2001, p.140). Convém considerar que aqui, para a análise que me proponho, tomarei emprestadas, a exemplo de Harwood (2009) e Rose (2001), algumas das proposições de Foucault, sem, no entanto, propor uma análise de caráter foucaultiano. Ao afirmar isso, não quero insinuar que farei recortes de suas publicações ou que tomarei suas palavras tais quais foram escritas, mas que utilizarei algumas proposições de autores, que realizaram suas próprias leituras do filósofo, adaptando e interpretando sua obra às suas necessidades teóricas.

Tomando as proposições de Rose (2001), entendo discurso como “um grupo de enunciados que estruturam a maneira de algo ser pensado e a maneira de agirmos com base nesse pensar. [...] o discurso é um determinado conhecimento sobre o mundo que molda a forma do mundo ser compreendido e das coisas serem feitas nesse mundo” (ROSE, 2001, p. 136). Esse “conhecimento” vai ensinando às pessoas o quê e como pensar acerca daquilo que o discurso trata, informando como devemos proceder diante de cada situação, e também demonstrando como interpretar o mundo: os discursos nos posicionam enquanto sujeitos. É através deles que vamos construindo nossas impressões, o que nos conduz a tomar determinadas decisões. O discurso “disciplina os sujeitos a seguir certos modos de pensar e agir” (ROSE, 2001, p. 137). Esse “disciplinamento”, no entanto, não ocorre de maneira autoritária, pelo contrário: somos “persuadidos” pelos discursos que atuam “através de uma enorme variedade de imagens, textos e práticas” (ROSE, 2001, p. 142) presentes, por exemplo, em veículos de comunicação como a Revista Veja.

Assim, na medida em que nos educam, nos ensinando como se posicionar no mundo, vamos moldando nossas concepções, a partir desses discursos. Coerentes entre si e também

---

<sup>10</sup> Todas as citações retiradas de Rose (2001) e utilizadas, a partir daqui, são traduções minhas.

com o tempo e a sociedade a que pertencem, eles trazem maneiras de estar no mundo, bem como formas de reagir a determinadas demandas. Para Rose, “os sujeitos humanos são produzidos através dos discursos” (ROSE, 2001, p. 137). A partir disso, há a compreensão de que “os discursos são articulados através de todos os tipos de imagens visuais e verbais, especializadas ou não, bem como através das práticas permitidas por tais linguagens” (ROSE, 2001, p.136). Complementar à essa articulação ocorre aquilo que Rose (2001) chama de “intertextualidade”, que compreende as múltiplas relações estabelecidas entre artefatos diferentes e na interdependência deles, os quais podem ser imagéticos ou textuais. Para a autora, a intertextualidade “refere-se à forma dos sentidos de qualquer imagem ou texto discursivo dependerem não apenas de tal texto ou imagem, mas também dos sentidos de outras imagens e textos” (ROSE, 2001, p.136). Estabelece-se, assim, uma relação de interdependência entre os artefatos, num movimento de contínua interferência, no qual não se sabe mais onde um termina e o outro inicia. Aquele que interfere no significado do outro, também sofre a interferência num contínuo, que leva à formação de novas realidades discursivas.

Poderíamos perguntar: como escolhem as palavras corretas? Como decidem as reportagens que terão apelo ao leitor? Ou mesmo, como saber quais serão as notícias que farão sentido aos leitores dessas revistas? Um conceito importante para se pensar essa relação, entre leitor e meio de comunicação, é aquele que Elisabeth Ellsworth tomou emprestado dos estudos de cinema, nomeado como “modos de endereçamento” (ELLSWORTH, 2001). Para a autora, os modos de endereçamento se resumem a uma única questão: “quem este filme pensa que eu sou?” (ELLSWORTH, 2001, p.11). Originalmente pensado através das necessidades do cinema e de seus teóricos, procurava dar conta das inter-relações entre o filme exibido e a recepção desse pelo telespectador. Se, por um lado, seria muito difícil saber como cada telespectador consumiu o filme, por outro, através do endereçamento, produtores poderiam pensar como o público reagiria ao produto final, neste caso, ao filme assistido. Para Ellsworth, “se você compreender qual é a relação entre texto de um filme e a experiência do espectador, por exemplo, você poderá ser capaz de mudar ou influenciar, até mesmo controlar, a resposta do espectador” (ELLSWORTH, 2001, p.13)

Para os teóricos que se ocupam de analisar o cinema, enquanto produto cultural, pensar o cinema necessita entender que “os filmes, assim como as cartas, os livros, os comerciais de televisão, são feitos para alguém. Eles visam e imaginam determinados públicos” (ELLSWORTH, 2001, p.14). Dessa maneira, ao escolherem determinados enredos, determinadas composições de cena, cenários, atores, efeitos especiais e formas de publicidade

de uma produção cinematográfica, os produtores estão pensando num determinado tipo de público a quem se destina a película. Até mesmo por que deve se constituir uma relação de cumplicidade entre filme e telespectador, entre produção e consumidor. Caso não ocorra essa troca, essa aceitação do que está sendo exibido, o filme não atingirá seu público. Em outras palavras, consiste em um movimento em que “a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme” (ELLSWORTH, 2001, p.14).

Operando uma troca de filmes para revistas, poderíamos pensar que as revistas, ao publicar determinadas reportagens, também imaginam seu público leitor. E, de maneira similar aos filmes, veiculam notícias e posicionamentos, que imaginam fazer sentindo aos seus leitores. Santos (2002), comentando sobre os modos de endereçamento, afirma que os mesmos mantêm relação com “a necessidade de apresentar qualquer comunicação, texto ou ação para alguém, acerca do qual se pressupõe algumas coisas, imaginando-se como ele é e como se quer que ele seja” (SANTOS, 2002, p. 136). As revistas, ao publicarem suas reportagens, também imaginam seus leitores de determinadas maneiras, articulando, em suas páginas, textos, imagens e posições que vão enquadrando seus leitores.

Apresenta-se, como possibilidade de análise, a articulação entre conceitos, como discurso e modos de endereçamento, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Isso significa dizer, em outras palavras, que, observando as revistas como espaços educativos, portadores de sentidos construídos na conjunção de elementos distintos, como imagens e textos, é possível analisar as maneiras que uma revista vai construindo uma percepção sobre saúde, a partir de suas edições. Neste caso, como a Revista Veja vai, entre os anos de 1968 e 1974, divulgando determinados discursos, supondo que seus leitores são de determinadas maneiras. Pensa-se, assim, a Educação, a partir de uma perspectiva própria dos Estudos Culturais, em que não apenas a escola trata da formação das pessoas, mas também os diversos meios de comunicação. Nas páginas que seguem, apresento as maneiras, através das quais, pretendo analisar as fontes selecionadas para essa pesquisa.

## 4- CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA DE ANÁLISE

Ao longo do tempo, em que fui realizando a pesquisa, em um tempo marcado por aproximações teóricas e pela tentativa de seleção do corpo documental para análise, bem como a tentativa de demonstrar sua produtividade para empreender essa atividade, foram surgindo possibilidades um tanto distintas. Considero importante apresentar, desde já, as múltiplas possibilidades analíticas, que foram surgindo, na medida em que avançava na pesquisa. Assim, se nos capítulos anteriores tratei de demonstrar o contexto histórico no qual insere-se essa pesquisa, bem como as possibilidades de articulação entre pedagogias culturais e discurso, procuro, neste capítulo, evidenciar os procedimentos que utilizei para selecionar o material de análise e também o recorte temático e temporal proposto para este trabalho.

Além disso, busco demonstrar os procedimentos de análise e concepções, que orientaram a análise do material, e que contribuíram para a construção da rede teórica com a qual analisei as reportagens indicadas.

### 4.1- DELIMITANDO O PERÍODO E RECORTANDO O ACERVO

Inicialmente, pensei em dirigir minha atenção e meus questionamentos para as edições da Revista Veja, publicadas ao longo de uma década, ou seja, entre 1968 e 1978. No entanto, por representar um montante considerável de material para análise, comecei a duvidar da minha capacidade de trabalhar com o total de exemplares que o período de uma década poderia representar, tendo em vista tratar-se de uma publicação semanal. No entanto, a busca por marcadores/palavras-chaves<sup>11</sup>, previamente elencados e ajustados, ao longo das consultas iniciais ao site da Revista Veja, não resultavam em reportagens que possuísem relação mais direta com minha intenção de pesquisa. Tal movimento fez com que eu passasse a procurar por outros delimitadores do acervo, o que, por sua vez, acabou me conduzindo a novos questionamentos.

Por entender que isso se constituiria numa grande quantidade de material para analisar, passei a buscar uma maneira de diminuir o período de tempo. Dessa maneira, mantive o início do período, ano de 1968, ano do lançamento da Revista Veja, delimitando o final do período para o ano de 1974. A escolha deste ano, em particular, pauta-se em dois motivos

---

<sup>11</sup> Inicialmente, havia formado uma lista com, aproximadamente, 20 palavras, que pensei em “buscar” nas edições que analisaria. Entre essas expressões, estavam palavras como doença, saúde, medicina, cura, educação, escola.

complementares. O primeiro diz respeito à promulgação da Lei nº6050, que versa sobre a aplicação de flúor nas águas de abastecimento público, isso na direção de assumir algum recorte específico, marcado por alguma situação que fosse importante, desde o ponto de vista da saúde pública. Por outro lado, o ano de 1974 é apontado pela historiografia, de uma maneira geral, como o ano do fim do “milagre econômico”, por isso, considero também importante a escolha dessa data em particular.

Esse recorte pareceu adequado, visto que ele abarcava o ano de publicação da Lei de Diretrizes e Bases de 1971, que instituiu, nas escolas, o ensino de Programa de Saúde. Contudo, essa delimitação temporal também trouxe alguns problemas: os seis anos de revista (entre 1968 e 1974) compreendiam um número próximo a trezentos exemplares, a serem analisados, o que ainda poderia representar uma quantidade muito grande de material para uma dissertação.

A estratégia seguinte, ainda mantendo o mesmo recorte temporal, visou tentar diminuir a quantidade de revistas, o que significou eleger apenas uma revista por mês, totalizando cerca de setenta revistas<sup>12</sup>. A ideia, anteriormente aventada, de analisar apenas a seção da Revista Veja, intitulada “Medicina”, não se tornou operativa porque essa seção não tinha regularidade, durante o período. De qualquer maneira, era necessário abrir mão de alguma coisa e, naquele momento, decidi voltar ao acervo para empreender uma nova seleção, desta vez, escolhendo os exemplares, a partir das manchetes apresentadas nas capas da Revista. Observando as capas, percebi que, ao longo de dez anos de revista, entre 1968 e 1978, em torno de doze edições dedicaram suas matérias de capa para a temática Saúde, o que, por sua vez, parecia representar uma quantidade muito pequena de material para sustentar uma dissertação.

A partir desse momento, precisava decidir qual caminho seguir: a) mantinha a concentração nas reportagens sobre saúde e desconsiderava todo o restante da revista; b) ou diminuía a quantidade de material, para dar conta de analisar todas as revistas que escolhesse. Além disso, precisava decidir qual seria o recorte cronológico que iria adotar para a pesquisa. Assim, acabei escolhendo a primeira opção, ou seja, analisar as reportagens sobre saúde, mais especificamente aquelas da seção intitulada “Medicina”, entre os anos de 1968 e 1974, utilizando o restante da revista como material complementar, que auxiliasse na contextualização do material e do período selecionado.

---

<sup>12</sup> O período de setembro de 1968 até dezembro de 1974 compreende um período maior que seis anos; além do que, alguns meses possuem mais que quatro edições.

Decidido isso, restava ainda o problema referente à grande quantidade de reportagens – algo próximo a trezentas edições – e como proceder para diminuir esse número. Entre as possibilidades pensadas, para solucionar essa questão, surgiram duas alternativas: recuar o recorte cronológico para o ano de 1971, analisando as 116 edições da Revista Veja, no período, que possuem a seção “Medicina”, ou deixar o recorte cronológico até o ano de 1974, escolhendo algumas edições, dando preferência às reportagens que se mostraram produtivas para os objetivos que propus.

Como é possível perceber, considerei a segunda proposta como mais produtiva e, assim, selecionei, entre os anos de 1968 e 1974, 57 reportagens da seção Medicina, da Revista Veja, para produzir minha análise. No entanto, no processo de escrita, acabei utilizando, de fato, apenas 31 reportagens, por entender que essas matérias já seriam significativas naquilo que pretendo demonstrar. Isso acabou produzindo duas listas de reportagens que se complementam: uma com a totalidade de reportagens, e presente nos anexos, e outra, com apenas as reportagens citadas diretamente no texto.

Essa relação de reportagens, listada em anexo, consta da data de publicação, bem como do título da reportagem e das páginas em que foi publicada e foi separada, em ordem cronológica, por categorias. Assim, primeiramente aparecem as reportagens da categoria *Procedimentos*, em seguida, da categoria *Pesquisas e Doenças*, e, por fim, da categoria *Prevenção*.

Considero importante também informar que as reportagens utilizadas na dissertação, tanto no contexto histórico como na análise, serão listadas enquanto reportagens consultadas, nas Referências desta dissertação, seguindo o modelo estabelecido pelas normas técnicas. Informo também que, durante a análise dessas reportagens, não busquei seguir uma ordem cronológica, mas optei por ir articulando-as, na medida em que pareciam contribuir para minha argumentação.

#### 4.2- IDENTIFICANDO RECORRÊNCIAS

Os primeiros passos na seleção do material de análise seguiram na direção de identificar todas as reportagens da seção Medicina, publicadas pela Revista Veja, no período selecionado, neste caso, do lançamento da Revista Veja, em 1968, até setembro de 1974, completando seis anos de revista. Esse empreendimento levou a um total de 231 reportagens, as quais tratei de organizar numa lista onde estivessem seu título, a data de publicação da edição, e duas ou três palavras-chave, que descrevessem o conteúdo dessas reportagens. Esse



procedimento resultou em um arquivo com dezoito páginas, que optei por não apresentar devido à sua extensão.

A partir desse primeiro contato com o material, passei a listar essas palavras-chave e o número de vezes que cada uma delas ocorria, ao longo dos seis anos de material selecionado. O resultado dessa primeira seleção pode ser visto no Quadro 1, que segue abaixo:

**Quadro 1:** Palavras-chave listadas das reportagens

Palavras-Chave	Número de Ocorrências
Câncer	34
Cirurgia	10
Coração	36
Doenças	30
Doenças de Chagas	6
Gripe	10
Medicamento	11
Meningite	10
Pesquisa	60
Prevenção	24
Procedimentos	33
Transplantes	20
Tratamento	27
Vacinas	18

A identificação dessas palavras-chaves foi possível, a partir do momento em que os temas das reportagens foram se repetindo, ao longo das edições analisadas. Outros temas também apareceram na série estabelecida, sem, no entanto, apresentarem uma quantidade

expressiva de temas. Reportagens sobre a importância do acompanhamento psicológico (VEJA, 16/09/70), sobre questões ligadas ao exercício da odontologia (VEJA, 17/11/71), ou, ainda, se determinado atleta jogaria ou não com a seleção de futebol (VEJA, 08/10/69), são alguns exemplos de temas que, mesmo aparecendo na seção Medicina, não contribuem para a análise que se pretende aqui.

A partir desse quadro, procurei pensar em maneiras de organizar esses temas em categorias, que me possibilitaram um olhar mais sistematizado do conjunto de reportagens. Assim, tratei de agrupar as reportagens, constituindo as seguintes categorias de análise, conforme indicado no Quadro 2, que se encontra abaixo.

**Quadro 2:** Relação entre Palavras-Chave e Categorias

Categoria	Palavras-Chave
Procedimentos	Transplantes, Cirurgia, Procedimentos,
Doenças e Pesquisas	Vacinas, Medicamentos, Tratamento, Pesquisa, Doenças, Câncer, Gripe, Doença de Chagas, Meningite,
Prevenção	Prevenção. <sup>13</sup>

Com a construção dessas categorias, pretendi tornar mais operativo o processo de análise dos discursos presentes nas edições de Veja. Para cada categoria, procurei agrupar assuntos que mantinham alguma proximidade entre si. Ao analisar as revistas selecionadas, fui percebendo que determinados temas repetiam-se em muitas edições e, por isso, procurei reuni-los, buscando agrupar assuntos próximos. Considero importante deixar claro que, através dessa organização, não busco dar uma forma definitiva ao acervo ou mesmo ao tema sobre o qual escrevo. Essa forma de pensar as reportagens representa, fundamentalmente, uma tentativa de deixar a pesquisa mais organizada. Quero dizer, com isso, que o proposto aqui não consiste na única maneira de proceder, mas é a forma que encontrei para seguir com a análise do material.

<sup>13</sup> As reportagens que posicionei na categoria “Prevenção” não trazem esse tema de maneira direta. São, no geral, matérias nas quais transpassa a ideia de prevenir determinados problemas, a partir de cuidados variados, seja com a alimentação ou através de exames. Devido a isso, por trazerem palavras-chave que aparecem também nas demais categorias, procurei não repetir os descritores utilizados nas outras duas categorias.

Na categoria intitulada “Procedimentos”, tratei de reunir temas como transplantes e cirurgias. Nesta categoria, pretendi verificar como os procedimentos cirúrgicos eram retratados pelo veículo de comunicação que analiso. Na segunda categoria, intitulada “Doenças e Pesquisa”, apresentei as reportagens que falam das vacinas, dos medicamentos, dos tratamentos médicos em geral e também das pesquisas que buscavam encontrar a cura das doenças, que afligiam aquela sociedade, bem como das enfermidades que mais frequentemente apareciam na Revista. Por fim, na categoria “Prevenção”, apresentei as reportagens que traziam algum tipo de cuidado preventivo, fosse através de exames, da proposta de novos hábitos, ou, ainda, de cuidados para com sua própria saúde.

É importante ressaltar que essa organização não representa uma posição da Revista Veja ou mesmo de algum autor. Trata-se, sim, de uma decisão pessoal de quem escreve e que, nas trilhas que segue, busca maneiras de organizar sua pesquisa. Provavelmente, outro autor utilizaria outra disposição ou mesmo teria outro olhar sobre as reportagens. Ao agrupar transplantes e procedimentos cirúrgicos, por exemplo, não desconsidero que tais recursos podem levar à cura de alguma enfermidade, ou ainda, que representam o resultado de pesquisas. De forma similar, ao reunir, sob uma mesma categoria, as doenças que mais frequentemente aparecem na revista, não estou desconsiderando que problemas cardíacos não constituem uma enfermidade. Porém, devido à necessidade de sistematizar o que se vê para poder prosseguir com a escrita daquilo que se pretende dizer, tornam-se necessárias determinadas escolhas.

Retomo aqui, uma vez mais, correndo o risco de ser repetitivo: não se trata de determinar posições fixas e imutáveis, afirmando que uma reportagem pertence apenas a uma esfera. Muito longe disso. Minha escolha consiste na tentativa de constituir uma maneira de olhar o acervo, que permita a sistematização dos discursos sobre saúde, presentes na Revista Veja. Para isso, nas páginas que seguem, apresento alguns aspectos de caráter metodológico, nos quais pautei minha análise, nesta pesquisa.

#### 4.3 - METODOLOGIA DE ANÁLISE

Tal como referido em outros momentos deste trabalho, as revistas foram utilizadas em diferentes pesquisas, que tratam de variados temas. Como já argumentei, as revistas constituem um espaço em que múltiplas imagens constituem discursos, que chegam até as pessoas, de muitas maneiras. No capítulo anterior, busquei demonstrar como, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, é possível produzir uma análise acerca dos discursos sobre

saúde, nas páginas da Revista Veja. Assim, ao procurar articular pedagogias culturais e discurso, marcando também um possível deslocamento da primeira para biopedagogias, busco evidenciar que as possibilidades de análise são múltiplas. Nas páginas anteriores, neste mesmo capítulo, busquei demonstrar os passos que segui, para a seleção do meu material de pesquisa, bem como a seleção das reportagens e a constituição de categorias.

Uma das primeiras medidas adotadas, ao utilizar revistas como material de pesquisa, consiste em destacar a “materialidade de jornais e revistas em diferentes momentos, [...] exemplares de épocas diversas. A atenção do visitante seria atraída pela notável variedade de formatos, tipos de papel, qualidade da impressão, cores, imagens” (LUCA, 2006, p.131). A “materialidade” da revista depende do momento histórico e das possibilidades tecnológicas do período. Assim, uma revista, publicada na década de 1960, utilizava técnicas e estilos, tanto de organização interna quanto de redação, próprias daquele tempo e, assim, um tanto diferentes de uma revista publicada, durante os anos 2000. Em outras palavras, analisar a materialidade consiste em “historicizar a fonte” (LUCA, 2006, p. 132), dando atenção aos elementos presentes e utilizados na produção do impresso e observando, entre as possibilidades existentes no período, por que foram feitas determinadas escolhas e não outras.

Outro elemento a ser considerado, ao se tratar das revistas em sua materialidade, diz respeito ao acesso ao material. Luca (2006) sugere como procedimentos fundamentais na constituição do corpo fundamental, envolvendo revistas, “localizar a fonte [...] averiguar as condições oferecidas para consulta [...] a obtenção de longas séries completas” (LUCA, 2006, p. 141-2). Trata-se aqui de estabelecer uma série documental, que seja representativa da época e do tema que se esteja pesquisando. Rose (2001) vem ao encontro dessa posição, sugerindo que a análise de discurso depende não da quantidade, mas da qualidade das fontes, numa ação em que, mais que escolher muitas fontes, seria importante escolher as fontes que pareçam mais interessantes ao nosso objetivo. A partir disso, na presente dissertação, selecionei, como material para análise, um total de sessenta<sup>14</sup> revistas, no período entre 1968 e 1974, todas disponíveis no sítio da Editora Abril, nas quais analisarei a seção intitulada “Medicina”, buscando, nesse material, os discursos sobre saúde, produzidos naquele momento histórico e veiculados na Revista Veja. A partir dessa seleção, pretendo reunir uma quantidade de material, que permita identificar e problematizar as questões referentes aos discursos sobre

---

<sup>14</sup> A relação de revistas analisadas, bem como os títulos das reportagens, se encontra como anexo, ao final dessa dissertação. O acesso às revistas é possível através do sítio da Editora Abril, que se localiza no seguinte endereço: <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/editions>. Inicialmente, o acesso ao acervo da Revista era liberado, sem a necessidade de registro algum. No entanto, a partir deste ano, é necessário fazer um cadastro no sítio da Editora, o qual pode ser realizado, através dos dados utilizados em redes sociais.

saúde, existentes na Revista, entre 1968 e 1974. Para Rose (2001), o uso de uma série completa e mais extensa permite localizar o que vai se repetindo, constituindo categorias e possibilidades de explicação.

Os conteúdos publicados, suas organizações internas, bem como os financiadores dessas revistas, também são importantes, ao se analisar esse tipo de material. Logo, torna-se fundamental compreender que, por ser o resultado de um determinado tempo histórico, “o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas” (LUCA, 2006, p.139). Considero importante destacar que essa “história da imprensa”, ou ainda, as condições técnicas e teóricas daquele momento histórico específico, foi o que possibilitou que essa publicação fosse produzida da maneira que foi, devido aos recursos disponíveis no período. Ou seja, um determinado conteúdo, disponibilizado de uma determinada maneira, faz sentido para a época na qual a revista foi publicada. E, junto a isso, é correto afirmar, de acordo com Luca (2006), que os discursos presentes numa revista adquirem “significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA, 2006, p. 140). Isso significa, em termos práticos que, ao se utilizar revistas como material de análise, não é possível dissociar sua materialidade, já exposta anteriormente, de seu conteúdo e condições de produção.

A importância das condições de produção dos artefatos analisados também aparece nas reflexões de outros autores. Fischer (2002), por exemplo, ao tratar do uso da televisão, enquanto material de análise, dirá que “um seriado televisivo, por exemplo, destinado a adolescentes não será tratado como objeto histórico se não for descrito nas suas condições de produção” (FISCHER, 2002, p. 64). Rose (2001), por sua vez, afirma que “a análise do discurso tem a ver também com dar a devida atenção a certos aspectos do contexto social da produção do discurso” (ROSE, 2001, p.159). O contexto ao qual a autora faz referência diz respeito às condições de existência de determinados enunciados. Em outras palavras, trata-se de compreender como os enunciados foram passíveis de serem produzidos, em determinadas épocas e não em outras. Gerzson (2012), analisando as revistas, “considera as palavras e seus sentidos estabelecidos discursivamente, sem tomar os discursos como indicadores de sentidos profundos, mas ligados ao campo prático no qual eles são desdobrados” (GERZSON, 2012, p. 47), o que significa analisá-los, estabelecendo relações com o contexto histórico no qual foram produzidos.

Importante também na análise de discurso é a compreensão do “público assumido pelas imagens e textos. A explicação dada ao mesmo evento pode ser bem diferente quando é diferente o público dessa explicação” (ROSE, 2001, p. 159). Essa proposição vem ao encontro daquilo proposto por Ellsworth (2001) e discutido anteriormente, quando tratei dos modos de endereçamento. Trata-se, neste caso, de compreender que determinados discursos são produzidos e veiculados nos meios de comunicação, levando em consideração um leitor imaginado. Assume-se que esse leitor, ao possuir determinados saberes, faz uso de uma maneira específica do discurso que consome. As reportagens que aparecem na Revista Veja, e que serão objeto de análise aqui, precisam ser pensadas, a partir dessa compreensão, compartilhada por essas duas autoras: aquilo que é produzido pela mídia ou pela indústria cultural parte de certas definições preconcebidas sobre seus consumidores. Compreender isso, numa análise como a que proponho, significa, antes de tudo, entender que essas publicações possuem determinadas intencionalidades, as quais precisam ser problematizadas e analisadas, em conjunto com o contexto no qual foram produzidas.

Essa problematização lança perguntas aos discursos analisados, que podem começar com algumas das questões propostas por Rose (2001). A autora questiona: “como exatamente é estruturado determinado discurso, e como então ele produz determinado tipo de conhecimento? [...] como determinado discurso descreve as coisas [...] como constrói a culpa e a responsabilidade [...] como categoriza e particulariza” (ROSE, 2001, p. 150). Em outras palavras, problematizar os discursos consiste em direcionar nossa atenção às maneiras como esses discursos atuam na construção dos sujeitos, que entram em contato com os meios de comunicação, que veiculam esses discursos. Analisar as reportagens da Revista Veja permite, assim, expor as concepções sobre saúde, que existiam durante os anos de 1968 e 1974, bem como explicitar as construções que os meios de comunicação disseminavam, atuando na construção dos sujeitos que consumiam a Revista. Para tanto, nesse processo, é fundamental analisar como se dá a descrição dos temas tratados por esses discursos, buscando identificar as categorias, bem como relacioná-las ao seu contexto.

Nesse processo, ainda, torna-se importante “despir-se de todas as ideias preconcebidas que você possa ter a respeito do material com o qual esteja trabalhando” (ROSE, 2001, p. 150), buscando, assim, compreender qual era a visão de mundo que subsidiava a produção desse discurso. A partir disso, deixando de lado as concepções preliminares sobre o assunto, seguir com a busca de “temas chave, que podem ser as palavras-chave ou imagens visuais recorrentes [...] faça uma lista dessas palavras ou imagens e confira todas as fontes, codificando o material toda vez que ocorra tal palavra ou imagem” (ROSE, 2001, p. 150).

Assim, a metodologia empregada para analisar as reportagens e identificar os discursos, que compõem o conjunto de enunciados presentes na Revista Veja, entre os anos de 1968 e 1974, estará pautada na constituição de uma longa série de documentos, a partir dos quais procurarei atentar para as condições de produção, bem como a materialidade do material selecionado. Com isso, então, observarei as repetições que vão surgindo da leitura do acervo, dando a elas a condição de categorias analíticas, com as quais pretendo relatar o que se pensava acerca da saúde, durante o período histórico indicado, através das páginas da Revista Veja. E, nesse processo, terei uma atenção especial às maneiras como esses discursos vão se relacionando com o contexto social no qual estão inseridos.

## 5 – SAÚDE NAS PÁGINAS DE VEJA

Ao longo dos três capítulos anteriores, procurei construir uma rede, que pudesse dar conta de demonstrar o conjunto de saberes, através dos quais construí essa dissertação. Por isso, pensando no afunilamento da pesquisa, tracei um contexto histórico, que visava dar conta da situação do Brasil e do mundo, mesmo que superficialmente, no período que vai do início do século XX até o período que propus como recorte temporal da análise. De maneira similar, busquei, concomitantemente a isso, construir um apanhado teórico, que permitisse tocar e manusear o acervo de que dispunha, demonstrando os recursos conceituais que selecionei para pensar este trabalho. Por fim, na terceira parte da dissertação, apresentei meu acervo e os procedimentos que considero necessários para dar conta da análise desse material. Agora, nas páginas que seguem, pretendo resgatar elementos desses três primeiros capítulos, na medida em que traço a análise sobre as reportagens selecionadas.

As reportagens selecionadas, para integrar esta pesquisa, não representam a totalidade de temas que a Revista aborda, na seção Medicina, em todas as suas edições. Ao contrário disso, esboçam os temas que elegi como principais, devido à sua recorrência, ao longo do período selecionado para esta pesquisa. Assim, a saúde aparece nas páginas de Veja, em vários momentos e com vários tons. Ora esses temas são acionados já nas capas das revistas, ora eles são tratados em meio a questões variadas, tais como transplantes, vacinas, procedimentos médicos, ou ainda, quando se fala sobre pesquisas envolvendo a área médica. Entre as reportagens, algumas posições se mantêm, mesmo que seja a partir de temas diferentes. A pesquisa médica é um procedimento recorrente nas matérias, ora pesquisa-se para solucionar alguma doença (VEJA, 09/09/1970), ora se recorre à pesquisa para falar da busca por novos procedimentos médicos (VEJA, 25/09/1973). Geralmente, tratam-se de pesquisas realizadas fora do país, com profissionais renomados e de autoridade assegurada por prêmios e títulos.

Para dar maior dinamicidade à análise e também à leitura, pretendo dividir este capítulo em quatro subseções, onde, nas três primeiras, apresento cada uma das categorias que construí ao longo do Capítulo 3, “*Construindo uma metodologia de análise*”. No interior dessas seções, exponho individualmente cada categoria, pois optei por iniciar apresentando um quadro geral acerca das reportagens selecionadas, que deverá servir como um guia de leitura, para, em seguida, tratar de aspectos mais específicos de cada tema. Feita essa apresentação das reportagens, em cada categoria, reservei uma última seção do capítulo, para



tecer comentários gerais sobre os discursos, que são constituídos em *Veja*, e como esses vão se articulando, ao longo das edições.

## 5.1 PROCEDIMENTOS

Dentro do conjunto de reportagens de *Veja*, que selecionei e agrupei nesta categoria, encontram-se vinte matérias, das quais me utilizo, ao longo do texto, na forma de citação, de dez reportagens. Em todas elas o assunto principal são procedimentos médicos, nos quais se exploram técnicas, maneiras de fazer, ou ainda, os métodos utilizados por médicos, na busca por soluções dos problemas enfrentados pelos pacientes. Apesar de ter escolhido um período de seis anos para análise, as reportagens dessa categoria concentram-se nos primeiros anos de publicação da revista, conforme pode ser percebido, ao observar o quadro “Reportagens Analisadas na Dissertação”, presente no final da dissertação, como Apêndice.

Importante notar também que, dentre os procedimentos recrutados para aparecer nas páginas da seção Medicina, de *Veja*, houve ênfase considerável aos transplantes e suas formas de realização. E, mais do que isso, nesse processo, a técnica foi sempre elogiada, principalmente, em sua condição de dar uma nova chance aos pacientes desenganados. Além disso, o coração é o órgão eleito como personagem principal, aparecendo no título de dez reportagens entre as vinte. Em comparação, o cérebro aparece no título de outras três, sendo que um desses títulos traz ambos, coração e cérebro, juntos. As demais reportagens trazem referências a outros temas, tais como o olho, braços, transplantes, ou mesmo, elogios às técnicas utilizadas. Mas, como demonstrado acima, o coração é quem mais se faz presente nos títulos das reportagens.

Nessas reportagens, o transplante de coração aparece como uma técnica que está se desenvolvendo, a partir do esforço dos médicos e suas pesquisas. Estes considerados os pioneiros, que se esforçam para dar uma nova vida aos pacientes, desenvolvem técnicas, testam procedimentos e especializam-se, através de constantes interações com os centros estrangeiros. A Revista *Veja*, ao tratar dos transplantes e demais cirurgias, traz, com frequência, informações sobre o que acontece fora do país, destacando como esses lugares estão avançando, e como, no Brasil, se procura seguir os passos iniciados em outros lugares. Assim, em algumas edições, aparecem referências a médicos estrangeiros e suas atividades relacionadas aos transplantes.

As pessoas que são recrutadas para falar são, na maioria das vezes, médicos e pesquisadores conhecidos, que lideram grupos de pesquisa em universidades e hospitais, tanto

no Brasil como no exterior. Quando aparecem nas reportagens, surgem como pessoas capacitadas, autoridades nos assuntos médicos que tratam. Como o exemplo do médico Hugo João Felipozzi, descrito a partir de seus méritos na prática da medicina, que tem seus recordes enfatizados pela revista. Ele coleciona “recordes médicos em sua carreira: na América Latina foi o primeiro a fazer uma cirurgia de coração com circulação extracorpórea e o primeiro a implantar válvulas cardíacas artificiais” (VEJA, 13/09/72, p.54). Outros pesquisadores, que aparecem na revista, também apresentam posicionamentos acerca dos transplantes. Para o Dr. Denton Cooley, “o transplante de coração não é um espetacular número de circo, como insinuam certos adversários nossos, mas sim uma operação comum com uma margem muito boa de segurança” (VEJA, 09/04/1969, p.52).

Essa exaltação ao trabalho dos médicos, em suas tentativas de transplantes, aparece já na primeira edição da revista, através de uma reportagem intitulada “Mãos de Ouro”, a qual articula uma defesa aos transplantes, funcionando como que uma propaganda do procedimento, ao mesmo tempo em que relaciona sua prática à nova vida que o paciente poderia ter, recebendo um coração transplantado. A reportagem inicia com uma pergunta: “Quem tem medo de cirurgia?” (VEJA, 11/09/1968, p.46) e, a partir disso, desenvolve uma argumentação positiva, em torno do trabalho dos médicos brasileiros.

É importante lembrar que existem críticas ao baixo investimento nos hospitais públicos e às condições não tão boas de trabalho oferecidas a esses médicos. No entanto, o sucesso dos médicos em seus transplantes, a busca por formação nos Estados Unidos da América, a fabricação dos próprios equipamentos nos hospitais, enfim, uma série de informações é apresentada para, de certa maneira, demonstrar o sucesso que os transplantes estavam alcançando na medicina brasileira, como aparece na reportagem “A cirurgia brasileira vai ganhando o jogo contra a morte” (VEJA, 11/09/1968, p. 49).

A ideia de o Brasil estar vencendo uma disputa na área da saúde, em meados dos anos 1960, precisa ser colocada em perspectiva. Trata-se, aqui, de fazer ver, através das reportagens, um Brasil que dá certo, que avança, que vai em frente e que, conectado ao que acontece no restante do mundo, também apresenta progressos na cura de determinadas doenças, como aquelas provenientes de problemas cardíacos. Em outras palavras, é o Brasil do Milagre Econômico, dos avanços técnicos, do ufanismo, do futuro que enfim chega.

Os transplantes de coração aparecem em outras reportagens: “Cardiobanco, o coração a prazo curto” (VEJA, 01/01/1969) e “O coração atômico” (VEJA, 13/09/1972). Nessas matérias, se evidencia uma preocupação em relatar os avanços e progressos da ciência médica. Em “Cardiobanco”, a revista traz, em suas páginas, uma proposta dotada de uma

lógica quase comercial, visto que, na medida em que houvesse necessidade, bastaria “encomendar um coração”. De acordo com a reportagem, poderia se desenvolver um centro de transplantes, no qual, através de procedimentos adotados em laboratório, seria possível

catalogar os vários tipos de tecidos dos doadores e receptores com bases universais, como já se faz com os grupos sanguíneos. E, na hora de encomendar um coração, basta enviar o ‘código’ do paciente para receber um órgão em condições perfeitas para um transplante. (VEJA, 01/01/1969).

Por outro lado, a reportagem “O coração atômico” (VEJA, 13/09/1972) nos permite pensar que a medida encontrada, ao menos no período analisado, foi buscar outras soluções, neste caso, a tentativa de produzir um coração artificial e a divulgação do uso de marca-passos para corrigir problemas cardíacos. Na reportagem, destaca-se a primeira cirurgia para colocação de um marca-passo, com bateria atômica, realizada no Brasil. O médico responsável pelo transplante, Dr. Hugo João Felipozzi, é quem explica, ao jornalista e aos leitores da revista, a diferença entre um marca-passo tradicional e o atômico. Nas palavras do médico, “enquanto a pilha comum resiste a apenas 36 meses, exigindo uma troca, a atômica, de plutônio, pode durar uns dez anos – embora a fábrica, a Medtronic, de Minnesota, Estados Unidos da América, dê [sic] garantia de apenas cinco (anos)<sup>15</sup>” (VEJA, 13/09/1972, p54).

Nas repetidas reportagens, acerca dos transplantes de coração, existe uma preocupação com a oferta de órgãos, assim como a chegada destes aos receptores, em condições, para utilização pela equipe médica. Nota-se, em certa medida, uma especial atenção ao tratar do tema da doação de órgãos, em vários momentos, e de diferentes maneiras. As primeiras reportagens mostravam as potencialidades de tal procedimento no salvamento de vidas. Ocorre, inclusive, uma tentativa de romancear a autorização da doação do coração, para uma paciente, na matéria intitulada “O trágico e o humano sentido da morte”, já citada anteriormente. Por outro lado, devido à ausência de doadores em número suficiente, transparece a necessidade de tratar das alternativas para suprir essa falta, neste caso, o uso de marca-passos, com baterias mais longas, ou, a tentativa de produzir órgãos artificiais para transplante. Em ambas as matérias, há um destaque para a habilidade da equipe médica envolvida, o pioneirismo dos procedimentos e a capacidade dos médicos que assumem a sua realização.

Na primeira edição de Veja, a reportagem “O trágico e humano sentido da morte” (VEJA, 11/09/1968) apresenta um relato no qual se evidencia o esforço em conseguir

---

<sup>15</sup> Na mesma reportagem, explicava-se que o marca-passo tradicional ou “comum” funcionaria com “cinco pilhas de mercúrio interligadas, com duração média de três anos” (VEJA, 13/09/1972, p.54).

doadores de órgãos. O texto, de uma página, mistura relato médico e drama novelesco. Nele é apresentada a história de um paciente que, após tentar suicídio com um tiro na cabeça, chega ao hospital, sendo todos os procedimentos utilizados pelos médicos descritos. Insiste-se no detalhe, na demonstração dos pormenores realizados para tentar salvar a vida do paciente. Com o insucesso das inúmeras tentativas, o paciente tem, enfim, sua morte cerebral decretada. Percebe-se, após sua morte, que seu coração poderia ser transplantado para outro paciente, visto que existe compatibilidade. Cabe a um dos médicos conversar com a esposa do paciente morto. E, aqui, acontece algo inusitado: o médico alega não ter habilidade necessária para conversar sobre isso, por se tratar de uma mulher. Sugere-se, então, que a chefe de enfermagem converse com a esposa do falecido, a qual, convencida, assina a autorização. Iniciado o processo de retirada do órgão, o mesmo é novamente interrompido pela chegada de um irmão que se opõe ao transplante. Agora, o mesmo médico, que antes não se sentia em condições de conversar com a esposa, é que argumenta com o irmão. E os argumentos utilizados vão em direção à “utilidade” que os órgãos do paciente morto terão para prolongar a vida de outras pessoas. Convencido pelo médico, o irmão autoriza a continuação do procedimento.

No entanto, salvar vidas, através de transplantes, passa frequentemente por vencer a barreira imposta pelas famílias dos possíveis doadores. Para o médico americano, Denton Cooley, as dificuldades em utilizar esse “eficiente método de salvar vidas” ocorrem devido aos “protestos dos parentes do doador e [a]os problemas jurídicos por eles criados [que] surgem como forte obstáculo ao desenvolvimento dessa técnica” (VEJA, 15/01/69, p. 52). Na mesma reportagem, o médico, ao tratar das barreiras enfrentadas para conseguir doadores, fala das dificuldades pelas quais as famílias passam, ao tentar manter vivo alguém com morte cerebral. De acordo com o profissional, “o paciente segue vivo apenas por que possui uma equipe de médicos a sua disposição” enquanto que a “família precisaria lidar com a carga emocional [...] com mínimas esperanças de sobreviver” (VEJA, 15/01/1969, p.52). Lendo a reportagem intitulada “Quanto vale um coração quando o cérebro morre?” (Veja, 15/01/1969, p. 52), fica evidente o aconselhamento médico que permeia a reportagem, ao sugerir que se proceda com a doação dos órgãos, para que assim se possa estender a vida de outros pacientes.

E é nesse ponto que percebo a Revista Veja, no período, e através do material selecionado, colocando em circulação um determinado tipo de discurso, que atua atravessado por uma série de outros discursos, na constituição de uma pedagogia cultural, ou, ainda, uma biopedagogia, visto tratar-se de uma pedagogia sobre a vida (HARWOOD, 2001). Os

discursos colocados em movimento aqui tratam do sucesso dos procedimentos cirúrgicos, e dos avanços que estes começam a alcançar devido, em grande parte, ao esforço das “mãos de ouro” de médicos de diferentes partes do mundo. Esse esforço, apresentado adiante, não se faz apenas pelo trabalho dos médicos, mas também dos profissionais envolvidos com a pesquisa de novos tratamentos. Em suma, há uma ideia de progresso fortemente registrada nas páginas da Revista Veja. E esses avanços, apregoados na revista, não podem ser pensados, dissociando o ufanismo característico do período e também os avanços próprios dos “Anos Dourados”.

Retomando a ideia de uma pedagogia cultural, que nos orienta sobre como proceder, através de artefatos presentes no mundo (COSTA, ANDRADE, 2013), compreendo que as reportagens de Veja, na seção “Medicina”, acabam atuando no centro de um “processo histórico de transformação de cada um de nós naquilo que somos” (COSTA, ANDRADE, 2013, p.2). Através das reportagens de Veja, vai se constituindo um sujeito doador de órgãos que ainda não existia. Em grande medida, porque a ideia dos transplantes era recente, como evidenciado na primeira parte dessa dissertação. De certa maneira, teremos, ao longo dos anos sessenta, se não o aparecimento, ao menos, a consolidação do sujeito cartesiano<sup>16</sup>, aquele que, de acordo com Ian Hacking, teria suas partes possíveis de serem trocadas (HACKING, 2006). Em outras palavras, os transplantes passam a se tornar uma prática recorrente, no que diz respeito aos tratamentos de doenças, principalmente, em se tratando de doenças cardíacas.

Devido à essa dificuldade, já apontada, em encontrar doadores de órgãos, insista-se tanto na busca por alternativas. As reportagens tratam muito da produção de alternativas à doação de órgãos e, nelas, o elogio aos avanços científicos são uma constante. Na reportagem “Um coração de Plástico” (VEJA, 09/04/1969), por exemplo, relatam-se as pesquisas desenvolvidas pelo médico, Denton Cooley, na busca por um substituto ao coração, que, neste caso, seria uma espécie de artefato, além de comentar seus resultados. A revista utiliza de tom animado para informar sobre os testes, envolvendo

um coração mecânico, que já tem um pequeno motor para acionar a bomba cardíaca e um gerador nuclear que produz o calor necessário ao funcionamento do motor

<sup>16</sup> Ian Hacking em um artigo de 2006, intitulado “*The cartesian body*” – que se encontra entre as referências bibliográficas desta dissertação – argumenta que passamos por uma transformação que mudou nossa relação com nosso corpo. Para o autor, agora podemos tratar “o corpo como um conjunto de peças de reposição [...] enxertos de pele, os implantes de córneas, *stents*, transplantes de órgãos [tradução minha]” (HACKING, p.14, 2006). Essa transformação não afetou apenas nosso corpo, mas a maneira como nos relacionamos com ele e também as relações sociais de uma maneira geral. Peças cambiáveis, passíveis de troca no limite, que sejam encontrados os doadores certos e que os pré-requisitos de ordem médica e biológica permitem a doação. Por esse ponto de vista, todos seríamos parte de um gigantesco banco de órgãos, uma vez que, atendidos os pré-requisitos, qualquer um poderia receber ou doar órgãos.

(uma pequena pilha atômica de 4 centímetros de diâmetro e 89 anos de vida útil). Todos os problemas estão nesta pilha que esquenta muito (até cerca de 189 graus) [...] ainda é cedo para experiências com seres humanos, mas tudo faz crer que o verdadeiro coração artificial estará batendo antes dos cinco anos previstos por Denton Cooley. (VEJA, 09/04/1969, p. 52).

Esse movimento de busca por alternativas para a falta de doadores também se faz sentir no Brasil, principalmente nas reportagens, “Corações Made In Brazil” (VEJA, 22/11/1971), “Coração Atômico” (VEJA, 11/09/1968) e “Coração Paulista” (VEJA, 27/01/1971), nas quais se evidenciam as tentativas de produzir alternativas à falta de doadores de órgãos. Nelas aparecem tentativas realizadas no país, para se produzir artefatos que possam prolongar a vida dos doentes, ao mesmo tempo em que supere a falta de doadores. Esses mecanismos, produzidos pelo Instituto de Tecnologia da Aeronáutica - e aqui se percebe a vinculação da pesquisa com as Forças Armadas - resolveriam dois problemas: a falta de doadores e o fim da rejeição. Como podemos observar a seguir, trata-se de lembrar que o artefato produzido no Brasil não seria menos eficiente que os modelos fabricados em outras partes do mundo. De acordo com a revista,

nem melhor nem pior que seus congêneres de outras partes do mundo, está nascendo em São José dos Campos, São Paulo, mais um coração artificial tentando conquistar um lugar no tórax do homem, substituindo órgãos gravemente lesados. Será uma solução melhor que os transplantes (não haveria falta de corações de plástico, que [SIC] por serem de plástico, não provocariam rejeição). (VEJA, 27/01/1971, p.54).

Reforçando ainda mais o caráter pedagógico da revista, em se tratando do coração, encontramos algumas explicações sobre o órgão. Em uma de suas edições, a revista traz uma descrição do funcionamento do coração humano. Percebe-se que, além do detalhamento, ao final, reforça-se a ideia da necessidade de substituir o coração, em alguns momentos. De acordo com a publicação,

no coração, o sangue chega pela aurícula direita – uma espécie de câmara – que o transfere para o ventrículo direito. Daí, através da artéria pulmonar, o sangue vai para os pulmões onde é purificado. Voltando pela veia pulmonar, ele passa pela aurícula e ventrículo esquerdos e é jogado novamente na circulação do corpo. Este é o aparelho, com seus circuitos, que às vezes precisa ser substituído. (VEJA, 30/10/68, p. 45).

Os transplantes ocupam espaço importante na Revista e, com isso, a questão da rejeição também é uma constante em suas páginas. Percebe-se isso através de reportagens, como “Vale a pena o transplante?” (VEJA, 27/08/1969), na qual se faz um balanço acerca da validade da técnica de transpor um coração, de um corpo para outro, na expectativa de

prolongar a vida de uma pessoa. Nessa reportagem, em particular, a Revista trata da morte de Philip Blaiberg, um paciente sul-africano que, mesmo não sendo o primeiro transplantado do mundo, foi quem, até aquele momento, sobreviveu por mais tempo. Veja traz uma longa reportagem, tratando dos perigos da rejeição, contatando outros pacientes que passaram pelo mesmo procedimento, e também listando a quantidade de pessoas que, após a cirurgia, continuavam bem. De acordo com dados levantados pela revista na época, “calcula-se, por levantamentos esparsos, em mais de 150 o total de trocas de corações, das quais restariam 37 sobreviventes” (VEJA, 27/08/1969, p.46).

Outra reportagem que trata dos transplantes, pela perspectiva de um paciente que passou pelo procedimento, chama-se “Um ano de transplantes” (VEJA, 04/12/68). Nela, a revista trata da situação de pessoas que vivenciaram a experiência de ter seu coração transplantado e têm uma vida caracterizada como “normal”. Na reportagem, aparecem os riscos da rejeição e os procedimentos utilizados por médicos, ao redor do mundo, para vencer as dificuldades relacionadas à rejeição ao novo órgão. Nessa reportagem, aparecem algumas das estatísticas referentes aos transplantes, bem como a posição de médicos que realizam esse tipo de procedimento. Além disso, reforçam-se os aspectos relacionados aos avanços das técnicas médicas. De acordo com a revista, “mais operações serão feitas por equipes qualificadas; as possibilidades de sobrevivência para as pessoas de coração irão ficando cada vez maiores” (VEJA, 04/12/68, p.49).

Mesmo tratando dos perigos da técnica, os argumentos positivos não desaparecem da revista. Insiste-se em relatar os casos de pacientes que retornam às suas atividades cotidianas e que, mesmo com alguns percalços, continuam demonstrando sinais de melhora. O médico responsável pela cirurgia, pioneiro no processo, Christian Bainard, responde à reportagem de Veja sobre a validade dos transplantes e sua eficácia: “sem a intervenção, qualquer daqueles meus pacientes não teria vivido mais de trinta dias. Graças ao transplante conseguimos prolongar este prazo de trinta para duzentos dias, isto é, aumentamos essas vidas em mais de 600 por cento” (VEJA, 27/08/1969, p.46).

Talvez, o movimento mais interessante, a ser observado neste ponto, esteja relacionado àquilo que Ellsworth (2001) tratou de chamar de “modos de endereçamento”, ao se referir à maneira como os artefatos culturais imaginam (isto é, seus produtores imaginam) seus consumidores e acabam, assim, produzindo posições, a partir daquilo que esses mesmos artefatos pensam fazer sentido para sua audiência. Parafraseando a autora, para se pensar os discursos presentes numa revista, deveríamos perguntar: quem essa revista pensa que sou?

Mesmo que essa questão não possa ser solucionada de maneira definitiva, ainda assim é possível pensar em alguns elementos, que nos ajudam a montar um princípio de resposta.

Tomando as reportagens de *Veja* como ponto de partida, podemos pensar seu leitor como um sujeito preocupado com as novas possibilidades de prolongar a vida dos enfermos ou mesmo deles mesmos, principalmente no que diz respeito ao uso dos transplantes, como maneira de estender a vida de portadores de problemas cardíacos. Essa insistência em tratar dos avanços dos procedimentos, bem como em mostrar médicos de várias partes do mundo, inclusive do Brasil, propondo alternativas para essas dificuldades, indica uma audiência interessada nesse tipo de solução. Além disso, parece mostrar uma audiência preocupada com os riscos que a rejeição ao transplante pode trazer ao procedimento. Trata-se, então, de pensar o leitor de *Veja* como um sujeito interessado nessa forma de tratamento, uma vez que as enfermidades provenientes de problemas cardíacos eram uma realidade a ser enfrentada pela população brasileira, no período, na medida em que a expectativa de vida aumentava (IBGE, 2009).

Essa preocupação com os transplantes e sua eficácia pode ser percebida quando observamos o registro realizado pela revista. Caso essa preocupação não existisse entre os leitores de *Veja*, não haveria sentido em propor o seguinte questionamento: “vale a pena fazer transplantes, já que a rejeição mata mesmo?” (VEJA, 27/08/69). Entendo, amparado em Ellswort (2001), que se trata de um tema de preocupação comum à população brasileira. Se não para toda população, ao menos para aquele segmento que constituía o público leitor de *Veja*, e que já foi apresentado no início desse trabalho.

## 5.2 PESQUISAS E DOENÇAS

Nas reportagens analisadas nesta seção, e selecionadas para esta categoria, as doenças aparecem como um meio para se falar nas pesquisas médicas que são desenvolvidas. As doenças que surgem são variadas, formando um amplo leque de possibilidades, o que acaba por indicar, por exemplo, que mais importante que as doenças são os procedimentos adotados para se buscar sua cura. Assim, evidenciam-se pesquisas que envolvem a busca por novos procedimentos, novos medicamentos e novas substâncias, que darão solução a antigos problemas. É curioso perceber que doenças mais comuns, ou neste caso, ligadas aos problemas da população mais pobre, como aquelas relacionadas às péssimas condições de higiene ou derivadas da falta de saneamento básico, não aparecem nas reportagens. A ênfase encontra-se no trabalho desenvolvido por cientistas, em seus laboratórios, e como, através



dessas pesquisas, poderá ser encontrada a cura para várias doenças. Entre as doenças destacadas pela revista estão o câncer, a gripe, a varíola e a meningite.

Se na parte anterior tratava-se de identificar como os procedimentos avançavam na solução de doenças, como as cardíacas, por exemplo, aqui se percebe um entrelaçamento entre pesquisa científica e a busca pela cura, através de medicamentos e vacinas. Ou seja, através de substâncias que possam melhorar a condição dos pacientes ou mesmo imunizá-los. Essas reportagens trazem o resultado de pesquisas realizadas em laboratório, bem como o lançamento de medicamentos, por parte de empresas especializadas. Além disso, surgem também reportagens sobre os avanços em pesquisas, acerca dos genes e da cadeia de DNA.

Em “Geneterapia” (VEJA, 29/12/71), há uma associação inicial com bruxos e alquimistas e como esses buscavam criar seres humanos em laboratório. Mesmo reconhecendo as limitações, evidenciam-se os avanços técnicos produzidos. De acordo com a revista, “a medicina, a biologia e a genética não estarão produzindo homens em série, mas terão dado novos passos para o que alguns chamam de ‘geneterapia’ e outros apelidam mordazmente de ‘engenharia genética’” (VEJA, 29/12/71, p.36). Na reportagem, elencam-se as opções dos cientistas para propor, a partir das pesquisas genéticas, a cura de doenças que poderia acontecer, através de três procedimentos distintos, entre os quais “a fusão de células [...] a implantação de células com genes normais e embriões em desenvolvimento [...] e inoculação de vírus que carregam material genético corretivo para a célula” (Veja, 29/12/71, p.36.). Percebe-se aqui tanto uma esperança em encontrar a cura de problemas, através de procedimentos desenvolvidos em laboratório, através de pesquisas, como uma preocupação com as possíveis implicações desse tipo de pesquisa. De acordo com o pesquisador entrevistado, “O que se está fazendo é trabalhar com o estoque genético da raça humana sem saber tudo sobre ele!” (VEJA, 29/12/71, p.36.). Nota-se, de forma clara, que as duas posições se manifestam na reportagem, no entanto, parece prevalecer a confiança no sucesso dessas novas pesquisas.

De maneira similar, “O código da vida” (VEJA, 23/10/68), “A fábrica de genes” (VEJA, 10/06/1970) e “Bebês de geladeira” (VEJA, 21/07/1971) são exemplos de outras reportagens que trazem a temática das pesquisas genéticas. Em ambas, trata-se do trabalho desenvolvido em laboratórios de outros lugares do mundo e que estão desbravando os mistérios do código genético. Acredita-se, nessas reportagens, e isso pode ser verificado a partir do tom de confiança muito grande que trazem, na capacidade de propor a cura de doenças, através da compreensão do código genético humano. Em “O código da vida”, explica-se o funcionamento do DNA, o seu papel na transmissão de características de pai para

filho, bem como o extenso trabalho desenvolvido até aquele momento. Destaco, aqui, dois pontos que chamam a atenção: primeiramente, insiste-se no sentido da “informação” que os genes carregam. E, além disso, a revista deixa claro que, com essa descoberta, há uma “esperança que surge” (VEJA, 23/10/68, p.52). Para a revista, “a importância desse trabalho [...] é que futuramente poderá ajudar na cura e prevenção de doenças hereditárias, do câncer e mesmo contribuir para evitar a rejeição de órgãos transplantados” (VEJA, 23/10/68, p.52).

Já em “Bebês de geladeira”, discute-se as potencialidades da inseminação artificial, bem como o método para criar um banco de esperma. Detalha-se o procedimento e são mostradas estatísticas que asseguram seu sucesso. Para a revista, isso terminaria com “problemas psicológicos provocados pela impotência” (VEJA, 21/07/1971, p.48), mesmo que a reportagem não discuta tais problemas. O que chama atenção aqui é a sugestão atribuída por Veja a “muitos geneticistas”. De acordo com a revista, os geneticistas, que não são citados na reportagem, mas que são responsabilizados pela ideia, teriam sugerido que “esperma dos grandes homens fosse congelado e armazenado para futuras experiências. Assim, seus dotes e virtudes poderiam ser *facilmente* [grifo meu] somados aos de mulheres também superiores, favorecendo o enriquecimento da espécie humana” (VEJA, 21/07/1971, p.48). Atente-se, aqui, para dois aspectos que precisam ser destacados: a facilidade e a correção de problemas genéticos, a partir de experimentos em laboratório.

Ao ler “A fábrica de genes” (VEJA, 10/06/1970, p.84), a mesma ideia aparece uma vez mais. Aliás, é curioso perceber como a proposição da correção de problemas de saúde, a partir de alterações programadas no DNA humano, seja cogitado de forma tão frequente. Nessa reportagem, por exemplo, fica claro que uma das vantagens do conhecimento do DNA, e a capacidade de operar a partir dele, estaria na correção de deformidades, bem como na eliminação de problemas hereditários. Para a reportagem,

os médicos do futuro poderão, por exemplo, fazer “correções” genéticas e eliminar as causas do nascimento de pessoas anormais, acabando assim com as doenças e deformidades hereditárias.

Outra possibilidade seria o grande desenvolvimento da “engenharia” genética: a preparação ou pré-fabricação [sic] de indivíduos aptos com capacidades “planejadas”. Assim, permitiria fabricar grandes quantidades de fabulosos médicos poetas, artistas e, soldados. (VEJA, 10/06/1970, p.84).

Retomo aqui o que Ellsworth (2001) refere sobre o endereçamento: uma reportagem só pode ser veiculada na medida em que, imaginando seu leitor, produza sentido para esse mesmo público. Assim, ao encontrar reportagens que tratam de maneira aberta - mesmo que imaginando um determinado futuro ainda distante - da possibilidade de curar doenças de

origem genética, através de alterações nos genes dos pacientes ou mesmo cruzando informações genéticas distintas, na busca de um possível melhoramento da espécie, devo entender que isso tudo fazia sentido para aquele momento histórico.

Por outro lado, essas reportagens também reforçam aquilo que já tentei evidenciar no início desta dissertação e que retomei neste mesmo capítulo, ao tratar da força que a ciência possuía enquanto saber. Percebe-se uma certeza na ciência e nas possibilidades de progresso, rumo ao futuro de um Brasil grandioso, onde os avanços mais recentes do campo médico estão, se ainda não à disposição das pessoas, ao menos passíveis de serem conhecidos, através das reportagens de *Veja*. A *facilidade* que grifei numa citação anterior remonta, de certa maneira, a essa convicção no progresso da ciência, neste caso mais específico, da ciência médica. Um progresso que é “possível” em um Brasil do “Milagre Econômico”, do ufanismo típico do Regime Militar, e que compartilha, com o restante do mundo, das benesses dos “Anos Dourados”.

Por outro lado, ao evidenciar, de forma sistemática, as possibilidades de cura e os avanços da ciência, em diversas pesquisas, cabe a pergunta: quais são as doenças que aparecem nas páginas de *Veja*? No início deste capítulo, foi possível verificar alguns indicativos que respondem a essa questão. Problemas relacionados à pesquisa médica e ao desenvolvimento de procedimentos de cura são recorrentes nas páginas da revista. É correto lembrar que não apenas as doenças cardíacas, ou aquelas que dependem de transplantes, aparecem na revista. No entanto, gripe, malária, meningite, câncer ou qualquer outra que pudesse listar por aqui surgem não como a demonstração de um Brasil que sofre. Ao contrário disso: essas doenças são apresentadas, a partir do trabalho desenvolvido em diferentes laboratórios, para que se encontre uma cura, através de medicação. As doenças que aparecem em *Veja* evidenciam a busca dos cientistas pela cura. Entendo que isso acaba por representar uma outra face daquilo que já foi exposto até o momento.

Podemos tomar como exemplo a reportagem “Testes do absurdo” (VEJA, 09/09/1970). Nela discute-se a realização de uma grande variedade de testes, das mais distintas substâncias, na busca por uma possível cura do câncer. A preocupação com a doença é tão grande que, de acordo com a revista,

a grande maioria dos institutos de câncer e dos laboratórios farmacêuticos, em todos os países, tem no mínimo um grupo de pesquisadores dedicado integralmente a analisar toda e qualquer substância apresentada como possível componente de uma droga anticâncer. Cientistas do Instituto Sloan-Kettering (Nova Iorque), por exemplo, já testaram mais de 130 000 substâncias químicas, extratos de plantas e culturas, propostos como inimigos do câncer e uma única equipe do Instituto

Nacional do Câncer e Bethesda (Maryland, EUA) investigou mais de 300 000 dessas possibilidades. (VEJA, 09/09/1970, p.48).

De maneira similar, em “Pistas do Câncer” (VEJA, 09/05/1973), antes de afirmar que, de acordo com pesquisa recente, o vírus do herpes, quando em contato com outras substâncias, acabaria levando à ocorrência de câncer, a reportagem já avisa, sem maiores rodeios, que “há muito os cientistas do mundo inteiro aguardavam a confirmação de uma antiga suspeita”. A suspeita em questão seria a relação entre herpes e câncer. No entanto, o ponto que desejo destacar aqui é essa preocupação em evidenciar, uma vez mais, o fato de que, no “mundo inteiro”, procura-se pelas mesmas coisas que no Brasil. Em outras palavras, uma vez mais o Brasil aparece conectado, quase que lado a lado com o restante do mundo, no que diz respeito às pesquisas médicas.

Além disso, retoma-se aqui uma prática já apontada em outros momentos, neste caso, de colocar em evidência pesquisadores estrangeiros, para dar maior autoridade àquilo que está sendo apresentado. O Instituto Nacional do Câncer, em Maryland, nos Estados Unidos da América, aparece em outras três reportagens, quando o assunto é câncer. Em “Para ganhar tempo” (VEJA, 25/08/71), “Testes do absurdo” (VEJA, 09/09/1970) e “Pistas do Câncer” (VEJA, 09/05/1973), as referências são sempre ao mesmo Instituto, localizado nos Estados Unidos.

Essas duas reportagens reforçam o que dizia anteriormente: as doenças aparecem para destacar os avanços das pesquisas e não para externar alguma preocupação com a população e seus cuidados. Os processos educativos aqui vão em direção a ensinar os leitores sobre como funcionam essas doenças, bem como as tentativas de encontrar sua cura, sem, no entanto, demonstrar alguma preocupação com maneiras de evitar sua ocorrência. Em outras palavras, a ênfase está em mostrar como os laboratórios de diferentes lugares do mundo estão trabalhando, para produzir curas, que poderão ser colocadas à venda para a população.

Mesmo as reportagens que tratam de doenças mais populares, ou seja, que afetam populações mais pobres, aparecem em Veja vinculadas sempre com procedimentos de pesquisa e o trabalho de cientistas, que procuram a cura dessas enfermidades, seja através de uma vacina ou algum outro medicamento. Exemplos dessa tendência são as reportagens “Ataque à Malária” (VEJA, 09/05/1973) e “Mal crônico” (VEJA, 26/06/1974). A primeira reportagem mostra uma pesquisa realizada na Universidade do Amazonas, com uma substância já utilizada em outros países. Conforme a Revista, “a experiência dos professores de Manaus confirmou sua eficiência”. Já a segunda reportagem, “Mal crônico”, fala da reação negativa da comunidade científica, aos procedimentos desenvolvidos por pesquisadores, na

Universidade de São Paulo. Conforme argumentei inicialmente, as doenças que aparecem na revista servem, primeiramente, para ilustrar pesquisas desenvolvidas por médicos, na busca pela cura dessas mesmas doenças.

A malária, exemplo que trago, tornou-se endêmica, durante a década de 1950, dificultando os planos de expansão das áreas agrícolas e, por isso, tornou-se prioritária sua erradicação (JUNIOR; NOGUEIRA, 2002). Esse problema, no entanto, não era exclusivo do Brasil, sendo um “compromisso assumido, na XIV Assembléia Mundial da Saúde, que aprovou a erradicação da doença como meta a ser alcançada em escala mundial” (JUNIOR; NOGUEIRA, 2002, p.179). A partir disso, através de rígidas medidas adotadas, tanto no planejamento como nos cuidados, a doença acabou “erradicada em muitas áreas das regiões Nordeste, Sudeste e Sul do país. Em 1970, a transmissão atingiu os mais baixos níveis até então registrados, concentrando-se os casos na região Norte” (JUNIOR; NOGUEIRA, 2002, p.179).

Assim, a diminuição nos níveis da doença relaciona-se também à existência do Plano Nacional de Erradicação da Malária, de 1967, citado pela reportagem “Mal crônico” (VEJA, 26/06/1974). No entanto, como venho argumentando em outros momentos, a revista não busca educar as pessoas, acerca das maneiras de evitar a doença. Ao contrário, concentra-se em outro ponto, nas dificuldades da total erradicação da doença, em áreas rurais, devido às “pesadas dificuldades na ignorância das populações rurais e na vastidão do território nacional” (VEJA, 26/06/74 p.54). Expõe-se, assim, a ausência de medidas que pudessem atuar na prevenção desse tipo de doença. E, ao invés disso, investe-se muito na ideia de que algum laboratório encontrará uma saída definitiva e, logo, tal solução estará disponível para consumo.

Outra doença que recebe espaço em Veja é a meningite, através da reportagem “A epidemia nacional do medo” (VEJA, 04/10/72), que acaba cumprindo dupla função (informar e prevenir) e, por isso, destoa das demais reportagens selecionadas, bem como, de certa maneira, antecipa o que será tratado na próxima seção. Nessa reportagem, ao contrário das demais, não se trata de falar de pesquisas produzidas por laboratórios, departamentos, ou hospitais, sejam nacionais ou estrangeiros. Não se trata também da busca pela cura da meningite. Aqui, esmiúça-se a doença, sua origem, seus sintomas, riscos e perigos, e, a novidade, em se tratando de doenças, em Veja, é que a revista fala das formas de tratamento da doença. A reportagem, inclusive, inicia apresentando informações sobre a prevenção da doença. De acordo com a reportagem,

quatro vezes ao dia, um comprimido cada seis horas para adultos, meia drágea para crianças de até doze anos. Antes de dormir, pincelar a garganta. Sentindo a nuca dolorida, tentar dobrar o pescoço até ver o umbigo. Para recém-nascidos, higiene máxima. Esses nomes e conselhos constavam do angustiante e intensivo curso de meningite meningocócica, freqüentado por muitos brasileiros, principalmente paulistas, no correr da semana passada. (VEJA, 04/10/72, p. 24).

A reportagem centraliza sua atenção em mostrar como, durante sua produção, os repórteres andaram em busca de informações, junto aos órgãos oficiais. Além disso, durante toda reportagem, há um esforço em mostrar a situação enfrentada por outras regiões do Brasil. No entanto, mesmo que se perceba a existência de outros focos da doença fora de São Paulo, não se apresentam maiores informações sobre a mesma.

Na mesma reportagem, é mostrado um quadro intitulado “Doenças transmissíveis em São Paulo – 1971”, no qual são listadas as doenças com maior número de casos daquele ano, o número de óbitos e o percentual de mortalidade a cada grupo de 100.000 habitantes (VEJA, 04/10/72, p.26). Pelas informações mostradas, a meningite não liderava a lista, em número total de casos, nem em número de óbitos ou mesmo no que diz respeito ao percentual de mortalidade, de 0,46 no ano de 1971. À sua frente, é possível identificar, a partir do percentual de mortalidade – para ficar em apenas um dos três indicadores – o sarampo (1,27), a difteria (0,62) e o tétano do recém-nascido (0,47). Ainda, de acordo com a revista o percentual apresentado, em 1971, era algo próximo à terça parte do número de casos da mesma doença, na década de 1950 (VEJA, 04/10/72, p.27). No entanto, apesar da preocupação demonstrada pela reportagem, as outras doenças listadas não aparecem com frequência em Veja, como, por exemplo, aparece o câncer ou os problemas cardíacos. Conforme registrado anteriormente, as doenças em Veja são meios através dos quais se fala sobre tecnologia, através das quais se mostra o Brasil, que avança lado a lado com grandes centros científicos do mundo. Nossa ciência médica, para Veja, caminha a passos largos – levemente atrás em um ou outro momento – para a consolidação de um Brasil que dá certo.

### 5.3 PREVENÇÃO

Se nas seções anteriores às reportagens analisadas tratam da cura, através de procedimentos médicos e das incessantes pesquisas, que buscam encontrar soluções para as enfermidades que preocupam as autoridades médicas, nesta seção iremos perceber que, nas páginas de Veja, começa a emergir um discurso que trata da prevenção de doenças. Isto é, dessa forma, manifesta-se pela realização de campanhas de vacinação, de exames em massa,

pela divulgação de cartilhas, ou mesmo, pela instrução que permita que o próprio indivíduo reconheça possíveis sinais de alguma doença. Assim, para evidenciar esse aspecto, selecionei quinze reportagens que trazem a ideia de prevenção, a partir das posições que apresentam.

Em 14 de julho de 1971, a Revista Veja já avisava, em letras garrafais, no título de sua reportagem, que “É bem mais fácil prevenir” (14/07/71). Com essa chamada, descrevia a experiência realizada na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, onde mulheres eram convidadas a realizarem um exame preventivo ao câncer ginecológico e onde também recebiam orientações sobre como realizar o autoexame de mama. Tratava-se, de acordo com a revista, de “experiência-piloto de prevenção em massa” (VEJA, 14/07/71, p.68). Essa “experiência” consistia na participação em “palestras curtas e se submeter a exames ‘rápidos e simples’” (VEJA, 14/07/71, p.68). Ao longo da reportagem, são apresentados dados que reforçam a ideia de que a prevenção a esse tipo de doença seria muito mais eficiente e também mais barata que o tratamento em si. Um dos argumentos apresentados pela revista, para defender a realização desse tipo de campanha, seria que o valor gasto para examinar todas as mulheres adultas da cidade custaria “o mesmo, ou até menos, que o tratamento de uma só doente de câncer na sua fase aguda” (VEJA, 14/07/71, p.68).

A reportagem também realiza uma função educativa, na medida em que descreve, em linhas gerais, como se procedem os exames, ao menos quando trata dos exames de prevenção ao câncer de mama. Explica-se como proceder, o período mais indicado para a realização do exame e, também, as estatísticas que demonstram que o “câncer genital feminino representa 35% de todas as formas da doença” (VEJA, 14/07/71, p.68). Para os médicos envolvidos, a prevenção apresenta-se como uma ferramenta fundamental, para que se evite esse tipo de problema. De acordo com a reportagem, “o câncer ginecológico [...] o mais freqüente, simplesmente desaparecerá se as mulheres fizerem exames de seis em seis meses, ou mesmo uma vez por ano” (VEJA, 14/07/71, p.68).

Mas não foi apenas no Paraná que a prevenção ao câncer ginecológico foi objeto de campanha de prevenção. Em “O ônibus do câncer” (VEJA, 26/10/1972, p. 64), é apresentada uma experiência parecida com a descrita anteriormente. Agora, porém, trata-se de um ônibus que circula pela cidade, estacionando em lugares estratégicos, geralmente lugares onde as pessoas não têm acesso a esses tipos de exames, ou ainda, lugares que tenham “em torno de si um grande contingente humano e uma infra-estrutura administrativa que permitam a divulgação do processo” (VEJA, 1972, p. 64). Na sua frente, uma placa convida: “Aprenda a se defender do câncer ginecológico”.

De acordo com a reportagem, o programa, uma iniciativa da Fundação das Pioneiras Sociais<sup>17</sup>, teria sido criado em 1956. No entanto, foram “colocadas efetivamente em uso há um ano e meio quando a campanha contra o câncer passou a ter a prioridade entre as metas do Ministério da Saúde” (VEJA, 26/10/1972, p. 64). Percebe-se aqui uma outra ênfase no tratamento da doença: se na seção anterior as reportagens listadas tratavam do câncer, a partir das tentativas de cura, agora evidencia-se a tentativa de prevenção à doença, entendendo essa como financeiramente mais viável que a primeira.

Já na reportagem “A vacina na pracinha”, por outro lado, é tratada a vacinação contra a poliomielite, com a presença de uma banda, de palhaços e equilibristas, com vistas a atrair a atenção da população, para que as pessoas comecem a chegar. Na medida em que chegam com seus filhos, os pais são encaminhados para um carro estacionado na praça, onde ocorre a distribuição da vacina contra a poliomielite. Apesar dos esforços empenhados em vacinar o maior número possível de pessoas, a reportagem alerta para as dificuldades encontradas em vacinar as crianças. Relata-se, por exemplo, o não comparecimento das crianças à escola, em dias de vacinação, por ordem de seus pais (VEJA, 04/06/69, p.47). Apesar da reportagem não reforçar o argumento da vacinação como uma forma de prevenção, ela insiste nas doenças que podem surgir, a partir da não vacinação. E, além disso, por expor as consequências da não vacinação, ela acaba atuando enquanto espaço educativo acerca da saúde.

A importância das vacinas no processo de prevenção de doenças é retomada na reportagem “A marca da defesa” (VEJA, 17/06/70, p.75). Nela, aborda-se a campanha de vacinação contra a varíola, instituída pelo governo, para erradicar com a doença. A reportagem fala em “vacinação em massa” (VEJA, 17/06/70, p.75), para dar fim à ocorrência da doença no país. No entanto, a exemplo da reportagem “A Vacina na pracinha”, discutida anteriormente, não aparecem muitas referências à prática preventiva. Igualmente, a exemplo da reportagem anterior, são apresentados os limites que dificultam para que esse tipo de campanha tenha sucesso. E, na vacinação da poliomielite, “os maiores problemas dos vacinadores são outros: vão desde a ignorância das mães que não deixam imunizar os filhos por medo da reação até as péssimas estradas” (VEJA, 17/06/70, p.75).

Esse argumento é recorrente em algumas reportagens de Veja: a falta de informação da população atrapalha o sucesso das iniciativas, que visam melhorar a saúde da população. Sejam as vacinas, os exames médicos preventivos ao câncer ginecológico, ou o combate à

---

<sup>17</sup> A Fundação das Pioneiras Sociais foi uma instituição fundada por Sarah Kubitschek, então primeira-dama do Brasil, no ano de 1956. Entre suas principais atividades, estavam ações de educação e prevenção do câncer ginecológico, junto a populações pobres, através do uso de unidades volantes. Para maiores informações, sugiro que visite <http://www.historiadocancer.coc.fiocruz.br/index.php/pt-br/imagens/pioneiras-sociais>.



malária, discutido anteriormente, a falta de instrução da população é uma constante na fala dos médicos, quando se pronunciam. Lembro aqui que *Veja*, quando lançada, trazia como um dos seus objetivos, informar a população brasileira, unindo as diferentes regiões do país. De acordo com seu primeiro editorial, o país não poderia mais ser um “velho arquipélago” dividido pela distância e ignorância (VEJA, 11/09/68). Em certa medida, é isso que a revista tenta fazer em reportagens como essa: um alerta sobre a falta de informação. E, assim, supondo que o leitor tenha poucas informações sobre o tema tratado, a revista informa o funcionamento das doenças, suas causas e possíveis complicações, para que assim seu público leitor possa saber como agir.

Esses aspectos das publicações de *Veja* manifestam-se em outras reportagens. Como disse anteriormente, mesmo que algumas reportagens não tratem diretamente da prevenção, elas instruem com indicações de como proceder, para reconhecer possíveis problemas de saúde. É o caso das reportagens “Rugas de fumo” (VEJA, 22/12/71) e “Jogo do enfarto” (VEJA, 19/09/73). Em ambas as reportagens, tratam-se de temas de interesse coletivo: a primeira fala sobre os problemas decorrentes do consumo de cigarros, enquanto a segunda trata dos riscos de um enfarte. Em “Rugas de fumo” (VEJA, 22/12/71), ao discutir os efeitos do consumo de cigarro, entre homens e mulheres, o médico entrevistado afirma que “ vaidade à parte, as fortes rugas faciais de um homem que fume podem ser um sinal de advertência bem significativo. Talvez um enfarte esteja a caminho” (VEJA, 22/12/71, p. 60). Já em “Jogo do enfarto” (VEJA, 19/09/73), apresenta-se um teste que seria a “mais recente mania da França e é considerado, se não um novo recurso oferecido à medicina preventiva, pelo menos um ‘jogo educativo’” (VEJA, 19/09/73, p.67). Nas duas reportagens, surgem elementos que podem ser utilizados pelas pessoas para descobrirem, previamente, a possibilidade de terem ou não algum problema de saúde e, com isso, terem tempo para procurarem orientação médica. Mesmo que essas reportagens não indiquem diretamente um discurso de prevenção, é preciso lembrar que, conforme discutido anteriormente, as revistas auxiliam na constituição de sentidos (GERZSON, 2012).

Em outras reportagens, a prevenção aparece de maneira muito mais direta, como em “O melhor dos remédios é a prevenção” (VEJA, 26/04/1972, p.56) e “O dia da revisão” (VEJA, 07/03/73). Na primeira delas, trata-se da ação de curandeiros e outros profissionais, que oferecem tratamentos médicos ou medicamento, como se fossem capazes de curar alguma enfermidade. Já em seu início, a revista trata dos “inocentes ou vigaristas [...] descobridores da cura do câncer” (VEJA, 1972, p.56), que oferecem para aqueles pacientes desenganados ou em estágio terminal da doença, alguma possível cura que, no fim, se mostra ineficiente. A

reportagem encerra, tratando da necessidade de se produzirem campanhas “visando à prevenção da doença; há muitos tipos de câncer curáveis desde que tratados em seu início [...] essa parece ser a melhor solução” (VEJA, 1972, p.56). Já a reportagem “O dia da revisão”, ao discutir a tendência de empresas privadas oferecerem exames preventivos aos seus executivos, faz uma analogia entre o homem e o automóvel, para justificar a defesa desses exames. De acordo com Veja,

segundo o dr. José de Souza Meirelles Filho, diretor-presidente do Centro, dinâmicos gerentes atarefados e diretores ‘são sempre mais suscetíveis aos desgastes emocionais que provocam muitos problemas de saúde’. E o centro pretende convencer essas pessoas das necessidades e vantagens do check-up através de folhetos explicativos. ‘Nós não usaríamos a publicidade se as pessoas, em geral, não acreditassem que doenças só acontecem com os outros’, comenta Meirelles. ‘Todos acham imperdoável não levar periodicamente seu carro à revisão mecânica, mas muitas vezes acham um luxo ou desperdício submeter-se a um exame de saúde’. O uso de imagens automobilísticas é freqüente entre os especialistas nesses inventários de saúde. Para o médico Néelson Senise, diretor da clínica Pio XII no Rio de Janeiro, embora o check-up profilático devesse ser um hábito regular de todos os que passam dos quarenta anos muitos se contentam com simples exames parciais. (VEJA, 07/03/73, p.37).

Utilizei um trecho mais longo de citação, por achar importante explorar um pouco mais alguns elementos que essa reportagem possibilita. Primeiramente, o fato de que os mais afetados em sua saúde são os “gerentes atarefados e diretores” e, por isso, precisam de um cuidado maior. Talvez um ponto a ser destacado, e que ainda não tratei, é que esses exames são realizados através de um convênio privado, estabelecido entre o Centro Médico e Cirúrgico de São Paulo e uma empresa de crédito, que aceitaria o parcelamento das despesas médicas em até 24 vezes. Esse ponto nos leva a algo já discutido no início deste trabalho, acerca das propostas defendidas pelo Plano Nacional de Saúde que, de acordo com Cardoso (2013), previa a privatização dos serviços médicos no Brasil, como forma de assegurar a oferta dos mesmos. Isso nos traz também, uma vez mais, ao tipo de leitor a quem a Revista Veja estava direcionada e, além disso, nos ajuda a pensar nos motivos pelos quais determinadas doenças ou problemas de saúde mais “populares”, ou seja, ligados às camadas mais pobres da população, não aparecem com tanta frequência. Conforme discutido na Introdução desta dissertação, Veja é uma revista que possui maior abertura, junto às classes mais altas da sociedade brasileira, e, possivelmente, em razão disso, acaba tratando de assuntos do interesse dessa parcela da população.

Outro ponto que gostaria de destacar é a utilização de “folhetos explicativos”, através dos quais se tenta assegurar a compreensão das pessoas e o seu convencimento, acerca da

importância dos exames preventivos. Tática essa que remonta, de certa maneira, àquilo que as próprias revistas fazem - como a *Veja* que agora analiso - na medida em que divulgam determinados temas, dando maior ênfase a alguns e menor espaço para outros. Ocorre, aqui, um processo de educação, através desses folhetos, que vão atuando no convencimento das pessoas, a respeito da importância de buscar anteceder possíveis problemas de saúde. Conforme nos diz Gerzson (2013), e já citado por aqui, as revistas nos conformam, na medida em que nos oferecem modelos de como estar e se portar no mundo. Assim, de maneira similar àquilo que a empresa da reportagem propõe, ou seja, convencer seus colaboradores a realizarem os exames, as revistas, e, em especial, a *Veja*, fazem circular posições que acabam nos convencendo de determinadas práticas: neste caso, seria a realização de exames preventivos de saúde.

No entanto, não foram apenas os adultos que se tornaram alvos das medidas de saúde do período. De acordo com as reportagens de *Veja*, também houve ações voltadas para as crianças, como uma maneira de educar os adultos, através delas, a exemplo do que foi realizado, durante as primeiras décadas do século XX, e já discutido na seção *Saúde, História e Educação*, do capítulo *Estudos Culturais: uma maneira de olhar*, com Rocha (2003), Stephanou (1999) e Abreu (2010), bem como nas reportagens “O teste da saúde” (VEJA, 12/08/70, p.60), “Os amigos do Dito” (VEJA, 25/11/70, p.84) e “Cartilhas da saúde” (VEJA, 12/01/72, p.56).

A primeira delas, “O teste de saúde”, fala sobre a realização de testes em crianças do primeiro ano primário, para verificar a “situação real da tuberculose no Brasil, para depois combatê-la com eficiência e até pensar num programa longo de erradicação” (VEJA, 12/08/70, p.60). Assim, através de testes realizados em escolas de oito capitais estaduais, buscava-se descobrir quais crianças estavam imunizadas para a tuberculose. Interessante perceber que a reportagem faz uma defesa do uso das vacinas, como mais efetivas para combater a doença, quando comparadas com a dose oral, uma vez que ela “imuniza 80% dos vacinados. O mesmo não se pode dizer da dose oral, cujo índice de imunização é tão variável, que desperta sérias suspeitas, provando que nem sempre o que é mais fácil é o melhor” (VEJA, 12/08/70, p.60). Percebe-se nessa reportagem, como em outras, o papel educativo da mídia, buscando reforçar que uma determinada escolha se mostra mais funcional que outra, contribuindo, assim, para que ocorra uma maior aceitação das campanhas de vacinação em crianças.

Outras reportagens que mostram ações, envolvendo crianças, são “Os amigos do Dito” (VEJA, 25/11/70, p.84) e “Cartilhas da saúde” (VEJA, 12/01/72). Nas duas reportagens, o

mesmo instituto, no caso, a Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica, produziu, em momentos diferentes, materiais didáticos destinados às crianças, que eram distribuídos nas escolas do país. Nessas “cartilhas”, constituídas por histórias em quadrinhos, personagens que convivem com condições de higiene e saúde debilitadas, passam a conhecer e praticar hábitos mais saudáveis, o que acaba levando a uma melhora considerável na qualidade de vida desses personagens. Recupera-se, aqui, uma prática já utilizada pelo movimento higienista e defendida pela revista: “a curto prazo atingir indiretamente os adultos através dos alunos: a longo prazo, formar uma geração que tenha saudáveis hábitos higiênicos”. Rocha (2003) mostrou como, no Estado de São Paulo, entre os anos de 1918 e 1925, ocorreu uma transformação no espaço escolar, que visava atuar na vida dos alunos, de maneira a ensinar hábitos higiênicos que pudessem, assim, chegar às casas dessas famílias. O que a autora observou em seu trabalho também pode ser percebido aqui, nas páginas de *Veja*. Nos dois momentos, trata-se de pensar a prevenção de doenças, através da educação das crianças.

É o caso da reportagem “Os amigos do Dito” (*VEJA*, 25/11/1970), na qual *Veja* trata de uma história em quadrinhos, onde o personagem, “Dito”, sofre de esquistossomose, mas, com a ajuda de um amigo, ele consegue se livrar da doença. O objetivo da publicação é muito claro: educar as crianças sobre os riscos da doença e fazer com que essas informações sejam levadas para dentro das casas, tornando-se acessível também aos adultos. De maneira similar, em “Cartilhas da saúde” (*VEJA*, 12/01/72), a revista trata da distribuição de cartilhas, com informações básicas sobre cuidados com higiene para as populações mais pobres, visando, assim, contribuir, para que se evitem algumas doenças típicas da falta de condições adequadas de higiene.

#### 5.4 ARTICULANDO DISCURSOS

Nas páginas anteriores, tratei de analisar e indicar apontamentos que evidenciam o que se pensava em termos de saúde no Brasil, tomando como ponto de referência a Revista *Veja*. Ao longo da análise que empreendi, que culmina com essa dissertação, foi possível verificar determinados temas, que foram se repetindo, ao longo das matérias e que, na perspectiva que argumento neste trabalho, atuaram na conformação do público leitor de *Veja*. Como discutido anteriormente, é muito difícil determinar como essas reportagens encontravam seus leitores e mesmo como tais matérias contribuíram para a construção de determinadas ideias sobre os temas que discuti por aqui. No entanto, tomando o conjunto teórico, organizado nos capítulos anteriores, é possível tecer algumas considerações.

Primeiramente, uma revista educa, através das posições que veicula (GERZON, 2007). As imagens, os títulos, a orientação do texto jornalístico, a escolha das palavras, em suma, tudo vai contribuindo para a construção da imagem ou discurso que se pretende veicular. As revistas, nesse sentido, atuam enquanto um espaço educativo, ou seja, nos ensinam como proceder em determinadas situações e frente a ocorrências diferentes daquelas do nosso cotidiano. Tomando como exemplo os transplantes, que discuto logo no início deste capítulo, é correto pensar que se tratavam de novidade, para uma parcela significativa da população, no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970. Além de ser um tratamento ainda pouco conhecido, devido ao seu surgimento recente, tal como discutido no início deste trabalho, os transplantes precisavam ser melhor descritos, em seus múltiplos detalhes e nas diversas possibilidades que estavam implicadas em sua prática. O que significa dizer, em outras palavras, que era necessário responder as dúvidas que existiam para aquela sociedade, naquele período específico, sobre esse tema. Trata-se, tal como já discutido, a partir de Ellsworth (2001), de considerar como determinados públicos são imaginados.

E, neste caso, poderíamos pensar aqui, a título de exemplo, algumas das questões que deveriam ocupar as preocupações daquele período: os transplantes funcionam de fato? Um órgão de qualquer pessoa pode ser inserido em outra sem maiores problemas? Por que algumas pessoas morrem após o transplante? A vida continua igual após transplantar seu coração? Questões como essas devem ter ocupado rodas de conversas de pessoas que ouviam notícias de médicos que, ao redor do mundo e no Brasil, realizavam procedimentos da troca de um coração doente por outro saudável, ou, mesmo, um coração artificial, como ilustram várias reportagens destacadas anteriormente. E, supondo que esse tipo de dúvida existisse na população, que realizava a leitura de *Veja*, essas reportagens repercutiam essas questões, atuando enquanto “respostas” às dúvidas de uma sociedade, que passava a conviver com uma nova prática médica.

Cumpria-se, assim, a vocação de *Veja* que, conforme seu primeiro editorial, já citado no início deste trabalho, buscava mudar o Brasil daquele “velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância” (VEJA, 11/09/1968). Convém destacar que essa “ignorância”, por sua vez, aparece em mais de uma oportunidade, quando se discute, na revista, as causas do insucesso de certas campanhas de vacinação, assim como a causa de alguns problemas de saúde, conforme demonstrado na reportagem “Cartilhas da saúde” (VEJA, 12/01/72). Dessa forma, através da publicação dessas reportagens, *Veja* seguia educando a população, acerca dos transplantes, na medida em que fazia circular uma variedade de saberes de ordem médica e científica.

Mas, não foram apenas os transplantes que apareciam na revista. As doenças também ocupavam certo destaque na seção Medicina. Porém, conforme já discutido anteriormente, as doenças não eram tratadas a partir de seus sintomas, causas ou tratamentos mais aceitos ou eficazes. Antes, o que as reportagens trazem é a preocupação em demonstrar como pesquisadores estão envolvidos na busca pela sua cura. Mostra-se, nessas reportagens, como os cientistas estão em luta, nos seus laboratórios, por uma solução para essas enfermidades. O exemplo que melhor ilustra isso é o destaque oferecido, em vários momentos, ao câncer, e como se repete a ideia de que pesquisadores, em várias partes do mundo, procuram por uma alternativa para contribuir no tratamento da doença.

Esse tipo de matéria, assim como aquelas que analisei sobre os transplantes, articula-se na ideia de um Brasil que dá certo, que avança, que vive o “Milagre Econômico”, típico dos Anos Dourados. Essa euforia, que pode ser percebida na propaganda do Regime Militar, se manifesta em veículos de comunicação, como a *Veja*, que, mesmo sofrendo com a repressão do Regime, acaba compartilhando desse tipo de discurso, na medida em que ocupa suas páginas com a divulgação dessas ações.

Dessa forma, na medida em que a *Revista Veja* divulga esse tipo de notícia, ou seja, os avanços da pesquisa médica, na busca por alternativas aos problemas cardíacos, ou mesmo no que diz respeito à busca por novas vacinas e medicamentos, ela está contribuindo para reforçar a compreensão do “Milagre”, típico dos anos do Regime Militar. Para Rose (2001), os discursos devem ser entendidos como um conjunto de enunciados, que constroem a forma como um determinado assunto é compreendido. Assim, ao divulgar os avanços das pesquisas médicas, *Veja* está contribuindo para a construção da ideia do “Brasil que dá certo”. Para deixar mais claro o que estou dizendo, significa pensar que, através das reportagens de *Veja*, nas quais se mostra com detalhes procedimentos médicos e hipóteses testadas, na busca pela cura de doenças, como o câncer ou o prolongamento da vida, através dos transplantes, por exemplo, está se contribuindo com a ideia de que o país vive um período de progresso e que, em breve, passará a ser o Brasil do futuro (MELLO; NOVAIS; 1998)<sup>18</sup>.

Ainda, tomando a noção de discurso de Rose, ocorre, segundo a autora, um processo de “convencimento”, no qual o leitor da revista vai, “através de uma enorme variedade de imagens, textos e práticas” (ROSE, 2001, p. 142), entrando em contato como uma série de notícias, que acabam ensinando esse leitor sobre como enxergar o mundo

---

18 Conforme discutido no Capítulo 1, o chamado “Milagre Econômico” foi uma denominação utilizada no Brasil, durante o período de Ditadura Militar, quando, alinhado ao contexto de desenvolvimento mundial, havia, no país, um clima de grande otimismo quanto ao futuro do Brasil.

e também como se posicionar e o que esperar desse mesmo mundo. De certa maneira, os discursos nos oferecem balizas, que indicam um determinado rumo e, como se fossem marcadores, nos guiam e orientam, tanto em nossas escolhas como também em nossa forma de encarar determinadas situações. E assim, gradativamente, vamos assumindo determinadas posições, as quais passam a soar de forma natural, como se pensássemos isso, desde sempre.

Logo, quando Veja utiliza uma reportagem para falar sobre a necessidade de novos doadores de órgãos, ela está atuando na educação de seus leitores, para se tornarem doadores. É o caso, por exemplo, de algumas das reportagens analisadas aqui, nas quais se tratam das dificuldades em encontrar novos doadores e, por isso, se veicula a ideia da construção de um banco de órgãos, como na reportagem “Cardiobanco” (VEJA, 01/01/1969). Temos aqui aquilo que Rose (2001) apresenta como o caráter “disciplinador” dos discursos, visto que esses ensinam “os sujeitos a seguir certos modos de pensar e agir” (ROSE, 2001, p. 137). Dessa forma, ao veicular reportagens sobre a necessidade de novos doadores de órgãos, Veja está orientando as pessoas acerca de uma maneira de agir, ou, em outras palavras, a revista está ensinando seus leitores a serem doadores de órgãos.

Esse aspecto dos discursos pode ser observado quando percebemos uma alteração no sentido das reportagens analisadas, neste capítulo. Ao analisar o material, pude perceber a presença de temas que se repetiam ao longo das edições e, conforme procurei mostrar no Capítulo 3, foi construindo as categorias que passei a produzir a análise. Além disso, observando a ocorrência dos temas e a seleção das reportagens utilizadas na dissertação, presentes no Quadro intitulado *Relação de Reportagens Analisadas na Dissertação* e presente no *Apêndice*, verifica-se que as matérias referentes à categoria “Procedimentos” aparecem, em sua maioria, ao longo dos primeiros anos selecionados. Ou seja, nos primeiros anos da revista temos um número maior de referências a transplantes e procedimentos cirúrgicos e, na medida em que as edições avançam para os anos de 1970, temos uma diminuição na ocorrência dessas reportagens, conforme evidenciado no Quadro 3.

**Quadro 3:** Número de ocorrência das categorias por ano

Categorias	Nº de reportagens	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Procedimentos	21	7	8	2	3	1	0	0
Pesquisas e Doenças	20	2	2	5	6	1	2	2
Prevenção	14	0	2	5	3	2	3	0

Ao analisar este quadro se observa que, na medida em que avançamos em direção aos anos de 1970, passam a aparecer mais reportagens que tratam das doenças e pesquisas médicas. Mesmo que a amostragem seja pequena, acredito que ela seja significativa para mostrar que ocorre uma alteração nos temas e no enfoque dado à saúde, por parte da Revista Veja. E, retomando às posições de Ellsworth (2001), já discutidas aqui, entendo que essa mudança reflete uma transformação no entendimento que existia sobre saúde no período. Inicialmente, durante os anos de 1960, período do “milagre”, a ênfase das reportagens se mostra nos procedimentos cirúrgicos, ou no caso, nos transplantes, o que permite que se associe a medicina brasileira com os avanços médicos internacionais. Por outro lado, conforme passam os anos, temos um aumento nas reportagens que tratam das doenças, dos esforços na busca por tratamentos e o início da ocorrência de reportagens que versam sobre a prevenção dessas mesmas doenças.

As doenças, por sua vez, alinhadas na categoria “Pesquisas e doenças”, trazem uma ênfase nas pesquisas que procuram novos tratamentos para essas enfermidades. Essas reportagens também acabam por atuar, no meu entendimento, conectando as outras duas categorias, visto que, ao mesmo tempo em que reforçam a ideia dos avanços científicos ao redor do mundo, também apresentam maiores informações acerca das doenças, cumprindo, dessa forma, seu papel educativo (GERZSON, 2007). Assim, ao oportunizar mais espaço para reportagens que abordam as doenças, suas características, possíveis causas e soluções, Veja acaba dando uma certa abertura para se pensar a prevenção dessas enfermidades, como visto nas reportagens que tratam da distribuição de cartilhas informativas para a população. O que não significa que a revista tenha se tornado uma defensora das medidas preventivas, mas, sim, que suas reportagens acabam se encaminhando nessa direção, na medida em que aumenta a frequência com que as enfermidades passam a ocupar os espaços, que antes pertenciam aos procedimentos médicos, como os transplantes.

Devido a isso, ao observar o “Quadro 3: Número de ocorrência das categorias por ano”, percebo que ocorre uma mudança na compreensão, acerca do caminho a seguir, em se tratando de saúde pública. Talvez, devido ao fato do Plano Nacional de Saúde, de 1967, representar um valor muito alto de investimento (VEJA, 11/02/1970), a solução encontrada tenha sido repensar a prevenção enquanto estratégia de saúde. Importante, no entanto, deixar claro que essa estratégia já se fazia presente no movimento higienista das primeiras décadas do século XX, e que ela não havia desaparecido, mesmo durante os anos de 1960, como demonstram as campanhas de vacinação. No entanto, ao menos em se tratando de Veja, pode-se perceber que tanto as doenças como a prevenção constituem temas praticamente



inexistentes nos seus primeiros anos de circulação, mas que ganham mais espaço, ao longo dos anos de 1970.

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta dissertação, ainda quando estava em processo de construção do projeto de pesquisa, formulei algumas questões, que serviriam como norteadoras deste trabalho. De certa forma, a partir delas busquei produzir uma análise que pudesse identificar e tornar visível o que se pensava sobre saúde, no período selecionado (1968- 1974). Acredito que, ao longo do texto, apresentei elementos que justificaram minhas escolhas, assim como contribuíram para a construção de uma resposta coletiva a tais questões. Entre esses elementos, posso citar a construção de um referencial teórico, que permitisse produzir minha análise, como também a identificação do contexto histórico, no qual as reportagens eram publicadas. Além disso, a seleção do material e a consequente construção de categorias, que me permitiram olhar de uma forma mais produtiva o acervo, são elementos que ajudam a demonstrar a validade deste trabalho. No entanto, considero importante explicitar minhas respostas àquelas questões, evidenciando os acertos e as possíveis lacunas que posso ter deixado. Assim, no que segue, tentarei responder, de maneira mais direta, as questões formuladas. ainda no começo da pesquisa, as quais não serão tratadas na mesma ordem em que apareceram no início deste trabalho.

Inicialmente, é importante deixar claro que, abordar um tema como a saúde e suas implicações, como as doenças, seus tratamentos e suas dinâmicas particulares, em um momento histórico anterior ao nosso, constitui uma tarefa difícil, visto que se olha para o passado, a partir das questões que nos cercam no presente. Buscando contornar esse tipo de dificuldade, sugere-se que o pesquisador utilize uma variedade de fontes, que possam auxiliá-lo na reconstituição desse passado, dando-o a conhecer por uma variedade de impressões, presentes nessas fontes históricas. Assim, através da utilização de uma gama variada de documentos, o historiador vai construindo esse cenário, passando a compreender como era possível que surgissem e operassem determinadas ideias sobre saúde. E, aqui, talvez possa residir uma dúvida ao leitor desta dissertação, no caso, quanto à escolha de apenas uma publicação para servir como fonte histórica. Esse tipo de questionamento nos leva à nossa primeira questão: a Revista Veja mostra-se potente, enquanto acervo, para realizar uma análise desse tipo, como a qual me propus realizar, ao longo deste trabalho?

Para tratar da potência da Revista Veja, como um objeto de análise, acerca da saúde no Brasil, em um dado momento histórico, convém considerar que ela atua como uma importante fonte de informação para seus leitores. Apresentando-se como uma Revista, que assumiu a missão de informar, acerca dos novos rumos do mundo (desde seu viés marcadamente liberal,

tal como expresso na *Introdução*, na seção *A Revista*, desta dissertação), em suas diversas áreas, desde seu lançamento até os dias de hoje, *Veja* procura deixar “bem informado” seu leitor – e aqui me eximo, neste momento, de fazer qualquer comentário acerca da parcialidade da *Revista*. No período analisado, as notícias internacionais aparecem frequentemente em suas páginas, bem como as realizações de profissionais brasileiros. No entanto, a revista oferece uma ênfase em procedimentos e tratamentos, que podem ser entendidos como importantes a uma determinada parcela da sociedade. Até mesmo se considerarmos quem constitui o público leitor de *Veja*, torna-se compreensível o porquê de determinados temas estarem presentes, como os transplantes e outros avanços médicos, enquanto outros problemas mais “populares” não são tão recorrentes.

Dessa maneira, entendo que a *Revista Veja* seja um material potente para se pensar a saúde, entre as décadas de 1960 e 1970, na medida em que delimitamos o tipo de questões com as quais estaremos tratando. Como dito anteriormente, determinados temas são mais presentes que outros, e, por isso, acredito que a *Revista* seja importante para se pensar uma articulação entre saúde e ciência, por exemplo. Ou ainda, para analisar em que medida as pesquisas médicas do período estavam chegando aos leitores brasileiros e o quanto esses avanços representavam, de fato, uma melhora na condição de vida dos pacientes. Outro aspecto que parece emergir das páginas da revista diz respeito à atuação dos médicos, uma vez que são constantemente chamados a se posicionarem nas reportagens da *Revista*, que tratam de uma grande diversidade de temas.

O que nos leva a outra questão: a que tipo de conhecimentos ou projeto de país podemos relacionar os discursos identificados? É possível verificar um projeto de país articulado nas páginas da revista ou seria necessário um corpo documental mais amplo para tal observação? Inicialmente, em seus primeiros anos de publicação, entre 1968 e 1970, a seção *Medicina* apresenta reportagens que evidenciam a vinculação entre medicina e avanços tecnológicos, bem como a valorização dessa aproximação. Já nos anos seguintes, no caso, avançando na década de 1970, nota-se uma preocupação com a capacidade de operacionalização do Plano Nacional de Saúde (PNS), de 1967, bem como uma ênfase maior em questões relativas à prevenção de doenças.

Entendo, analisando as reportagens e considerando a conjuntura histórica presente no período, que as matérias publicadas em *Veja* refletem uma ideia de país alinhada àquela defendida pelo então Regime Militar. Por um lado, ao vincular reportagens que vinculam tecnologia e saúde, e como a primeira pode trazer inúmeros benefícios para a segunda, mostra-se o Brasil que avança e que progride, que é a personificação do “país do futuro”. Por

outro lado, ao tratar das dificuldades de viabilizar o Plano Nacional de Saúde, ou mesmo, ao fazer tantas referências a pesquisas, na busca por soluções de doenças, ou ainda, na procura por remédios, a revista apresenta uma posição compartilhada com o então Governo Militar, e presente no PNS, que entendia a necessidade de transformar a saúde num serviço oferecido por hospitais privados, e vinculados apenas aos trabalhadores que possuíssem emprego formal.

Em se tratando do período analisado, pude perceber que as condições de oferecimento dos serviços de saúde passavam por um momento de transição, no qual o Estado deixava de centralizar os serviços de saúde e, a partir das alterações promovidas pelo então Governo Militar, acabava produzindo um esvaziamento do Ministério da Saúde, enquanto que se percebia o aumento da importância dos serviços privados de saúde. Isso fica evidente ao observar a diminuição do investimento em saúde, decrescente no período, quando comparado ao PIB da mesma época. Compreendo, assim, que as reportagens se alinham com as proposições do Governo Militar, principalmente, se considerarmos o proposto pelo PNS de 1967, o que acaba por indicar que, através da Revista *Veja*, é possível identificar um determinado projeto de país, mesmo que o objetivo desta dissertação não seja esse.

E sobre a saúde propriamente dita: o que se falava? Quais eram os discursos colocados em movimento? Ou, como podemos caracterizá-los? Acredito que essas questões ficaram claras, ao realizar a leitura do capítulo *Saúde nas páginas de Veja*, no qual apresento os elementos que se repetem, ao longo das reportagens, ao mesmo tempo em que vinculo esses elementos com o contexto histórico do momento. De qualquer maneira, parece-me correto pensar que os transplantes, os avanços científicos na área médica, as novas possibilidades para prolongar a vida das pessoas e a vinculação disso à pesquisa científica vão, repetidas vezes, aparecendo ao longo das reportagens. E, conforme argumentei anteriormente, se percebe, mesmo que timidamente, a transformação das reportagens que, gradativamente, deixam de tratar exclusivamente da cura das enfermidades e passam a apresentar formas de preveni-las.

Quanto ao processo de educação em saúde, percebo que a Revista *Veja* contribui, mesmo que essa não pareça ser, sua motivação principal, com a educação de seus leitores, em se tratando de questões de saúde. Ao descrever o funcionamento de órgãos e doenças, a revista acabava por instruir seus leitores acerca desses temas. Dessa forma, ao lerem as reportagens sobre saúde da revista, o consumidor passava a conhecer as novidades da indústria farmacêutica para a cura de enfermidades, as novas pesquisas que despontavam pelo mundo, bem como características de determinadas doenças. Se, por um lado, como argumentei anteriormente, *Veja* trata das doenças como um meio para falar de pesquisas na

área da medicina, por outro lado, ao falar sobre essas doenças e mesmo das pesquisas que tratavam sobre elas, a revista acabava contribuindo para o processo de educação em saúde mais amplo desse público leitor.

No entanto, mesmo que a Revista Veja tenha se mostrado um material relevante para o mapeamento de questões relativas à saúde no Brasil, dos anos de 1960 e seguintes, é correto pensar que o uso de outras fontes históricas, que complementassem a construção desse panorama, pudesse contribuir para um quadro mais completo das diversas forças em ação, naquele período. Outro elemento a ser considerado diz respeito à extensão de tempo selecionado para a análise. É provável que um espaço maior de tempo pudesse oferecer novos subsídios, para se pensar as transformações pelas quais a sociedade brasileira estava passando no período. Além disso, um espaço de tempo maior permitiria produzir um mapeamento mais amplo dessa sociedade, principalmente, no que se diz respeito às questões de saúde. Em parte, devido às novas descobertas na área médica, que começavam a transformar a relação das pessoas com seu corpo, e, por outro lado, pelos anseios de uma sociedade, que deixava de ser majoritariamente rural, e passava a ter a maioria da sua população vivendo nos centros urbanos. Dessa forma, entendo que um período de tempo mais amplo, associado ao uso de uma maior variedade de fontes, poderia oferecer aos pesquisadores, que se interessarem pela temática, uma perspectiva mais ampla, um quadro mais completo e, assim, uma reconstrução mais fidedigna da sociedade brasileira daquele período. Isso tudo com suas tensões e anseios, que ganhavam corpo, ao mesmo tempo em que se passava a contestar o Regime Militar, iniciado em 1964.

A partir desta compreensão, acredito que o trabalho, que agora encerro, representa um passo importante na construção do conhecimento sobre a saúde e suas condições no Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970, visto que apresenta um panorama geral, mesmo que incompleto, do tema em questão. Entendo que esta dissertação, ao não se pretender como uma produção definitiva sobre o assunto, mas como uma peça de um grande mosaico ainda incompleto, pode servir como uma pequena contribuição ao mapeamento das questões sobre saúde, nas décadas citadas. Com sua escrita, procurei acrescentar ao tema, de maneira a colaborar com o avanço das discussões acerca da saúde no Brasil, suas condições de oferta, bem como os caminhos que devemos ou podemos seguir, a partir do ponto onde estamos.

Pensar a saúde no Brasil, bem como a sua articulação com a Educação, envolve, necessariamente, olhar para trás e verificar quais caminhos foram percorridos e como esses caminhos nos levaram ao ponto onde estamos hoje. Isso para que, a partir desse processo de conhecer nossa trajetória, possamos encontrar os pontos de ruptura, assim como os de

continuidade, os erros e os acertos das decisões que foram tomadas e, dessa forma, contribuir para buscar a construção de um presente mais justo, no qual o acesso à Saúde venha a ser, de fato, um direito assegurado para todas as pessoas.

## 7 – REFERÊNCIAS

ABREU, Jean Luiz Neves. **Educação sanitária e saúde pública em Minas Gerais na primeira metade do século XX.** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v.17, n.1, jan.mar. 2010. P.203-209.

AMARAL, Jonathan Henrique. **Pedagogias de gênero na divulgação científica da Revista *Mente&Cérebro*.** Porto Alegre: UFRGS, 2013. 130p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2013.

BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **A História da Vida Privada no Brasil : contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 411 – 438.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **História da Saúde Pública no Brasil.** Porto Alegre, Ática Editora: 2011.

BRAILE, Domingo Marcolino ;GODOY, Moacir Fernandes de. História da cirurgia cardíaca no mundo. Rev. Bras. Cir. Cardiovasc. São José do Rio Preto, v.27, n.1, p.125 – 136, março 2012.

BURKE, Peter. **A Escola do Annale (1929 – 1989) – A Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo: Unesp, 1997.

CARDOSO, Felipe Monte. **A saúde entre os negócios e a questão social: Privatização, Modernização e Segregação na Ditadura Civil-Militar (1964-1985).** 207p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). UNICAMP, Campinas, 2013

CARDOSO, Zenilda Sartori. Ação artística “Doações do Corpo”: tensionamentos na intersecção entre arte e a ciência. In. SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; SUSIN, Loredana; ZAGO, Luiz Felipe. (Orgs). **Formação de Professores/as em um mundo em transformação.** Santa Cruz do Sul, EDUNISC: 2014. P.92- 107.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In.:MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo, Editora Contexto: 2012. P.71- 89.

CORDEIRO, Franciele Roberta. **Eu decido meu fim? A mídia e a produção de sujeitos que governam sua morte.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem) UFRGS, Porto Alegre, 2013.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In.:MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo, Editora Contexto: 2012. P.141 – 157.

COSTA, Iseu Affonso da. História da cirurgia cardíaca brasileira. Rev. Bras. Cir. Cardiovasc. São Paulo, v.13, n.1, p. 1 – 7, jan. 1998.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e Educação – um panorama. In:SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org). **Cultura, Poder e Educação: um debate sobre estudos culturais em educação.** Canoas: Editora da Ulbra, 2011. P.107 – 120.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte. Na produtiva confluência entre Educação e Comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. In: 36ª RN ANPED, Goiânia, out. 2013. GT 16ª “Educação e Comunicação”. Disponível em: [http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_aprovados/gt16\\_trabalhos\\_pdfs/gt16\\_2912\\_texto.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_2912_texto.pdf). Acessado em 15 de Julho de 2015.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, Ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>. Acessado em 20 de Setembro de 2015.

DINIZ, André; CUNHA, Diogo Machado da. **A República cantada** – do choro ao funk, a história do Brasil através da música. Rio de Janeiro, Zahar: 2013.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In.: MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto: 2012. P.57-70.

ELLSWORT, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P.7 – 77.

FARIA, Lina; COSTA, Maria Conceição da. Cooperação Científica Internacional: Estilos de Atuação da Fundação Rockefeller e da Fundação Ford. In.: *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 49, no 1, 2006, pp. 159 a 191. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dados/v49n1/a07v49n1.pdf> Acessado em: 20 de novembro de 2016.

FAUSTO, Bóris. **A História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora EDUSP, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n.1, p.151-162, jan/jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** – A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GENOVEZ, Patrícia Falco; VILARINO, Maria Terezinha B. **A Guerra e a Cooperação Sanitária no Sertão do Rio Doce/Brasil: O Cotidiano e a Política Internacional**. In.: MARINHO, André Mota; CAMPOS, Cristina (Orgs). *Racionalidades em Disputa – Intervenções da Fundação Rockfeller na Ciência, Medicina e Práticas Médicas do Brasil e América Latina*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD; G Casa de Soluções e Editora, 2015. P.121 – 124.

GERZSON, Vera Regina Serezer. **A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal** - os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 164p. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais** – morfologia e história São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **A História da Vida Privada no Brasil : contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 489 – 558.

GONÇALVES, Alana Martins. Estilo de vida e a medicalização do cotidiano através da prática de atividades físicas. In. SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; SUSIN, Loredana; ZAGO, Luiz Felipe. (Orgs). **Formação de Professores/as em um mundo em transformação**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC: 2014. P.60-73.

GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In.: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. P.227-260.

HACKING, Ian. **The Cartesian body**. BioSocieties, London, n. 1, p.13-15, 2006.

HAMBURGER, Esther. Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **A História da Vida Privada no Brasil : contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 439 – 487.

HARWOOD, Valerie. Theorizing Biopedagogies. In.: WRIGTH, Jan; HARWOOD, Valerie. **Biopolitics and the “Obesity Epidemic” – Governing Bodies**. Nova York: Routledge, 2009. P.15 – 30.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

IBGE. **Indicadores de Saúde IBGE 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv42597.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.

ISTOÉ, Mídia Kit da Revista. Editora 3, 2015. Disponível em: <http://editora3.com.br/istoe.php>. Acessado em 29 de Julho de 2015.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. P.35-86.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In.: MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto: 2012. P.122-140.

LIMA, Ana Luce Girão S. de Lima; PINTO, Maria Marta S. Fontes para a História dos 50 anos do Ministério da Saúde. In.: História, ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. Vol. 10 (3): 1037-51, set-dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n3/19311.pdf> . Acessado em: 20 de novembro de 2016.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. P.111 – 154.

MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de. Introdução: Pelos caminhos da Imprensa no Brasil. In.:MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. P.7-15.

MATOS, Olgária C. F. **Paris 1968**: As barricadas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MELLO, João Manuel Cardoso de.; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **A História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 559-658.

MENICUCCI, Telma Maria Gonçalves. **Público e Privado no Brasil**: Atores, Processos e Trajetória. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 402p. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2003.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In.:MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto: 2012. P.17-30.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo, Editora Contexto: 2013.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. **As pestes do Século XX**: Tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

ORTIZ, Renato. Revistando o tempo dos militares. In.: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs). **A ditadura que mudou o Brasil – 50 anos do golpe de 1964**. Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2014. P.68 – 76.

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo. **Guerra Fria e anticomunismo nas histórias em quadrinhos do Capitão América de 1954**. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/Rodrigo%20Aparecido%20de%20Ara%C3%BAjo%20Pedroso.pdf>. Acessado em 15 de Julho de 2015.

PONTE, Carlos Fidelis. Política econômica e alterações nos quadros epidemiológicos e sanitários do país. Disponível em: [http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/upload/na%20corda%20bamba/cap\\_6.pdf](http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/upload/na%20corda%20bamba/cap_6.pdf). Acessado em: 20 de novembro de 2016.

PRUINELLI, Lisiane. **Mídia e doação de órgãos**: a produção de sujeitos doadores. UFRGS, 2007. 78p. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

RIPOLL, Daniela. “**Não é ficção científica, é ciência**”: a genética e a biotecnologia em revista. UFRGS, 2001. 125p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

ROCHA, Heloísa Pimenta da. **Educação escolar e higienização da infância**. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, abril 2003, p. 39-56.

\_\_\_\_\_. Higienização dos Costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925). Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies**: an introduction to the interpretation of visuals materials. Londres: Sage, 2001.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil**: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000). Porto Alegre : UFRGS, 2002. 285p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

SOBRAL, Antônio Luís Tubino. **Sintaxes pedagógicas no fotojornalismo da Veja sobre o Agronegócio**. Canoas: ULBRA, 2013. 93p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, ULBRA, Canoas, 2013.

STEPHANOU, Maria. **Educar e Tratar**: discursos médicos nas primeiras décadas do século XX. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 450p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 1999.

STRIM, Cíntia. **Educando o corpo feminino**: saúde como um mais, corpo molecular e otimização da beleza na Revista Claudia. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 129 p. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação, UFRGS, Porto Alegre, 2011.

TRINTIN, Jaime Graciano; ROSSONI, Sandra dos Reis M. Os anos dourados do capitalismo. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/1759>. Acessado em: 12 de Julho de 2015.

VALIM, Busko Alexandre. **Imagens Vigeadas** - Uma história social do cinema no Brasil no alvorecer da Guerra Fria, 1945 - 1955. Niterói: UFF, 2006. 325 p. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História, UFF, Niterói, 2006.

VEJA, Mídia Kit da Revista. Editora Abril, Março de 2015. Disponível em: <http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/internet/informacoes-gerais>. Acessado em 29 de Julho de 2015.

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à Educação. In.: **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e ver a Educação**. Porto Alegre; Lamparina Editora, 2007. P71 – 90.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>. Acessado em: 22 de Setembro de 2015.

WRIGTH, Jan; HARWOOD, Valerie. **Biopolitics and the “Obesity Epidemic”** – Governing Bodies. Nova York: Routledge, 2009.

#### 7.1 – REPORTAGENS ANALISADAS NA DISSERTAÇÃO

A epidemia nacional do medo. VEJA. 4 de outubro de 1972. P.24-29.

A fábrica de genes. VEJA. 10 de junho de 1970. P.84-85.

A marca da defesa. VEJA. 16 de setembro de 1970. P.71.

A vacina na pracinha. VEJA. 04 de junho de 1969. P.47.

Ataque à Malária. VEJA. 09 de maio de 1973. P.54.

Bebês de geladeira. VEJA. 21 de julho de 1971. P.47.

Cardiobanco, o coração a prazo curto. VEJA. 01 janeiro de 1969. P.47.

Cartilhas da saúde. VEJA. 12 de janeiro de 1972. P.56.

Coração Atômico. VEJA. 13 de setembro de 1972. P.54

Coração Paulista. VEJA. 27 de janeiro de 1971. P.54.

Corações Made In Brazil. VEJA. 22 de novembro de 1971. P.54-56.

É bem mais fácil prevenir. VEJA. 14 de julho de 1971. P.68.

Geneterapia. VEJA. 29 de dezembro de 1971. P.36.

Jogo do enfarte. VEJA. 19 de setembro de 1973. P.67.

Mal crônico. VEJA. 26 de junho de 1974. P.67.

Mãos de Ouro. VEJA. 11 de setembro de 1968. P.46-48.

Números em Jogo. VEJA. 11 de fevereiro de 1970. P.60-61.

O código da vida VEJA. 23 de outubro de 1968. P.52.

O melhor dos remédios é a prevenção. VEJA. 26 de abril de 1972. P.47.

O ônibus do câncer. VEJA. 26 de outubro de 1972. P.64.

O teste de saúde. VEJA. 12 de agosto de 1970. P.60.

O trágico e humano sentido da morte. VEJA. 11 de setembro de 1968. P.51.

Os amigos do Dito. VEJA. 25 de novembro de 1970. P.84.

Para ganhar tempo. VEJA. 25 de agosto de 1971. P.40.

Pistas do Câncer. VEJA. 09 de maio de 1973. P.52.

Quanto vale um coração quando o cérebro morre? VEJA. 15 de janeiro de 1969. P.45.

Rugas do fumo. VEJA. 22 de dezembro de 1971. P.62.

Testes do absurdo. VEJA. 09 de setembro de 1970. P.48.

Um ano de transplantes. VEJA. 4 de dezembro de 1968. P.49.

Um coração de Plástico. VEJA. 09 de abril de 1969. P.47.

Vale a pena o transplante?. VEJA. 27 de agosto de 1969. P.46 – 49.

## APÊNDICE

### 1 - Relação de Reportagens Analisadas na Dissertação

Nº	Data de Publicação	Reportagem	Categoria	Páginas
1	11/09/68	As mãos de ouro	Procedimentos	46 – 48
2	11/09/68	O Trágico e humano sentido da morte	Procedimentos	51
3	18/09/68	O cérebro ferido	Procedimentos	75-76
4	30/10/68	O coração Mecânico	Procedimentos	44-45
5	13/11/68	O novo coração russo	Procedimentos	52
6	20/11/68	Tirando a Raiva do Cérebro	Procedimentos	49
7	04/12/68	Um ano de transplantes	Procedimentos	49
8	01/01/69	Cardiobanco, coração a prazo curto	Procedimentos	47
9	15/01/69	Quanto vale um coração se o cérebro morre?	Procedimentos	45
10	09/04/69	Um coração de plástico	Procedimentos	47
11	30/04/69	O impossível enxerto de olho	Procedimentos	54
12	14/05/69	Cinco meses com o aço no músculo	Procedimentos	45
13	30/07/69	O coração zero quilômetro	Procedimentos	57
14	27/08/69	Vale a pena o transplante?	Procedimentos	46-49
15	12/11/69	Sexo e silicone	Procedimentos	72
16	13/05/70	Os dois corações	Procedimentos	50
17	27/01/71	O coração Paulista	Procedimentos	54
18	28/07/71	Os braços aos seus donos	Procedimentos	38
19	22/11/71	Corações Made in Brazil	Procedimentos	54-56
20	13/09/72	O coração atômico	Procedimentos	54
21	23/10/68	O código da vida	Pesquisa e Doenças	52
22	25/12/68	O verão antigripal	Pesquisa e Doenças	38
23	19/03/69	A nova arma contra as mutantes	Pesquisa e Doenças	49
24	17/12/69	Na pista dos vírus	Pesquisa e Doenças	68 - 69
25	10/06/70	Fábrica de genes	Pesquisa e Doenças	84-85
26	09/09/70	Testes do absurdo	Pesquisa e Doenças	48
27	28/10/70	A pílula azul	Pesquisa e Doenças	54
28	25/11/70	O sangue frio	Pesquisa e Doenças	84
29	31/03/71	O fígado protegido	Pesquisa e Doenças	61
30	23/06 /71	Uma pílula por mês	Pesquisa e Doenças	63
31	21/07/71	Bebes de Geladeira	Pesquisa e Doenças	47
32	25/08/71	Para ganhar tempo	Pesquisa e Doenças	40
33	29/12/71	A geneterapia	Pesquisa e Doenças	36
34	04/10/72	A epidemia nacional do medo	Pesquisa e Doenças	24-29
35	08/11/72	Trocando medulas	Pesquisa e Doenças	67
36	09/05/73	Ataque à Malária.	Pesquisa e Doenças	54
37	09/05/73	Pistas do Câncer	Pesquisa e Doenças	52
38	03/10/73	Em busca da vacina	Pesquisa e Doenças	50
39	26/06/74	Mal crônico	Pesquisa e Doenças	67
40	04/06/69	A vacina na pracinha	Prevenção	47
41	05/03/69	O invasor pode vir da Lua	Prevenção	63

42	23/07/69	E depois da glória a prisão	Prevenção	66-67
43	01/04/70	O caos celular	Prevenção	54
44	30/09/70	A mente controlada	Prevenção	50
45	08/04/70	O medo do calor	Prevenção	61
46	12/08/70	Testes da saúde	Prevenção	60
47	16/09/70	A marca da defesa	Prevenção	71
48	25/11/70	Os amigos do Dito	Prevenção	84
49	14/04/71	Não faça amor	Prevenção	35
50	14/07/71	É bem mais fácil prevenir	Prevenção	68
51	03/11/71	Missão cumprida	Prevenção	53
52	22/12/71	Rugas do fumo	Prevenção	62
53	12/01/72	Cartilhas da saúde	Prevenção	56
54	26/04/72	O melhor dos remédios é a Prevenção	Prevenção	55
55	26/10/72	O Onibus do Câncer	Prevenção	64
56	07/03/73	O dia da revisão	Prevenção	37-38
57	19/09/73	O jogo do enfarte	Prevenção	67